

Elmar Carvalho

ROSA DOS VENTOS GERAIS

3ª edição, revista, aumentada e melhorada.

Contém fortuna crítica.

2016, copyright by Elmar Carvalho

Indicadas a fonte e a autoria,  
qualquer parte deste livro pode ser reproduzida.

Revisão  
Valter Lima Alves  
Elmar Carvalho

---

C331r          Carvalho, Elmar  
Rosa dos Ventos Gerais – 3ª edição, revista,  
aumentada e melhorada / Elmar Carvalho  
Teresina: Gráfica //, //,  
2016  
XXX p.  
Literatura brasileira – Poesias  
CDD B869.1

---

Está escrito: “O homem não deve viver só de  
pão.”

Jesus

A educação de um homem deve começar  
pela poesia.

Confúcio

Se tens dois pães, vende um deles para  
comprares flores que dulcifiquem a tua vida.

Maomé

## ÍNDICE (não ativado ou indexado)

EXPLICAÇÕES NECESSÁRIAS?.....	000
ENCONTRO, POESIA E VIDA.....	000
CANCIONEIRO DO AR.....	000
Autobiografia Zodiacal <<.....	000
A Ponte na Memória <<.....	000
Amor de Salvação <<.....	000
O Sexo dos Anjos <<.....	000
A Maldição do Poeta <<.....	000
Emoção no Circo <<.....	000
Cântico do Corpo Amado <<.....	000
Elegia do Amor Final <<.....	000
A Casa no Tempo <<.....	000
Olhos <<.....	000
Meu Coração.....	000
Sal Sol Solidão.....	000
O Búzio.....	000
Fuga ao Passado.....	000
Josélia.....	000
Amad' amor.....	000
Elegias Inominadas.....	000
Mulher na Lagoa do Portinho.....	000
A Morte do Cãozinho.....	000
Noturno em Dor Maior.....	000
Enigma.....	000
Egocentrismo.....	000

Trabalho de Cestaria e Renda.....	000
Sex-Appeal.....	000
No Reino do Surreal.....	000
I - Futebol.....	000
II - Basquetebol.....	000
III - Voleibol.....	000
Alguns Haicais.....	000
Simbiose Amorosa.....	000
Amor.....	000
Ascensão.....	000
Chuva.....	000
Trovão.....	000
Relâmpago.....	000
Poema da Mulher Amada.....	000
A Ero Moça.....	000
Música Viva.....	000
Um Lance de Búzios.....	000
(In)definição.....	000
Mística.....	000
O Poeta e o Inseto.....	000
O Círculo se Fecha.....	000
Gran Finale.....	000
Vida in Vitro<.....	000
Sexo<.....	000
Auto-Apresentação<.....	000
Eterno Retorno<.....	000
Rompimento<.....	000
Insônia<.....	000
Na Noite <.....	000
Lírica 2.222<.....	000
Tragicomédia<.....	000

Egocentrismo<.....	000
Tédio<.....	000
Realidade Fantástica<.....	000
Em Transe <.....	000
Poesia Cósmica <.....	000
(Ir)real <.....	000
Rei <.....	000
Egocentrismo <.....	000
As Moscas e o Tempo <.....	000
Pintura <.....	000
Ceticismo <.....	000
Sacrifício <.....	000
Soneto da Solidão <.....	000
Coisa Nenhuma <.....	000
Um Poema de Amor <.....	000
Encontro <.....	000
Amor Concreto <.....	000
Metapoema <.....	000
Galo <.....	000
Amor <.....	000
Flagrantes <.....	000
Amor Cigano <.....	000
Musa Medusa <.....	000
Autobiografia <.....	000
CANCIONEIRO DO FOGO.....	000
Galo Magro <.....	000
Cidade Grande <.....	000
Alegoria da Fome <.....	000
Sonata em Dor Maior <.....	000

Moisés <.....	000
A Fome <.....	000
O Protesto do Judas <.....	000
Inflação <.....	000
O Favelado <.....	000
Guarita <.....	000
Elementos Elementares <.....	000
Romantismo Revolucionário <.....	000
7 de setembro <.....	000
I Ato.....	000
II Ato.....	000
Palavras da Liberdade <.....	000
Sou Poeta <.....	000
 CANCIONEIRO DA TERRA E DA ÁGUA.....	 000
 Paisagem Marinha <.....	 000
Marítima <.....	000
Perdição <.....	000
Parnaíba Revisitada <.....	000
Mar(ulho) no Tabocal <.....	000
Vento na Alma e nos Cabelos <.....	000
Labirinto Tinto de Sangue <.....	000
Paulicéia <.....	000
Recife <.....	000
Flagrantes de Belém <.....	000
Flagrantes de Teresina <.....	000
3 Postais de Teresina.....	000
Postal I.....	000
Postal II.....	000
Postal III.....	000

Noturno de Oeiras <.....	000
Noturno do Cemitério Velho de Oeiras <.....	000
Elegia a Campo Maior <.....	000
Cromos de Campo Maior <.....	000
El Pacificador <.....	000
Fazenda Tombador <.....	000
3 Postais de Parnaíba <.....	000
Postal I.....	000
Postal II.....	000
Postal III.....	000
Águas e Pedras: Tributo a Luz I(s)lândia <.....	000
Barras das Sete Barras <.....	000
Amarante <.....	000
Lagoa do Portinho <.....	000
Natureza Viva <.....	000
Livramento: Pedra e Abstração <.....	000
Sete Cidades - Roteiro de um Passeio Poético e Sentimental <.....	000
 CANCIONEIRO DOS VENTOS GERAIS.....	 000
 Desiderata <.....	 000
A Zona Planetária <.....	000
O Sistema Planetário.....	000
Mercúrio.....	000
Vênus.....	000
Terra.....	000
Marte.....	000
Júpiter.....	000
Saturno.....	000
Urano.....	000
Netuno.....	000

Plutão.....	000
Dalíliada.....	000
Álbum de Figurinhas <.....	000
Desastre Ecológico <.....	000
Última Cartada <.....	000
Deus, Deuses e o Nada <.....	000
PoeMitos da Parnaíba <.....	000
Alain Delon.....	000
Derocy.....	000
Meio-Quilo.....	000
Alarico da Cunha.....	000
Lobaia.....	000
Parassi.....	000
Mestre Ageu.....	000
Simplicão.....	000
Xigau.....	000
Jibóia.....	000
Hosana.....	000
Boa Idéia.....	000
Rodrigão.....	000
Maria das Cabras.....	000
Marechal.....	000
João Orlando.....	000
Pacamão.....	000
Expedito Maciel.....	000
Luse.....	000
Mário Reis.....	000
Bernardo Carranca.....	000
Zé Bispo.....	000
Conde Falido.....	000
Maria Onça.....	000

Cego Bento.....	000
AUTO-ENTREVISTA <.....	000
FORTUNA CRÍTICA.....	000
SÍNTESE BIOGRÁFICA.....	000

## EXPLICAÇÕES NECESSÁRIAS?

Comecei minha vocação literária aos dez anos de idade, quando fui morar na zona rural de Campo Maior. Acostumado com o brilho, o barulho e o movimento da cidade, se abateu sobre mim uma grande tristeza. Por este motivo, à falta de outra diversão, comecei a ler desesperadamente, primeiro os livros da pequena biblioteca de meu pai, e depois os que minha madrinha Mirozinha me enviava, sendo que logo devorei todos os livros da biblioteca do Grupo Escolar Valdivino Tito, do qual ela era professora; em seguida passou a enviar-me, por empréstimo, através de meu pai, quando este ia à cidade, os volumes e revistas de sua propriedade. Devo muito a minha madrinha, que era prima querida de minha mãe.

Neste livro estão contidos poemas de diferentes fases de minha vida. Alguns antigos, do final de minha adolescência, e outros recentes. As temáticas são as mais diversas possíveis, pois sempre entendi que a matéria-prima da poesia é a vida, e a vida é sempre surpreendente e sempre multifacetada. Na primeira parte, estão os poemas líricos e de temática mais abstrata; na segunda, os poemas sociais, “políticos” e de denúncia; na terceira, os chamados telúricos, isto é, os que cantam e louvam as coisas da terra, da água e do ar, e, por último, os épicos modernos e os que versam outros assuntos.

Também, é bom que se diga, recolhi neste volume poemas de diferentes concepções formais, inclusive alguns de caráter experimental e outros em que mesclei o discursivo com o concretismo, porquanto entendo que todas as escolas e correntes literárias deram a sua contribuição à literatura, e não me cabe alimentar preconceito contra nenhuma proposta e concepção literária, ressalvado o meu direito a ter as minhas predileções, em razão de meu gosto pessoal e de minhas idiossincrasias.

Procurei ler de tudo. Numa postura talvez eclética, misturei tudo num “processador” e adicionei a minha possível criatividade, que é a minha marca pessoal, vale dizer, a minha identidade e a minha “impressão digital”.

Numa época em que viraram modismo os poemas curtíssimos, de três a cinco versos, em alguns poemas talvez eu seja considerado anacrônico e **démodé**, porquanto são peças longas e densas (para os padrões de hoje, em que a qualidade é medida com uma régua), com laivos do classicismo greco-romano. Cabe-me dizer que o clássico é eterno: é de ontem, é de hoje, é de sempre e será de amanhã e depois. Não tem data, nem época, porque é de todas as épocas e de todas as datas, **per omnia saecula saeculorum**.

Com o avançar da idade, acho inútil a discussão sobre se um poema deve ter um valor estético ou se utilitarista, como por exemplo ao informar e denunciar. Para mim, hoje, um texto poético tem uma finalidade em si mesma, e deve despertar o sentimento do belo, da magia da criatividade e inventividade e deve emocionar. Acredito que o belo seja um objetivo em si mesmo, ou seja, o belo é útil, e a sua utilidade é a sua própria beleza. Um pavão foi projetado para ser belo, assim como um urubu foi criado para ser um gari alado, e ambos são úteis e necessários: um pela sua beleza, o outro por ser um operário instintivo da limpeza. Agora, se um urubu, além da diligência de sua faxina diária, tivesse uma bela plumagem e um belo canto, creio que nenhum prejuízo haveria, assim como não existe nenhum prejuízo em que um poema possa ser belo e útil, e ele sempre será útil pelo simples fato de ser belo.

Ao vermos o triunfo, embora episódico, precário e efêmero, dos expoentes das nulidades e mediocridades, sentimos uma certa náusea e uma certa sensação de desconforto. Ao contemplarmos a Galatéia triunfal dos “bicões” e “penetras”, que, sem os freios inibitórios do pudor e do senso do ridículo, não se contentam em apenas bater às portas, mas, forcejando, as arrombam, com as devidas conivências e cumplicidades espúrias do interesse menor. Para eles o limite é o infinito, se tal pudessem alcançar. Aqui, recordo o poeta e ensaísta Alcenor Candeira Filho, homem avesso às hipocrisias e empulhações, inimigo implacável e imperdoável dos “bicões”, que disse, de forma lapidar, numa entrevista, referindo-

se à espécie: “(...) às suas altissonantes trombetadas só os incautos batem **continência.**” E os bajuladores e espertalhões, hei por bem ou por mal acrescentar. Todavia, diante das injustiças, e, às vezes, humilhações que sofremos, preteridos pelos tais “expoentes” e suas “moedas” circunstanciais, deve restar-nos o perdão recomendado por Cristo, e se possível, o esquecimento, que é o maior de todos os perdões, que é o perdão por excelência.

Pretendo, a cada cinco ou mais anos, ir reeditando “Rosa dos Ventos Gerais”, acrescido dos poucos inéditos que venha a compor.

Os louros de glórias e sucessos, se me coroarem algum dia, pois não os busco como finalidade em si mesma, hão de vir espontaneamente, e, embora bem-vindos, virão por acréscimo.

Louvarei sempre o Senhor pelas dádivas recebidas em forma de versos, e graças darei à poesia, que ontem e hoje enche os meus dias.

Elmar Carvalho

## **ENCONTRO, POESIA E VIDA**

Cunha e Silva Filho

Parece difícil estabelecer uma harmonia entre a crítica, a amizade e o objeto poético. Como ser bom julgador se este se interpõe entre a amizade e o elemento mais significativo, que é o objeto poético? Na crítica depreender a imparcialidade; na amizade, a franqueza e o cuidado, sempre o cuidado de não afirmar menos do que merece o autor; no objeto poético encontrar a análise, a interpretação e o julgamento isento da emoção e do afeto. Vemo-nos, assim, num dilema, que, entretanto, é preciso resolver.

Sempre houve na história literária do mundo o encontro fraterno, a amizade cultivada entre críticos e autores. Não há como escapar a essa contingência humana que, em muitos aspectos, só faz crescer tanto a formação do crítico, a sua experiência, quanto, no mesmo sentido, a do autor em julgamento. Isso porque, no domínio da Arte, os encontros, as conversas entre autores e críticos servem mutuamente a estes dois atores sociais. O crítico ilumina a obra; o autor ilumina o crítico. Há certas nuances que nem mesmo os conhecimentos teóricos resolvem sozinhos. É necessário que a troca de experiências entre ambos se efetive. A criação literária, com seus mistérios finais, se torna mais inteligível quando se põem em colaboração o crítico e o autor.

É assim que me vejo na condição de escrever um prefácio ao livro de Elmar Carvalho, Rosa dos Ventos Gerais, nessa nova edição ampliada e que já traz, na omissão do artigo do título da primeira edição, o sinal da novidade e o desejo talvez de se apresentar diferente, inovador, inquietante, que é a postura correta que devem ter os verdadeiros criadores.

Conheço o poeta desde 1990. Naquele mesmo ano, escrevi para jornal de Teresina um artigo no qual constatava, surpreso, o nível de atualidade em que se encontrava uma geração de jovens poetas do Piauí, dentre os quais se destacava Elmar Carvalho. Comecei a ler mais trabalhos do poeta e foi assim que escrevi um ensaio, “Elmar Carvalho: um malabarista do verso” sobre o livro de estréia, A Rosa dos Ventos Gerais (Editora Gráfica da UFPI, 1996, 139 p.), que reunia toda a sua produção em 18 anos de poesia. Naquele ensaio eu me referia a uma peça poética que, a meu ver merecia um estudo à parte, dada a importância do poema “Dalilfada”. É um poema único e ímpar na literatura piauiense e mesmo brasileira, constituído de estrofes de extensão desigual, indo de três a 15 versos.

Não é de hoje que poetas dão as mãos às demais artes, ou que estreitem amizades com artistas de todos os gêneros da criação artística. João Cabral de Melo Neto fora um aficcionado da pintura. Manuel Bandeira era amigo de pintores. Murilo Mendes, cujo centenário de nascimento transcorre este ano, dizia que a sua poesia sofria influência de Schönberg, Stravinski, do jazz. Segundo nos informa Lenilde Duarte, em artigo publicado no **Idéias** do Jornal do Brasil

(5/05/01), Murilo Mendes era apaixonado pela música de Bach, Mozart, Beethoven e Haendel, além de ser amigo de artistas plásticos importantes de sua época, tendo ele mesmo sido crítico de música e artes plásticas.

Elmar Carvalho não seria, pois, uma exceção, e nesse poema de valor indiscutível, demonstra sua perícia em lidar com a fusão de três artes, a da palavra poética, a da pintura e a da escultura, ou seja, o signo, a tinta e o mármore, pedra, madeira ou outra matéria sólida, numa combinação urdida pelas asas dos surrealistas, em versos compostos numa seqüência de quadros onde a racionalidade da realidade, a lógica da filosofia dão lugar à formação de imagens ousadas que resistem incessantemente aos parâmetros da objetividade discursiva.

Nele caímos no reino do puro fluxo imagético só depreensível do ponto de vista da ilogicidade criadora, original, desconcertante. Poema somente apreendido pela lógica dos sentidos se visto pela leitura intertextual que lhe imprime Elmar Carvalho em diálogo com a obra e a vida de Dalí:

Com seu recurvo bigode surreal

- chifre e agulhão -

Dalí touro e toureiro

toureia consigo mesmo.

Dali      Daqui      Dacolá

Daquém              Dalém

de toda p'arte

de toda arte'manha manhosa

de toda ante-manhã maviosa

onde arde urna tarde

dentro da noite/ dia surreal

que não é feita de preto e branco

mas de cores (b)errantes

e nunca de pusilânimes

cores cambiantes.

Dessa forma, começa esse poema pelo poeta denominado de “épico”. Épico não no sentido estético e canonizado, mas épico pela grandeza e riqueza das imagens que se vão justapondo aos nossos olhos de leitores/espectadores inebriados perante a visão de peças que numa exposição de pintura e escultura se vão insinuando em nossas retinas ao longo de uma suposta visita a um museu com trabalhos de Dalí. Ou seja, na fruição do leitor do poema se soldam harmoniosamente os efeitos da pintura e escultura com a palavra poética. Estranha sensação pictórica, sígnica e sólida, na qual três linguagens se fazem obra de arte e na qual também o poeta faz a mediação entre a arte observada e fruída e o leitor que, por sua vez, a recebe em forma de poesia. O leitor também, se conhecedor da obra de Dalí, de certa forma em nível mais profundo, passa a fruir melhor esse processo de criação artística. O poema, assim, adquire sua forma de autonomia. Já, então, não nos pertence mais, passa a ser obra de arte e se inscreve na intemporalidade.

Rosa dos Ventos Gerais, agora em nova edição, é acrescido de mais 16 poemas e de uma curiosa auto-entrevista, importante como subsídio para melhor entendermos o pensamento do poeta sobre o mundo e a vida.

Novamente o poeta utiliza uma estratégia de composição já testada anteriormente, isto é, compõe poemas de extensão maior, como “Cântico do Corpo Amado”. “Desiderata”, “Vida in Vitro”, o mais extenso, de resto, bem extenso, onde a disposição dos versos não ocorre por estrofes, mas se distribui espacialmente num bloco imenso com versos formados de uma única estrofe, com todos os versos iniciados por minúsculas, prática por sinal usada por outros poetas contemporâneos.

O trabalho do crítico é observar detidamente avanços ou recuos, progressos ou retrocessos na produção de um autor. No caso de Elmar Carvalho, reconhecemos processos de elaboração poética já experimentados, como a obsessão pelo jogo de palavras, de sonoridades, dos recursos tão caros aos concretistas, sobretudo a atomização mórfico-semântica, a paranomásia, o aproveitamento dos espaços vazios no contexto físico do poema. Da mesma

forma notamos nele algumas constantes de recursos estilísticos fônicos, retóricos, como sinestésias, oxímoros, o emprego da aliteração, da qual se revela um virtuose, lição talvez haurida em mestres da poesia, como Cruz e Sousa e Da Costa e Silva. Tais procedimentos formais já lhe conhecemos da leitura de poemas anteriores caracterizadores de seu fazer poético, identificadores de sua particular maneira de trabalhar seus versos.

Dos poemas adicionados a essa nova edição, dou preferência a oito poemas que considero de grande valor como peça literária, seja pela originalidade, seja pela engenharia de construção formal: “O Búzio”, “Emoção no Circo”, “Realidade Fantástica”, “Fazenda Tombador”, “Paulicéia”, pela qualidade do componente intertextual, “El Pacificador”, “Recife” e o mais importante de todos, “Sete Cidades”. Bastam esses poemas para que essa nova edição seja com justiça bem recebida pelo leitor de poesia.

Elmar Carvalho é um verdadeiro operário da poesia e o é porque nele a consciência poética se tornou uma segunda natureza. Ainda me ressoam no ouvido aqueles versos do Elmar no poema “Sou Poeta”: “Também sou poeta, / Alcides Pinto, / sou poeta”.

O exercício da poesia em Elmar Carvalho é compromisso tácito entre o poeta e a Arte e entre esta e a vida no sentido mais amplo e visceral do termo.

Um poema como “Sete Cidades”, por exemplo, traz as marcas e o suor da sua gestação, da sua longa vigília, do seu amadurecimento de forma e expressão. Com ele o poeta se alça à condição privilegiada do que chamaria de “voz poética, histórica e geográfica do Piauí”, pois além de lírico e épico moderno, Elmar, como poucos poetas piauienses, tem-se revelado um pesquisador de fatos, homens e paisagens piauienses. Ele é, portanto, ao mesmo tempo um poeta geográfico e histórico, ou seja, sua visão estético-poética procura também, pela exaltação da terra natal, do seu estado, o resgate daquilo que o Piauí tem a oferecer como espaço e humanidade, como beleza e riqueza ambiental, como lugar aberto e acolhedor. O Piauí de sua poesia é aquele recanto ainda a ser explorado, seja pelo sábio, seja simplesmente pelo turista, que ainda pensa ser aquele estado

apenas uma região brasileira pobre e desconhecida. Quem passa a ler sua poesia certamente há de mudar essa visão errada e ignorante a respeito do Piauí.

Num prefácio apenas valem observações esparsas que nem sempre fazem jus à grandeza de uma obra. A minha vontade era fazer a transição das observações de prefaciador à plena realização do trabalho exegetico. Todavia, o espaço e a natureza mesma dessa apresentação não me permitem isso. Contento-me, em suma, com a convicção de que Rosa dos Ventos Gerais há de permanecer como um dos momentos de brilho e renovação da poesia que se produz atualmente no Piauí.

Rio de Janeiro, maio de 2001

## **1ª PARTE**

### **CANCIONEIRO DO AR**

“Um poema é um mistério cuja chave deve ser procurada pelo leitor.”

*Mallarmé*

“A poesia é necessária ao homem. Quem não ama a poesia tem um espírito ácido e pesado. Efetivamente, os versos são a música da alma.”

*Voltaire*

### **AUTOBIOGRAFIA ZODIACAL**

Sou do signo de

Carneiro

Mas meu coração é um

Touro indomável

No meu sangue

corre a fúria de

Leão

Entre uma Virgem e duas

Gêmeas

Meu coração / bala

Balança

Sou um Câncer

nos chifres de  
    Capricórnio  
Sou Peixes libertário  
sem o cárcere de um  
    Aquário  
Sou Sagitário  
    a  
        r  
            m  
                a  
                    arco e flecha  
                        d  
                            o  
                                d  
                                    e

(A flecha é uma cauda de Escorpião)

## **A PONTE NA MEMÓRIA**

O vento passavoante  
    pássaro voante  
sob o arco-da-velha  
sob o arco da ponte.  
Baloíça os pés de oitis,  
joga confete com suas folhas  
e empurra o casario antigo  
com suas: arcadas dóricas  
    volutas jônicas  
    ogivas góticas

sacadas exóticas  
com suas parábolas e abóbadas.  
O vento passalígero passalísio  
e empurra o casario antigo  
que navega parado  
no tempo que navega  
como um mar que navegasse  
sob um navio ancorado  
que se deixasse navegar.  
Meu sonho de malas prontas  
é passageiro e tripulação  
do casario – navio que navega  
ao se deixar navegar.

## **AMOR DE SALVAÇÃO**

O teu grande amor  
foi o que te salvou  
e me salvou,  
pois nos arrebatou  
dos amores tentadores  
em que seríamos arrastados.  
Já que me amavas  
eu tive que te amar  
para que não sofresses,  
nem eu, amiga, por  
te ver sofrer.  
Não gosto que ninguém sofra

e muito menos tu, amada,  
frágil frasco de fragrâncias  
e de refrigerios refrescantes  
que me ama muito além  
do que mereço.

### **O SEXO DOS ANJOS**

Que temos a ver  
com o sexo antisséptico  
dos inatingíveis e intangíveis  
anjos das hostes celestiais?  
Que temos a ver  
com os anjos machos e fêmeas  
de falos decepados e de  
vaginas obturadas?  
(A ânsia por asas e  
a sede de infinito.)

### **A MALDIÇÃO DO POETA**

Lobo solitário  
e maldito das estepes  
nas quais nunca estive,  
açoitado pelos estiletos do vento e do frio,  
uivando para a Lua  
que jamais verei porque

para não a ver  
meus próprios olhos ceguei.  
Cão danado  
cão condenado  
por si mesmo  
a uma eternidade  
de trabalho forçado.  
Judeu errante  
e sem remissão  
– por sobre desertos de areia e de gelo –  
fugindo sempre  
de si mesmo.  
Poeta maldito  
até a infinita geração.  
Cosmopolita proscrito  
das fronteiras do  
tudo e do nada.  
Prometeu acorrentado  
dilacerado pelas aves  
agourentas e de rapinas  
que saíram de seu cérebro  
– caldeirão vulcânico  
em contínua erupção –  
a vomitar monstros e fantasmas  
de milhares de membros e cabeças.

## **EMOÇÃO NO CIRCO**

Para João Miguel e Elmara Cristina

Pelas mãos tenras  
de meus filhos  
a magia do circo me chegou.

Atropelado por emoção e saudade  
meu coração foi atirado de  
lado a lado  
pelas piruetas de  
capetas e palhaços  
infiltrou-se nos malabares  
e me trouxe meu pai e o circo  
encantado de minha infância.

As lágrimas escorriam  
e eram estrelas e vaga-lumes  
que pingavam da cartola  
ensopada de um mago...

A lembrança de meu pai  
assomou da sombra do passado  
suavemente sentou-se ao meu lado  
tomou-me as mãos  
as mãos de uma criança.

**CÂNTICO DO CORPO AMADO**

Teus cabelos

às vezes são filigranas escorridas  
tecidas em pura maciez.

Às vezes são algas e caracóis  
encrespados em ondas e espumas  
esculpidas pelo vendaval.

Tua tez

revestindo a superfície  
veludosa e bela de tua carne  
é película de esplêndida  
fruta tropical.

Teus olhos

às vezes sombrios  
pelos enigmas e mistérios  
de tua alma de mulher  
às vezes resplandecentes  
pelo relâmpago do riso  
são dois lagos – calmos ou agitados –  
em que os meus imergem e se perdem.

Tuas orelhas

são conchas  
em labirinto de perfeito lavor  
e nelas escutas e escuto as vozes  
dos búzios e o chamado do mar.

Teu nariz

ergue-se em cordilheira  
e de suas cavernas

emerge o vento de teu respirar.

Tuas sobrancelhas  
são arcadas góticas  
e teus cílios tessituras persas  
do frontispício de teu altar.

A tua boca  
onde as palavras lavras  
em forma de canção  
são retábulos e ornatos  
do sacrário de teu ser.

Teus sorridentes lábios entre-  
mostram o dique/arrecife  
de concha, ostra e coral  
do límpido colar dos dentes.

Pedestal firme e flexível  
de teu rosto é o teu pescoço  
- belo e singelo colosso.

Teus braços  
são braços que  
enforcam e fascinam  
serpentes que  
atraem e traem.

Tuas mãos  
são plumas e verrumas:  
afagam e esmagam.

Teus seios  
alçados em sublime formosura  
de tenras carnes e tênues epidermes  
são Olimpos  
que meus dedos alpinistas escalam  
para (re)colher o hidromel  
no céu dos mamilos sensitivos.  
Os pomos  
de teus seios tomo  
e eles me enchem as mãos.

Pelas dunas do deserto  
de teu ventre fértil e belo  
encontro o oásis na cacimba  
de teu umbigo em que naufrago  
perigo e me embriago.

De teu umbigo  
minhas mãos e meus olhos  
correm e escorrem  
pelas vertentes e grotões  
de tuas passagens/paragens  
mais secretas e seletas  
e se saciam  
no frescor de tuas nascentes,  
onde estão o lodo e o húmus  
de um Nilo todo dádiva.

Na tecelagem do púbis  
- tapete mágico de penugem e babugem –



na vertigem que alucina e ilumina.

Meus dedos

cegos de tanto encanto

tateiam e tenteiam

se enlevam e se enleiam,

pelos enlevos e relevos

mimos e cimos

atavios e baixios

côncavos e recôncavos

entrâncias e reentrâncias

da geomagia de teu corpo.

Navegam minhas mãos

pela sinuosidade litorânea

da enseada de tuas ilhargas

e do cabo bojador

de tormentas e esperanças

de tuas ancas – âncoras –

e desbravam/devassam

as volutas voluptuosas

de tua coluna (grega) dorsal

e se perdem na voragem/miragem

das ondas revoltas

de teus cabelos.

Te.Dez.89

## **ELEGIA DO AMOR FINAL**

Teus braços

que poderiam  
tudo me dar  
num simples abraço  
se fecharam para sempre  
para mim.

E teus seios perfumados  
teus lindos seios sedosos  
não mais me abrigarão  
e neles não mais porei  
minha boca sequiosa.

E teus olhos que  
poderiam devassar e possuir  
meu ser interior  
mesmo que me fitassem  
não mais me veriam porque  
para mim para sempre  
se fecharam com suas longas  
pálpebras de sonho e de medo.

E tuas belas mãos  
tuas delicadas mãos para mim  
se fecharam e me esmurraram.

E teus lábios  
teus lindos lábios  
emudecerem e se fecharam  
num longo beijo sempre negado.

E teu sexo  
me foi sempre uma  
concha eternamente fechada.

E teus cabelos  
à brisa eram lenço  
acendendo em despedida.

## **A CASA NO TEMPO**

A casa vive em mim  
com os seus grandes medos  
e grandes sobressaltos  
com os seus porões  
e os seus alçapões cheios de ratos  
e gradeados por grandes teias de aranha.

A casa vive em mim  
com seus insetos nojentos  
e com suas aranhas  
desenhando circunlóquios  
através das circunferências das teias  
repletas de arabescos e rococós.  
A casa vive em mim.

Vive em mim  
com seus gemidos  
de fantasmas que  
arrastam correntes  
por entre ais doloridos.

Vive em mim  
com suas lamentações de suicidas  
que gemem e gemem.

Vive em mim  
com os ruídos de passos misteriosos  
com suas portas e  
janelas que se abrem  
e fecham por mãos invisíveis.

Vive em mim  
com os ruídos cadenciados  
de botas que passam  
passam no limiar  
do grande mistério  
entre o ser e o  
não ser.

A casa é um navio fantasma  
que navega no tempo e na memória  
com seus pios de corujas  
e seus arrepios de  
esvoaçantes morcegos e  
esgarçantes rasga-mortalhas.

Ai, casa dolorosa  
de infinitas recordações  
do não acontecido e  
do não vivido.

Casa que não existiu  
mas que permanece de pé  
em minha lembrança  
com seus escombros  
com tuas teias de aranhas

com seus lodos desbotados  
e com suas heras que se fecham  
como dedos, tentáculos ou raízes  
para que ela permaneça para sempre  
com seus sustos, com suas angústias  
e seus medos.

A casa sempre persistirá  
nas músicas passionais de algum boteco  
criando ressonâncias que repercutem  
insistentemente como eco.

## **OLHOS**

Olhos de lã  
e de lâminas.  
Olhos de punhos de seda  
e de punhais de aço.  
Olhos de ver  
e de verruma.  
Olhos de amar  
e de amargor.  
Olhos de fada cruel  
e de fado terno.  
Olhos que me deram o céu  
e o inferno.  
Olhos de antítese:  
eram bálsamo  
e me fizeram mal.

## MEU CORAÇÃO

Meu coração  
é uma moeda  
de várias faces  
mas de um só  
sentimento: o amor.

É uma moenda  
por onde escorrem  
sentimentos e emoções.

Meu coração  
pedra mó  
pedra moenda  
pedra moendo  
e remoendo  
dores e angústias  
em seu batuque  
puro silêncio.

Meu coração  
é uma catedral  
cheia de colunas e fantasmas  
onde os sinos repicam  
sem sineiros  
no triste chamado sem resposta.

É um saco de pancadas  
das fatais mulheres que amei.

É um tapete persa

pisoteado pelas frívolas mulheres  
às quais eu o dera.  
Meu coração  
é uma bomba incendiária  
mas muitas vezes tem servido  
de bobo da corte  
para os fúteis e vulgares.  
É um bumerangue  
que partiu, partiu-se,  
e retornou ao meu peito  
de onde não mais partirá.  
Ah, velho coração,  
eras um frágil cofre de cristal,  
mas o duro mundo  
em blindado te transformou.

## **SAL SOL SOLIDÃO**

está tão frio  
e eu estou tão triste  
um homem segue  
pela rua gelada  
e a sua alma está  
mais gelada engelhada  
que a rua deserta  
as sombras tristes  
espiam frias pelas  
frestas das venezianas  
nesgas de luz geladas

conspiram das caladas  
dos calabouços  
o homem triste  
acende um cigarro  
que não fuma  
e segue só  
e o homem  
triste sou eu  
e o homem  
triste sofre  
o sol e  
o sal  
de suas  
dez desgraças  
é triste como  
o canto/pranto  
do galo gago gogo  
alçado dos alçapões  
pelas madrugadas geladas  
cheias de neves e geadas  
é triste como  
o ladrar de  
um cão cãozinho de  
um cão sozinho  
nas noites negras  
nas noites nada  
e a neve cai  
e a neve caia  
os túmulos e os ciprestes  
e a neve é nave  
por onde trafega

a res/ins/piração  
do homem só  
do homem pó  
mas a neve  
não é nada  
o que é tudo  
é a tristeza  
que perscruta  
dos esgotos  
que espia  
dos desgostos  
(a solidão é uma aranha  
tecendo teias de saudade  
onde ela própria se enleia)  
e o homem  
triste sou eu  
e o homem  
triste acende um cigarro  
que sequer fuma  
e segue em sua  
grande solidão  
de gênio e de cabotino  
e de louco três vezes tresloucado  
e nada não  
e nada não denuncia  
ou anuncia sua presença  
apenas ele  
contempla a solidão  
do nada absoluto  
do nada só luto  
do nada solução

e segue só  
sobre as cinzas  
do nada e do não  
do apocalipse  
do após calipso  
e este homem  
é um deus  
que se construiu e se destruiu  
à sua imagem e (des)semelhança  
e o seu grande ne'gado  
e o seu grande le'gado  
será a certeza de sua morte  
e este homem sou eu: poeta/profeta  
e jeremias chorão  
e hão de chorar  
sobre o meu choro/coro  
e hão de cantar  
sobre o meu canto/pranto  
mas apenas eu estarei  
de pé sobre as cinzas  
do caos/cão e do nada  
e seguirei sempre só  
sobre e sob o signo da solidão  
que será o meu sinal  
e eu serei  
o suor e  
o sal e  
o **sol** de  
minha própria  
gira**solidão**

## O BÚZIO

o búzio

- pequeno castelo

ou gótica catedral -

sobre a mesa avança

envolto em ondas e vendaval

anda ondulante

onda cavalgante

onda ante onda

atraído pelo chamado

do mar avança

chamado que carrega

nas espirais e labirintos

de sua concha côncava

avança e

lança sobre mim

a tessitura exata

de sua arquitetura

abstrata e surreal

avança

unicórnio lendário

protuberante

rinoceronte bizarro  
surfista extravagante  
em forma de chapéu

lentamente  
avança co-movido  
pelo chamado das ondas  
que em si encerra  
em seu ventre vazio  
onde o vento em voluteios  
é a própria voz do mar

oh, búzio caprichoso  
como as curvas e volutas  
de um corpo de mulher...

Inhuma, 29.07.98 – 06:00h

## **FUGA AO PASSADO**

Uma da tarde. O apito da Moraes  
estridula no ar. Emocionado  
sinto como se o tempo houvesse parado  
e eu me encontrasse ainda  
preso às âncoras do passado.  
O apito me deixa comovido  
e eu não sou mais eu  
mas alguém que já fui e que  
no esquecimento se deixa escondido.

E aquele tempo perdido  
inverte a rota da ampulheta  
e retorna intacto como se jamais  
deixasse de ter existido.  
E o tempo se embaralha  
sem passado, sem futuro e sem presente  
e as recordações comovem tanto  
que a própria alma de tanto  
sentir não se sente  
e evola para um tempo  
sepulto pela areia da ampulheta.

## **JOSÉLIA**

(Em lembrança de minha irmã falecida aos  
15 anos de idade, em 02 de julho de 1978.)

Fui pisado  
pela terra.  
Fui pisado  
pela terra,  
eu que sempre  
procurei pisar  
nas nuvens e  
no céu.

Sem dormir sonhei,  
mas o sonho acabou  
antes de haver começado.

(Ainda bem, porque  
o sonho era mau.)

Sonhei que minha  
irmã morrera,  
mas ela não morreu.  
Era tão cheia de vida  
que continua viva  
na lembrança dos  
que ficaram.  
Ela continua viva  
porque houve apenas  
uma metamorfose  
existencial.

Seu sorriso  
seu (e)terno sorriso  
sem precisar da  
matéria para  
ser desfraldado  
continua estampado  
em seu rosto  
imaterial.

Josélia (ou groselha, a fruta)  
tinha a pureza dos inocentes  
a inocente malícia dos felizes  
e a beleza  
dos que não são  
deste mundo cão.  
Por isso foi

para o céu de  
onde (vi)era.

## **AMAD'AMOR**

Eu te amo.

Eu te (ch)amo.

Eu sou tua (ch)ama.

Eu te des'gosto.

Eu te ado(u)ro.

Eu te douro.

Eu sou teu (m)ouro/mourão.

Eu sou teu tes'ouro.

És minha ama'da.

És minha d'ama.

E neste jogo de (d)ama

o xeque-mate é um Pirro/pirrônico

em que o vencido é vencedor

e o escravo é senhor.

Somos um laço:

tu me (en)laças,

eu te (en)laço.

Somos um cadafalso

onde somos vítima,

carrasco e barço.

## **ELEGIAS INOMINADAS**

I

Seus olhos  
tinham a melancolia  
profunda dos crepúsculos.

Por vezes se escondiam  
de trás das venezianas  
dos cílios impenetráveis.

Em seus olhos verdes  
boiavam a tristeza  
dos naufrágios

e a saudade  
das naus que se foram  
e não mais voltaram.

Seus olhos  
tinham o sortilégio  
e o mistério dos eclipses.

Nos seus olhos  
meus olhos orbitavam  
prisioneiros da gravidade

desses quasares binários  
em que imergiam  
e se perdiam.

II

Sinto, às vezes,  
rebentar de súbito  
uma tristeza imensa e fugaz.

Uma tristeza tão funda,  
tão inesperada, que surge  
aparentemente sem razão.

De repente, como veio se vai.

Essa tristeza talvez seja a nostalgia  
de não mais estar com Deus  
ou de ainda não estar...

### III

Recordo os amigos mortos.  
À proporção que entardeço  
o número vai aumentando.

Já não tenho epitáfios  
para tantas lápides  
em meu peito.

Um dia a minha campa  
estará entre essas lousas  
e o cemitério já não existirá.

Quando eu não mais existir,

existirei em outra qualquer dimensão.

“Existem muitas moradas na casa de meu Pai.”

#### IV

Meus olhos

são dois olhos d'água

de que já não escorrem

as gotas salobras das lágrimas.

São olhos d'água esgotados

de onde mina apenas o fio

viscoso da saudade.

A nostalgia do rapaz que fui,

tão emotivo, tão sentimental,

exauriu as vertentes lacrimais.

Meus olhos são cacimbas secas

de sertões comburidos,

de agrestes terras adustas,

de chapadas esturricadas.

Foram escavados até o osso

e nunca mais hão de chorar,

embora chorem um choro

seco, engasgado e sem soluços.

**MULHER NA LAGOA DO PORTINHO**

Na tarde antiga  
de sol e bruma  
de luz e penumbra  
as dunas mudaram  
de cores e formas.

Os belos olhos esplendentes –  
pálidas cálidas opalas ou  
esmeradas esmeriladas esmeraldas –  
da mulher bonita  
de sinuosas dunas e viagens  
furta-cores furtaram  
outros tons e sobretons.

Ainda guardo a memória viva  
daquela tarde morna e morta  
e ainda vejo aqueles olhos vivos  
furtando furtivos cores e atenção.

E os olhos e as formas curvilíneas  
permanecem intactos no tempo  
que em mim não passou.

E a mulher, acaso passou,  
nos escombros das formas  
transitórias da beleza?...

## **A MORTE DO CÃOZINHO**

Sob a roda do carro  
o cãozinho teve seu movimento  
violentemente congelado  
com seus dentes expostos  
e seus olhos saltados  
na perplexidade da morte inesperada  
com sua cauda projetada  
como ponto de exclamação.  
Suas vísceras eram pontos de  
interrogação espalhados no asfalto.  
Na morte do cachorrinho  
eu vi a vida esvaída  
no seu gesto perdulário.

## **NOTURNO EM DOR MAIOR**

na noite ca'lada  
    um cão ladra  
    sem resposta  
um galo canta  
sem o eco doutro galo  
um vaga-  
lume vaga

sem lume  
vaga-  
    rosa/mente  
    demente  
na noite vaga  
uma ave  
noctívaga  
navega  
na vaga  
do m'ar sem movimentos  
nos cataventos  
    sem ventos  
e de mirantes  
    sem mira/gens  
a morte espreita  
nos olhos vidrados  
do enforcado.

## **ENIGMA**

entre o som  
    o sono  
    o sonho  
    a sombra e a sobra  
eu me decomponho  
    em escombros  
em farpas e agulhas

escarpas e fagulhas

desfeito enfim

em fogos de artifício

feito estrelas de mim

esfinge autoantropofágica que

não se decifrou e que a si

mesma se devorou

## **EGOCENTRISMO**

espirrei

na réstia de luz

da janela do meu quarto

e fiz surgir um

arco-íris

arco-do-triunfo

sob o qual

napoleonicamente passei

sobre o qual caminhei

em busca do

velocino de ouro

coroadado com o l'ouro

de minha própria

alquimia

## **TRABALHO DE CESTARIA E RENDA**

tramas e tramóias  
arma(dilha) a(r)mada  
a(r)mada arma(dilha)  
entocadas nas tocaias

amantes amadas  
amando (tr)amando  
entre teias e r'amas  
com as armas a(r)madadas

entre rendas e redes  
a engrenada moenda  
do amor entrelaçado

faz uma teia de renda  
em forma de rede de pe(s)car  
e me amor(tece) e me amor(daça)

## **SEX-APPEAL**

Movo até o teu  
meu amoroso coração  
- ânfora de lágrimas e solidão.

Teu olhar me revida  
com uma impressentida carícia  
referta de promessas e delícia.

Teus olhos escorregam macios  
das penumbras dos cílios armados em cílios  
e afagam minha pele  
erizada em arrepios.

Meus anseios  
desvelam tuas vestes  
e revelam os empinados penedos  
sedosos de teus seios,  
sem medos  
e sem receios,  
e devassam em  
tênuos e tímidos acessos  
os teus mais secretos  
úmidos e diletos recessos.

E eu te desejo mais que tudo,  
mas me contendo e me abstenho  
e me deixo ficar inerte e mudo...

## **NO REINO DO SURREAL**

### **I – FUTEBOL**

último rei  
dec/apitado  
fiz o gol  
da vitória  
com minha própria

cabeça  
nas traves da guilhotina  
(e o goleiro era o carr'asco)

## **II – BASQUETEBOL**

tomaram-me  
tudo inclusive  
o óbolo inútil  
o bolo indigesto  
a bola murcha  
a bala de festim  
a balada calada  
alada  
mas sem voo  
mas ainda me sobrou  
cabeça para arrancá-la  
e enfiá-la  
na cesta

## **III – VOLEIBOL**

dei um saque  
jornada nas estrelas  
em minha  
cabeça  
de antemão coroada  
com o louro/ouro  
da vitória  
minha cabeça descreveu  
uma parábola

bola  
sangrando  
bola  
singrando  
o espaço como um  
cometa  
de cauda sangrenta  
(depois a fiz troféu da vitória)

## **ALGUNS HAICAIS**

### **SIMBIOSE AMOROSA**

Eu te amo  
para que me ames  
e eu te ame.

### **ASCENÇÃO**

A chuva caía  
e em cada pingo dizia:  
– Saiba cair.

### **TROVÃO**

Nuvens novas  
brincando de trocar  
tiros de foguete e rojão.

## **AMOR**

Arte de possuir  
na mesma medida  
em que se é possuído.

## **CHUVA**

Bênção dos céus  
debulhada em bagos  
de água.

## **RELÂMPAGO**

Nuvens novas  
a brincar com  
fogos de artifício.

## **POEMA DA MULHER AMADA**

Amada mulher fatal  
o teu amor embora servido  
em pequeninas doses é letal  
mas eu o tomo lentamente  
como um néctar de veneno  
em longos e lentos goles (sereno)

como ópio em lenta mente

Mulher amada o teu amor  
conquistador e guerreiro me toma de assalto  
e nem me deixa a oportunidade  
de esboçar o meu espanto  
e ensaiar o meu sobressalto  
de acrobata perdido em pleno salto  
mortal

mas que antes de um desfecho trágico  
como que por milagre se salva  
entre magia sortilégio e quebranto  
pelo gesto carismático de um mágico

Amada mulher fatal  
o teu amor devastador  
não me deu a chance de optar  
entre te querer ou não querer

Teresina, 07.12.83 – 18:00h

## **A ERO MOÇA**

A aeromoça  
abre os braços  
e mostra as saídas  
de emergência ...

E eu a sonhar

que ela abrisse  
as pernas e mostrasse  
as entradas de quintessência.

## **MÚSICA VIVA**

Passarinhos cantando  
saltitavam e dançavam  
sobre os fios elétricos  
– pássaros ou dedos sobre cordas  
de violinos, violas ou violões –  
eletrocutando corações.  
Aladas notas vivas  
fazendo acrobacias e coreografias  
sobre as paralelas da pauta.  
O vento que passava fazia  
coro e uma música celeste  
se evolava.

## **UM LANCE DE BÚZIOS**

O grande búzio  
soltava seu super sopro  
feito de sonho e ilusão  
e soprava suas conchas multicores  
seus búzios bizarros e bizantinos  
que saíam se iam e se esvaíam

transformados em flores  
borboletas e besouros  
que entravam em outra dimensão  
pelo portal – pórtico triunfal –  
de outro grande búzio  
e voltavam a ser conchas e búzios  
do além-mar da morte.

### **(IN)DEFINIÇÃO**

Eu sou aquele  
que vacila absorto  
nos umbrais que permeiam  
e medeiam o que foi  
e o que poderia ter sido.  
Sou aquele  
que oscila perplexo  
entre o sono e a vigília  
e inventa sonhos nunca sonhados  
e pesadelos jamais inventados.  
Eu sou aquele  
que ateia fogo  
e dança sobre as brasas  
e sobre as cinzas do caos  
e sonha em não ser  
o ser que é  
e não é.

## MÍSTICA

### I

Arrebatado por um carro de fogo  
eu próprio em fogo transformado  
os céus galguei  
as fúrias todas como louco aplaquei  
e a escada cintilante de Jacó  
passo a passo subi.  
Devassei as vísceras mecânicas  
da baleia do profeta  
e a gênese do primeiro  
átomo desvendei.  
Penetrei o caos primacial  
e o primeiro vagido  
da vida escutei.  
E Deus estava lá  
por trás de tudo:  
logo após em regressão  
a explosão do átomo primordial.

### II

Meu anjo da guarda  
em sete anjos transmudado  
minha guarda de honra revistava  
e com sua espada de fogo  
ou raio laser  
franqueava-me a entrada  
da gruta dos leões

enquanto Daniel dormia  
à minha sombra.

## **O POETA E O INSETO**

Uma música longínqua  
e melancólica cria ressonâncias  
na concha acústica de minha alma.  
A bebida eu a tomo em longos goles.  
Um inseto pousa sobre  
a mesa e me faz companhia.  
Sorve um trago da porção/poção  
(derr)amada. E se embriaga.  
A tristeza imensa me deixa cruel:  
enxoto o pobre inseto bêbado que  
ensaia um atropelado voo. E cai.  
A tristeza continua a crescer e a cair  
em minha alma como infiltrações de estalactites  
em (f)urna mortuária .....

## **O CÍRCULO SE FECHA**

O infinitamente grande  
tende ao tudo.  
O infinitamente pequeno

tende ao nada.  
Estes dois extremos se tocam.  
Em Deus.

## **GRAN FINALE**

Desmanchei  
com minhas mãos  
que os criara  
os deuses em que cria.  
Desfiz  
a imagem que fizera  
da mulher amada.  
Perdi a fé em tudo  
como quem nada perde.  
Depois  
gritei, berrei,  
chorei gargalhando  
e resolvi ficar louco.  
Depois de doido,  
resolvi tentar a sorte  
    sal –  
        tan-  
                do de cabeça  
do alto do arranha-céu.

Parnaíba, 15.06.78

## **VIDA IN VITRO**

andavas pelas ruas de outrora  
à procura de ti mesmo  
que se encontrava aos pedaços  
bêbedo nos bares  
aos trancos e barrancos  
se arrastando pelos lupanares  
tortuosamente andando  
pelas ruas tortas.

eras infante e juntavas varapaus  
no sonho maluco de tocares  
a lua cheia que depressa minguava.

levantaste a túnica da freira  
não por sacrilégio ou impudência  
mas apenas para constatares se  
ela possuía duas pernas e dois  
seios como todas as mulheres.

eras infante e quebraste

o João teimoso, não por maldade,  
mas para descobrir o misterioso  
mecanismo de sua teimosia.

não, não eras doido, não eras lúcido,  
eras apenas um translúcido menino.

escondias tuas vergonhas, tuas frustrações  
e teus medos, como todos nós, como se esconde  
lixo debaixo dos tapetes de luxo.

recordas a menina que te golpeou  
com um não, apenas por capricho e maldade.

recordas a garota que te amava  
e que desdenhavas talvez por capricho ou vingança.  
eras poeta e criaste uma quimérica  
amada imortal e imaginária, inatingível  
em sua torre de marfim.  
ela talvez também te quisesse,  
mas a fizeste intocável.

enternecido, lembras-te da empregadinha  
que bolinaste, e que por bondade, amor  
ou desejo não te denunciou, com alaridos  
e gritos histéricos, estridentes.

eras jovem e te julgavas Alexandre  
e Bonaparte, senão mesmo um Deus,  
e já seguravas a coroa de ouro e o cetro  
e já acariciava tua fronte o louro triunfal.

tudo eram conquistas e tudo conquistavas.

eras jovem e eras frágil  
e te sentias impotente quando  
contornavas as calçadas de ouro dos hotéis de luxo  
ou quando avistavas a menina rica e bela,  
com as suas jóias e as suas roupas elegantes e caras.  
não sabias de seus desejos, de suas ânsias  
e doenças e de seus nojos de si mesma.  
talvez ela te amasse, mas o teu orgulho  
a fez afastar-se de ti.

ainda procuras o trolley que desviaste  
com teus amigos, para uma aventura sem fim  
até que os trilhos paralelos  
se tocassem no infinito.

ainda assistes a filmes de bang-bang  
só para sentires a emoção do tempo  
em que teu pai te levava para o reino  
encantado e mágico do velho cine nazaré  
que em tua memória ainda remanesce.

sentes ainda o cheiro dolorido e pisado dos alecrins  
da paixão do senhor morto, do horto das agonias,  
das chagas vermelhas, maceradas, da túnica  
roxa, brilhante, da coroa de espinhos, dos cravos,  
não os de cheiro, mas os de ferro, que ferem...  
eras infante, então, e como sofreste  
e como fizeste sofrer tua mãe, madona,

mater dolorosa e pietá sofrida e consoladora  
de teus sofrimentos de então e de sempre.

buscas os cheiros embriagantes dos  
brancos lírios de são josé e das rosas vermelhas  
do velho caramanchão de antigamente.  
os lírios se transformaram em cálices  
de amargura e nas rosas depositas  
o orvalho de tuas lágrimas pelo mundo  
perdido num canto escuro do passado  
e que não restauras, nem mesmo no  
terceiro ou no sétimo dia de tua agonia.

a magia da música e dos álbuns de família  
te trazem alegres e pungentes recordações  
e te fazem viajar no tempo e no espaço  
do turbilhão das mesmas emoções.

solitário, no silêncio da noite  
pensas nos segredos, vícios  
e incestos existentes na cidade,  
nas feridas abertas pelos mais acerbos sarcasmos  
e nos espasmos de brutais e homéricos orgasmos.

passeias pelos becos e logradouros do passado  
e eles te conduzem ao tempo  
que buscas em desespero.

perdido e cego caminhaste pelos labirintos,  
teseu e minotauro de teu próprio destino,  
nos confrontos que travaste com teu ego.

esfinge e Édipo, não decifreste  
teu enigma, e em vão buscaste  
as pitonisas de outrora e de agora,  
e inutilmente foste teu próprio ilusionista.  
mas eras sábio e em algum momento  
te reencontraste, ao te tornares  
mais simples e mais puro,  
malgrado as pedras, os lodos e as quedas.

em vão tapaste os ouvidos  
para as palavras que te feriram  
e inutilmente selaste a boca  
para as palavras ferinas que proferiste.

não, não eras anjo nem demônio,  
eras apenas um deus de barro  
e teu sonho secreto e sagrado  
foi sempre a transcendência  
mas decepado de uma das asas  
foste sempre um anjo torto coxo  
capenga no a esmo voo sem pontaria.

procuras ainda a pedra azul  
de tua serra encardida.

esperas ainda no pátio da igreja  
o ônibus que sempre vinha  
demasiado cedo ou demasiado tarde.

lamentas a namoradinha jovem e esbelta

que envelheceu e engordou.  
debalde procuras a sua cintura  
para ternamente lhe pousares as mãos.  
antes não mais a tivesses revisto.

ainda buscas a namoradinha  
de uma noite de verão – ou inverno,  
não importa, nada mais importa agora.

caim arrependido, pedes perdão:  
já não suportas o onisciente olho do senhor.

sofres pesadelo pela matemática  
que te torturava, e acordas suado, ansioso.

procuras o batente da calçada de outrora  
onde te cevaste nos lábios e nos seios da amada.

reencontraste a mulher que te amou  
sem esperança, em face de tua indiferença,  
e chafurdaste em sua carnívora rosa de carne,  
talvez para feri-la novamente,  
agora com a fúria e com o tédio.

devias estar feliz. realizaste teus sonhos  
de consumo. tens uma boa mulher.  
teus filhos são maravilhosos. tens  
um bom emprego. no entanto ainda  
não estás saciado. esperas um milagre  
mas não sabes se os milagres ainda existem.

estás perdido: tens inveja de deus  
e não sabes se é virtude ou pecado.

equilibrista, caminhas com teus malabares  
e alforjes por uma corda-bamba estendida  
de menos infinito a mais infinito.

caminhas para a morte.  
muitos dos teus amigos já são mortos  
e te procuram com insistência.

infante, desejavas crescer  
para realizares os teus sonhos de conquista.  
adulto, queres retornar ao país de tua infância.

não sabes o que queres.  
queres apenas morrer, esquecer.  
queres viver eternamente num mundo  
que não é o teu.

contudo, tens esperança  
e agora teces um poema sem fim  
com o novelo infinito de tua vida  
que se desdobra do nada ao tudo...

**SEXO**

vira  
gira            desvira  
                revira

reviravolta

                volta e meia volver

mete e tira

tira e mete

tiro ao alvo:

alvo preto cabeludo

dita dura:

fura tortura gostosura

fuça e funga

funga e fuça

suga e sunga

sunga e suga

geme e treme

treme e geme

gemidos e grunhidos

grunhidos e gemidos

vira e mexe

mexe e vira

sobe e cai

cai e pira

                tira delira

                pinto pinga

                ping pong

## AUTO-APRESENTAÇÃO

eis como sou

neste instante único

(após o qual já

serei um outro):

um homem que rema

no seco contra

a corrente das águas

um homem que usa

a gravata como

se fora um baraço

nas horas de opressão

um homem que escreve

torto por

linhas certas

um homem que sobe

e teima contra

a lei da gravidade

eu sou aquele

que aprendeu

a pecar para

ter a humildade

de não ter uma

virtude

eu sou aquele  
que jogou roleta  
russa com o tambor  
cheio de balas e  
apostou contra a  
sorte

eu sou aquele  
que lutou para  
não ser

## **ETERNO RETORNO**

memória:  
lâmina de desassossego  
cornucópia insana insaciável  
a jorrar o passado  
que não morre nunca  
sempre ressuscitado  
no eterno regresso  
a nós mesmos.

ó emoções redivivas  
e ampliadas  
das sensações  
de nervos expostos  
nas carnes pulsantes  
de um passado  
sempre lembrado.

recordações  
que dão e são vida  
de becos escuros, sem saída  
de amores  
    hoje boleros  
        bolors em flores  
de ilusões perdidas  
que se fazem dores  
na florida ferida da saudade.

evocações  
de dribles esquecidos  
de gols frustrados e acontecidos  
de um jogo que nunca termina  
de uma malsinada sina sinuosa  
de lágrimas caudalosas  
incontidas, vertidas  
das vertentes profundas  
do peito – porto  
sem tino e sem destino  
feito somente de desatino.

as mulheres amadas  
na juventude fugaz  
    não envelhecem  
    não se corrompem  
    não morrem jamais  
preservadas intactas e belas  
na câmara ardente  
incandescente da memória.

recordações de fantasmas  
que já nos abandonaram  
de amigos mortos  
que nos acompanham  
cada vez mais vivos  
de sustos e gritos  
de proscritos e malditos  
de agouros e assombrações  
de desdouros e sombras vãs, malsãs,  
oriundos dos porões escavados  
nos subterrâneos dos sobrados  
    subterfúgios e refúgios  
da memória.

O passado poderoso e renitente  
retorna e continua vívido e presente  
se contorcendo se retorcendo  
    e se recontecendo.

Teresina, 23.12.94

## **ROMPIMENTO**

Dedo em riste,  
muito feroz e muito triste,  
o homem, grosso e imundo, falou:  
– Lembra-te, tu já lambeste meu cu!  
A mulher, com gestos abstratos

feitos do mais singelo recato,  
elegante e delicada, retrucou:  
– Lambi, mas não lambo mais ...  
O homem quedou-se transformado  
em pesada estátua de pedra e dor.  
A mulher se foi  
    – leve e evanescente –  
anjo que se libertou.

## **INSÔNIA**

No silêncio abissal  
da noite estagnada  
a engrenagem pesada  
do tempo se desenrola  
e desaba sobre mim.

As botas cadenciadas  
das horas marcham  
– lentas lesmas –  
marcham infinitamente  
na noite sem fim...

## NA NOITE

Na noite  
um sapo coaxa.  
Uma puta triste  
acha graça. Acha graça.  
Um galo  
às desoras desfere um canto  
fora de hora. E chora.  
Um cão ladra por nada:  
nenhuma cadela no cio.  
O silêncio  
grita como louco  
na concha acústica  
dos labirintos dos ouvidos moucos  
por onde um Teseu lasso caminha  
em busca do Minotauro – perdido  
sem o fio de Ariadne –  
conduzido por outro fio  
que parte / se parte e  
se reparte entre o ser  
e o não ser.  
E os gritos de Teseu  
arrancam ecos  
que já ecos de si mesmos  
se repetem se repetem  
até a mais completa  
absoluta exaustão.

## LÍRICA 2.222

Eu vi teus olhos  
de pedras verdes musgosas,  
dissolvendo-se em líquido  
no verde móvel do mar.  
Teu corpo vi tomando  
a forma da praia  
e a tua voz assumindo  
a cadência da música  
das ondas.

De você me veio  
uns longes veios de saudades  
e maresias  
invadindo meu ser.

Os teus cabelos  
eram loiras algas,  
encrespadas em ondas do mar.

As curvas  
da terra e do mar  
são apenas projeções  
da poesia selvagem de teu corpo.

Sim, sinto ainda te amar  
a leste, oeste, ao vento e ao mar,  
com a mesma paixão incontida  
de um gesto feito de raiva,

do tempo em que eu tinha  
a inocência e o pecado  
de um deus feito de pedra.

Pba, 19.03.78

## **TRAGICOMÉDIA**

Preso no  
ventre estreito  
do Universo,  
tenho um acesso  
de claustrofobia.  
Fruto mau  
de árvores boas,  
sou estéril  
(para não ter maus frutos).  
Nasci prematuramente  
e morrerei depois  
da hora.  
(Sou teimoso como  
um João-teimoso.)  
Guiado por cego  
e conversando com  
surdo-mudo,  
fui tachado de  
débil mental.  
Mas isto é um  
eufemismo:

eu sou mesmo é  
um doido varrido,  
por força da necessidade.  
Sou triste.  
Mas eu vejo a tristeza  
como lágrimas  
nos olhos do diabo.

Pba. 09.77

## **EGOCENTRISMO**

Eu sou um homem,  
diante do qual,  
curvo como um  
servo capacho,  
eu tiro meu chapéu,  
que nem sequer tenho.  
Eu vendo minha  
imagem refletida  
no espelho não mágico  
de meu quarto,  
curvo-me a mim mesmo,  
como um eunuco do harém  
perante o sultão.  
E aquela imagem,  
curva ante mim,  
é minha maior homenagem  
que me presto.

Eu me aproximo  
do espelho,  
até que minha imagem egocêntrica  
seja projetada no infinito.

## **TÉDIO**

Só o tédio absoluto,  
o vazio total,  
a negação completa,  
eu sinto sempre.  
Sempre a falta de algo.  
Sempre o algo inalcançável.  
sempre a louca  
procura  
do tesouro perdido,  
da pedra filosofal inexistente.  
Sempre a eterna  
falta de inspiração  
para a eterna poesia  
nunca feita.  
Sempre a mesma  
falta de amor.  
Sempre o mesmo amor  
velho e tedioso.  
Sempre o  
mesmo tédio cansado.  
Sempre, sempre, sempre  
o mesmo sempre de desilusão.

Pba. 08.09.77

## REALIDADE FANTÁSTICA

Velhas borboletas empoeiradas  
saídas do fundo dos baús.

Velhas borboletas obsoletas

e de

asas

enferrujadas querendo

aprender de novo a arte de

bor- bor- bor-

bo- bo- bo-

le- le- le-

to- to- to-

a- a- a-

vo- vo- vo-

ar. ar. ar.

Lâmpadas

votivas destroçadas, estrelas

cadentes geladas, luzes

apagadas pelos inimigos da

claridade.

Antigos

alfarrábios cheios

de traças e cupins

com as amareladas

páginas dissecadas  
reescritos.

## **EM TRANSE**

Superando a relatividade  
do tempo e do espaço,  
quero não estar ao mesmo tempo  
no tempo e no espaço.

Indo além  
da barreira do tempo e do espaço,  
eu galguei o infinito  
ao ficar infinitamente  
pequeno.

Projetando-me  
além do tempo e do espaço,  
eu vi o caos  
do nada.

Perdido no  
tempo parado  
e no espaço desfeito,  
vi sangues azuis,  
cobras multicores,  
lagartas de fogo  
e outras alucinações  
girando vertiginosamente  
em apocalíptica  
coreografia.

E eu para sempre  
fiquei perdido no  
tempo e no espaço  
perdidos em vão.

Pba. 22.09.77

## **POESIA CÓSMICA**

Duas lágrimas  
de pedra nos olhos de vidro  
e uma tristeza infinita na  
alma de cristal.

O pensamento  
voando além do infinito  
e o corpo inerte  
querendo voar.

As amarguras contidas  
no soluço recalcado,  
que morre antes de  
ser gerado.

A insatisfação  
dos atos inúteis  
em cada palavra  
dita em vão.

A vontade imensa  
de alcançar a  
realização total  
de não ter desejos.

E a vida prática  
e a matemática  
e a rima que surgiu  
por mero acaso.  
A matemática  
me enlouquece:  
por isto meu pensamento  
salta de mais infinito  
a menos infinito  
e explora as amplidões  
do universo, enquanto  
meus olhos vidrados  
fitam a álgebra  
sem vê-la.  
E a minha abstração  
me leva ao infinito  
que meu corpo  
me nega.

Pba. 19.01.78

## **(IR)REAL**

Eu busco as  
mais loucas sinestésias  
em minha mente alucinada,  
onde as cores aromáticas  
se agregam a sons macios,  
misturados com aromas térmicos.

A loucura vem do cosmo  
em taças de cristal com sangue,  
em aortas com água,  
na alucinação total  
de um homem que  
se diz lúcido.

Na noite calma  
um cão ladra  
na solidão de  
luzes irreais de  
um cemitério de  
cruzes partidas e  
de esqueletos quebrados.

(E outro cão  
responde em mim.)

De repente, eu levito  
e me deixo transportar  
em êxtase ao  
país dos mortos-vivos  
e lá eu vejo todos os mortos  
e todos os vivos como simples  
mortos-vivos.

Depois, eu me sinto preso  
em todos os extremos do Universo  
e sinto que conquistei  
a liberdade cósmica,  
pregado no infinito.

Pba, 24.11.77

## REI

Ouvidos inúteis  
na noite silenciosa,  
eu escuto outros sons  
vindos do Universo.  
Apenas meus outros sensores  
captam as vibrações oriundas  
de outros astros.  
Apenas eu na noite absoluta.  
Apenas eu sem sombra e sem nada.  
Mas eu sou um caudilho hombre fuerte  
e suporto esta solidão total  
com o estoicismo de um  
herói (que não pôde fugir).  
No desejo louco  
de ser transcendental  
eu abri minha alma  
para o cosmo e  
absorvi suas forças  
com a ânsia de  
um asmático.  
E eis aqui o super-man  
sempre vencido  
(com um AI! eterno na garganta).  
Sem ter uma cova  
onde cair morto,  
eu me tornei o rei falido  
desta província global.

Pba. 12.11.77

## **EGOCENTRISMO**

Além do mar, além do infinito, além (...)  
meu corpo fica espalhado  
como poeira cósmica perdida  
e dispersa nos cantos  
(encantados e sem cantos)  
do mundo.

É uma miragem de  
visionário maluco o  
infinito: é a extrapolação  
do nada dentro do tudo.

Além do infinito, além do mar, aquém (...)  
minha alma percorreu o infinito,  
num tempo de tão pequeno  
arrancado do próprio tempo,  
até perder-se no infinito.

(Minha alma se tornou  
o hálito  
do éter perdido.)

E meu corpo se tornou  
uma estátua  
de granito,  
plantada como  
um astro no

centro do cosmo,  
desmanchando-se  
em lavas lacrimais  
de fogo ardente.

Pba, 07.12.77

### **AS MOSCAS E O TEMPO**

Moscas douradas  
copulam no ar  
e tecem teias  
com fios longos de pensamentos,  
que se perdem  
em passado sem história  
e em futuro sem  
perspectivas.

Moscas vermelhas  
copulam no chão  
e as mulheres  
surgem no matagal  
e as camas estremecem  
nas alcovas.

Moscas azuis  
copulam no céu:  
só existem  
anjos e arcanjos  
onde a matéria  
não existe.

Pba, 02.04.78

## **PINTURA**

Minha estrada  
é a esteira de luz  
que o Sol traça no mar.  
Meu arco-do-triunfo  
é o arco-íris  
que o Sol pinta no céu.  
Meu louro  
é o pentelho dourado  
que cobre tua nudez.  
Então eu:  
laureado com tua pubescência de ouro  
percorro a estrada de luz do sol no mar  
passo por baixo do arco-íris-do-triunfo:  
herói anônimo que se venceu a si mesmo.

## **CETICISMO**

Náufrago de uma tempestade  
num copo d'água,  
escuto o canto da desgraça  
como um chamado de sereia.

Pregado numa cruz invisível,  
de cabeça para baixo,  
tenho os braços fechados  
em sinal de protesto.

Herói morto de  
um sonho desfeito,  
tenho como epitáfio  
a solidão e o  
esquecimento.

Cantor do silêncio,  
tenho a lira sem cordas  
e as mãos paráliticas.

Pássaro-símbolo da liberdade,  
tenho as asas quebradas e a  
garganta afônica.

Mendigo da solidão,  
tenho as mãos vazias.

Descendente de troglodita,  
sou menos que um  
macaco.

Partícula de mim mesmo,  
sou menos que uma célula  
fragmentada.

Resumo de mim mesmo  
uma expressão me resume:  
o NADA absoluto.

Parnaíba, 04.09.77

## **SACRIFÍCIO**

Abrir meu ventre  
como uma rosa de carne  
e de suas vísceras multicores  
pétalas dispostas em arabesco  
projetar uma poesia  
feita de flores e de fezes.

Cortar meu corpo  
e retalhar minha alma  
e fazer uma poesia  
de matéria e de espírito  
e morrer na última palavra  
do último verso por nascer.

Drenar  
minhas veias e  
com seu sangue  
regar um poema canibal  
que não fale de morte.  
E escrever a obra-prima  
com o sangue da alma.

Parnaíba, 17.05.78

## **SONETO DA SOLIDÃO**

Nas noites em que a lua alumia  
a solidão das desertas chapadas,  
soturnamente, adormece a melancolia.

Os raquíticos espinheiros, como ossadas,

quando a noite é bem sombria,  
a sós com a solidão das quebradas,  
contemplam, tristonhos, a nostalgia  
das lúgubres noites amortalhadas ...

A araponga, se a noite desce,  
solta seu grito que esmaece  
na solidão, seu calvário!

Quando o dia chega ao termo,  
a solidão que envolve o ermo  
é como minha alma de solitário.

## **COISA NENHUMA**

Meus olhos jogados ao  
acaso como pedaços  
de espelho quebrado.

Meus cabelos arrancados  
flutuando como  
cabelos do vento.

Minhas mãos decepadas  
acenando em vão e em vão  
apertando coisa nenhuma.

Minha cabeça atirada  
numa lata de lixo

onde o lixo era ela.  
Minhas células espalhadas  
por uma tempestade que  
partiu de mim.  
Os pedaços de meu  
corpo mutilado depois  
se agregam como antes,  
exceto a cabeça.  
(Ai! Dalí, Dalí, Dalí...  
O meu corpo sem cabeça,  
como o Farmacêutico de Ampurdán,  
anda à procura de coisa nenhuma.)

Parnaíba, 1978.

## **UM POEMA DE AMOR**

Eu me entrego todo  
a teu corpo de doação  
aberto como  
corola e cálice  
aberto para a  
recepção de meu corpo  
que também se entrega.  
Percorro  
– minhas mãos –  
percorro teu  
corpo em ânsia  
em busca de seus

recantos secretos  
de suas grutas escondidas  
de suas fendas perdidas  
de suas chagas naturais.

Eu me te entrego  
que te me entregas  
como uma dádiva  
que te dou e que me dás.

Nos instantes  
de nossos afetos  
percorro os relevos e as vertentes  
de teu corpo como  
quem penteia  
cabelos de nuvens  
e altera  
a posição  
das estrelas.

E desejaria,  
nessas horas  
de lúcidas loucuras  
que um brutal espasmorgasmo  
nos consumisse  
nos braços um do outro.

E que uma  
longa vertigem  
nos transportasse  
ao paraíso  
dos sonhos das quimeras  
e dos loucos.

## ENCONTRO

Em teus olhos mergulhei  
para rever

reviver o já vivido.

Neles me embebi

embevecido

ao arrebatado do esquecido

“o que não foi

e que poderia ter sido”.

Colhi nas minhas

o perfume de tuas narinas.

A essência de tuas crinas e resinas

às minhas misturei.

Com os meus, colhi-te

os lábios, entreabertos

em suave espera e ânsia.

Beije-te os olhos

– fechados para que visses e sentisses

plenamente a magia do momento –

e deles vertias o céu e o mel.

Te. 08.91

## **AMOR CONCRETO**

no vór-

ti-

ce voraz

dos abrasados amantes abraçados

o amor se faz

in-tenso e tenaz

no êmbolo inserido no

ver tiginoso

vér ti

ce

inver tido

Te. 05.12.92

## **METAPOEMA**

As meadas e as palavras

são labirintos e teias.

Nelas os poetas se elevam;

nelas as moscas se enleiam

e se debatem em vão.

Os poetas são.

As moscas, não.

## **GALO**

O galo

navalha as trevas  
e o  
silêncio da noite com seu canto  
e desperta o sol e o corneteiro  
para o incêndio e  
o toque da alvorada.

## **AMOR**

Áspero e macio  
este amor feito  
só de cio.  
Amor que de tão puro  
não tinha pudor  
que de tão forte  
sem motivo se partiu.  
Amor que de tanta vida  
era também morte  
que de tanto sangrar  
era faca que se fez ferida.  
Amor que renascido  
se consumia em sua via  
de agonia.

Te. 04.12.89

## **FLAGRANTES**

no céu azul

um urubu

sob o negror  
do guarda-sol  
o pelotão azul  
de teus olhos  
da sombra  
me fuzilou

Te. Dom. 06.08.95

## **AMOR CIGANO**

A cigana jogou as cartas da sorte  
e leu afagando as linhas tortuosas  
que sulcam a palma de minha mão.  
Falou sussurrando  
de ascensões e naufrágios  
entrevistos nos presságios.  
Prometeu um grande amor  
que breve encheria meu vazio coração.  
Enfeitiçou-me e se evadiu  
por ondulosas colinas  
cheias de margaridas e rosas,  
eritrinas e neblinas.  
E me deixou repleto o coração  
apenas de urtigas e saudade  
a cigana leviana que leu

e releu a palma de minha mão.

## **MUSA MEDUSA**

Sem arautos  
sem pajens e sem bagagens  
inesperadamente chegaste  
sem anúncios e sem presságios  
egressa de sonhos e miragens  
e tão inesperadamente te foste  
no mesmo sonho que te trouxe.  
E na dor  
intrusa que me restou  
a Musa se fez Medusa.

Te. 09.08.95 – 1h

## **AUTOBIOGRAFIA**

Após seguir os mais ásperos caminhos,  
Napoleão avesso, eu próprio me coroei  
com uma coroa de cravos e espinhos.  
Subi montes, rompi charcos,  
atravessei grutas sem luz,  
com os ombros esmagados  
ao peso de férrea cruz.  
Em noites de névoas e luas

sofri e cantei perdido nos lupanares.  
Em dias de sol escaldante e incandescente,  
fui casto Dante  
e Baudelaire delirante e indecente,  
pelas tardes mornas de ressacas e orgias.  
No Olimpo a que subi em busca  
dos mitos, à procura de Zeus,  
pregaram-me numa cruz onde  
puseram irônica tabuleta: “Rei dos Judeus”.  
Por frígida e pálida manhã,  
envolto em solidão e neblina,  
rasguei e perdi minha toga purpurina.  
Cheio de ódio e de amor,  
sorvendo taças e mais taças  
de bebida balsâmica e malsã,  
nos bordéis de Eros, nos templos de Pã,  
e nos palácios dourados de Mefisto,  
onde sucumbo e resisto,  
no meio de mentira e desengano,  
fui Satã,  
fui Cristo,  
fui Humano.

Te. 17.11.95 – 04:25h

## **2ª PARTE**

### **CANCIONEIRO DO FOGO**

“Prefiro um bom poema de amor a um mau poema político, porque o mau poema político merece à revolução.”

*Fidel Castro*

## **GALO MAGRO**

Galo Magro

não tinha

penas multicores

não tinha canto

nem encanto

não tinha crista

nem cristais de prata.

Sim, senhores, porque Galo Magro

era apenas o apelido

de um menino pobre,

de um menino feio,

de um menino com fome,

de um menino sem nome,

como milhares de

outros meninos do Brasil.

Galo Magro

jogava bola

mas um dia

para driblar a fome

encravada no seu bucho  
ainda menino foi ser  
motorista de táxi.

Um dia,  
um dia como  
outro qualquer,  
um dia simples  
sem exuberância de sol  
e sem adorno de nuvens  
um homem mandou  
que o Galo Magro  
fizesse uma corrida

à passagem do  
“Vai-não-Volta”.

E o Galo Magro  
foi e não mais voltou.

Foi encontrado morto  
com o olhar de  
vidro absorto  
fitando o vazio  
do sem futuro.

Foi encontrado morto  
com os olhos tristes abertos  
fitando talvez a quimera  
da vida perdida de quem nada espera  
da vida perdida  
de pobre diabo  
completamente morto  
morto ainda em vida  
de morto morto e acabado.

(Uma rosa rubra de sangue coagulado  
brilhava muito viva e linda em seu  
peito frágil de Galo Magro magro.)

## **CIDADE GRANDE**

Dando (m)urros  
no vazio  
por causa da dor  
                  da doidence  
da vida  
da vivida mediocridade  
entre as ruas  
                  nuas sujas tristes  
as ladras  
      ladram como cães  
e os cães  
gemem como homens.  
Na (c)idade  
do lobo  
o lobo-homem  
é o lobisomem  
      do homem.  
Tudo é  
ferro feio (en)ferrujado  
ferindo feridas

já abertas.  
Na cidade  
na cilada  
das suas ruas  
surgem (g)ritos  
lavados em sangue  
lavrados a ferro e fogo.  
Soltam berros  
soltam (b)urros  
prendem os b'rros  
que incomodam.  
Na cidade grande  
onde não existe  
pôr-de-sol  
o homem gira e pira  
sem (gira)sol  
sem (guarda)sol.

## **ALEGORIA DA FOME**

A pobreza um dia  
bateu à minha porta  
sob a forma de um menino  
magro, sujo e maltrapilho.  
E catou com suas mãos esquálidas  
o sujo conteúdo  
de meus sacos de lixo.  
Foi quando eu saía  
para o trabalho.

O menino, ou antes, um  
bicho assustado correu.  
Fui no seu encalço  
em minha moto uivante.  
O menino correu ainda mais,  
varou cercas de arame farpado,  
penetrou no terreno baldio por entre  
arbustos espinhentos e urtigas,  
com olhos e gestos de terror,  
como se eu fosse espancá-lo.  
E eu somente queria dizer  
que ele podia catar o lixo.  
Apenas não espalhasse  
o resto do lixo  
sobre a calçada.  
Mas o meu pequeno irmão  
feito bicho espavorido  
tem medo dos outros bichos  
que se dizem seu irmão.  
E o meu irmão tem razão.

## **SONATA EM DOR MAIOR**

A mesa está posta,  
mas os pratos estão vazios.  
O meu povo não tem  
talheres, nem colheres,  
por isso come com  
as mãos o que não

existe nos pratos.

O meu povo vota em  
eleições para presidente  
da república (de estudantes),  
mas sonha votar  
na eleição para  
Presidente da República  
Federativa do Brasil.

O meu povo deseja bater  
palmas para as estátuas dos  
heróis libertários.

Mas como se as mãos  
e os pés estão atados?

Em 1888 acabaram com a  
escravidão no Brasil. Mas que escravidão?

Se antes os escravos eram pretos,  
hoje são de todas as cores,  
e cantam com raiva a “Esparrela do Brasil”.

Parnaíba, 13.10.78

## **MOISÉS**

Escravo,  
não sou escravo da submissão  
e meu último adeus será uma corrida  
com os pés fora da corda-bamba.  
Escreverei

um manifesto assinado  
com o sangue de cada um,  
com o suor de todos,  
todos mocinhos  
de um filme sem mocinhos.  
Escarnecerei  
os muros e os tetos das prisões  
porque são exceções de um regime de  
exceção.  
Escangalharei  
as portas do céu  
e os portões do inferno  
e soltarei a liberdade.

Parnaíba, 02.04.78

## **A FOME**

I

a fome  
que come  
e consome  
o "home"  
mora  
em sua víscera sonora  
e o devora  
como uma flora  
cancerosa

rosa carnívora  
que aflora e o deflora  
de dentro para fora.

## II

a fome é tanta  
e tanto espanta  
que o ex-grevista de fome  
hoje é grevista com fome  
– ou melhor – desempregado  
pregado na miséria

	de ser	gado	sub/ju/gado
fis/gado		vis/gado	k/gado

## O PROTESTO DO JUDAS

No sábado de Aleluia  
batizaram e enforcaram  
um Judas de pano e molambo,  
o qual não estrebuchou  
e nem se lamentou da sorte,  
mas apenas protestou em testamento  
por via do nome execrável (do político)  
com que lhe batizaram.

## **INFLAÇÃO**

A inflação está  
tão alta que  
papel-moeda  
virou papel higiênico.

E papel higiênico  
virou artigo de luxo.

## **O FAVELADO**

O favelado, qual filósofo meditava:  
sua miséria era tamanha  
que tudo enchia e ainda sobrava.

## **GUARITA**

No bairro  
da Guarita  
sem guarita  
sem guarida  
e sem nada  
fiquei sentindo  
o cheiro de podre  
de seu mercado

mercado  
    de bancas  
    e pessoas  
no trabalho  
na luta/labuta  
como formigas  
em formigueiro.  
    Vi peixes  
    minguados  
rodeados de  
pessoas pobres  
que esperavam  
uma nova  
multiplicação  
    de peixes  
oh! como tardas,  
ó revolução.  
    Vi tomates  
    vermelhos  
brilhando  
ao sol  
    refletidos  
    nos olhos  
    das pessoas  
que espiavam com fome  
que espiavam sem dinheiro.  
    Vi expostas  
    postas de  
    carne  
sangradas sangrando  
borrifando vermelho

em estranha  
pintura  
surrealista.  
No bairro  
da Guarita  
na zona do meretrício  
vi profissionais  
como mendigas  
porque a necessidade  
é bem maior  
que o ganho.  
Na praça  
da Guarita  
num comício do povão  
vi que o povo tem fome  
mas o povo quer comer  
vi que o povo  
tem sede  
mas o povo quer beber.  
Na praça da  
Guarita  
sem guarita e sem guarida  
a guarita  
é o povo  
na guarita do poder.

Pba. 19.01.81

**ELEMENTOS ELEMENTARES**

Tanta água  
e o meu povo  
com sede.

Tanta terra  
e o meu povo  
com fome.

Tanto céu  
e o meu povo  
sem liberdade.

Tanto fogo  
e o meu povo  
comendo cru.

A revolução dos elementos  
apenas piorou o que já  
estava ruim.

E o meu povo continua  
como a cantiga da perua:  
pior, pior, pior ...

Pba., 20.10.78

**ROMANTISMO REVOLUCIONÁRIO**

Estou aqui,  
querida,  
feito um  
pateta, contemplando em  
alienação  
voluntária  
e otária  
um crepúsculo como nos  
meus bons  
tempos de  
adolescente.  
Somente  
eu mudei: os crepúsculos  
continuam  
iguais =  
= iguais.  
Mas faz bem a um homem  
ser  
romântico:  
por momentos  
ele esquece a sua e a  
fome de  
seu povo.

**7 DE SETEMBRO**

**I ATO**

Na parada de 7 de setembro

de 1981  
os patriopanças  
ladrões da finança pública  
com suas estufadas panças  
discursam sobre heroísmo,  
patriotismo e civismo.

Na parada de 7 de setembro  
de 1981  
criancinhas pobres  
cheias de vermes  
e vazias de esperanças  
desfilam famintas

sob a ironia de um  
Sol escaldante e indiferente  
de- cam-  
sem- ba-  
fi- le-  
lam an-  
tes

de cansaço  
de sede  
e de fome.  
O sorriso  
é lindo  
mas o olhar é triste.  
E os pequenos infantes  
sem reinado  
sem rei nada  
nada sabem  
do heroísmo  
do patriotismo

do civismo  
dos patriopanças  
de panças cheias  
de tripas corruptas.

E a criança  
sob o sol causticante  
de nossa pátria tropical,  
com os dentes cariados  
e a barriga faminta  
cheia de vermes,  
carregando faixas sobre

SAÚDE – EDUCAÇÃO – ALIMENTAÇÃO

fica triste e chora  
e não sabe o que  
faz ali.

## **II ATO**

Mas na parada de 7 de setembro  
de 1981

trabalhadores não convidados  
pelos donos do poder  
desfilaram armados  
de picaretas, foices,  
machados, enxadas e  
reticências.

Era um mar  
era um Marte  
era um martelo  
os trabalhadores conscientes  
da força de seu trabalho

da força de seu cutelo.  
    Não precisavam  
    de cartazes:  
os instrumentos falavam  
que eles construíam  
no dia a dia  
    a Independência do Brasil!  
    Mas os carrascos  
        os ascos  
    da repressão  
dispersaram os manifestantes  
alegando subversão.

    Ai! Guernica. Ai! Picasso  
    Ai! Grito explodindo  
    em forma de cogumelo  
    de uma grande dor  
        atômica  
        atônita  
        agônica  
        e sem  
        sentido.

    Parnaíba, 20.01.81

## **PALAVRAS DA LIBERDADE**

Eu sou um animal  
    selvagem

correndo até cair de  
cansado.

Eu sou um pássaro  
louco  
voando até topar nas  
nuvens e  
no céu.

Eu sou um arrote  
em explosão  
na mesa de um banquete  
dos clubes sociais.

Eu sou o grito de  
revolta  
de uma dor impotente.

Sou a  
força da água arrombando  
diques  
e inundando campos e  
cidades.

Sou a  
força que arrebenta  
correntes  
e abre cadeados e prisões.

Sou a  
prisão de ventre vencida  
o ventre  
se abrindo em parto  
o parto  
sendo liberdade e a  
liberdade  
de todos – de todos em

liberdade.  
Mas  
sou mais do que isto:  
sou  
a consciência coletiva  
comandando  
o destino de cada um.  
Sou  
o povo fazendo a sua própria  
história.

Parnaíba, 25.12.79

## **SOU POETA**

Também sou poeta,  
Alcides Pinto,  
sou poeta.  
E estou de mal com a vida  
que nos acena  
com miragens  
que jamais irá cumprir.  
Sou poeta, Alcides Pinto,  
nunca neguei, sou poeta.  
Mas sou puto com a vida,  
megeira encarquilhada  
que nos acorda dos sonhos  
que sonhamos acordados  
pelo prazer de ser ma'drasta.  
Sou um poeta  
da vida, das putas,

das lavadeiras, dos ladrões,  
dos assassinos, dos botequins  
de cachaça, das (in)confidências  
mineiras, dos deserdados da sorte,  
dos enteados da vida.

Sou um poeta

das putas

mas não sou pu(e)ta

dos políticos

que tanto mentem

pro povo

que tanto enganam

o povo.

Não sei de

física.

Não sei de

metafísica.

Sei de

metabolismo basal

e sei que o povo

passa fome.

Sei que

algum dia o

te'ar'pão

virá tecido no (te)ar

pelo arpão do povo

e pão haverá.

Sei que

alguma coisa está errada

porque o povo era pra ser

tudo

e agora não é nada.  
Sei que  
existem pássaro e flor  
e sei  
que o amor existe:  
mas pássaro é canto, é liberdade,  
e flor é vida, é alegria,  
e o amor é tudo  
mas tudo  
está morto e triste  
como uma catacumba  
encravada  
nas masmorras do inferno.  
Quero  
aproveitar a oportunidade  
para comunicar a quem interessar  
possa ou não, e deixar registrado  
    – ad infinitum –  
com certidão passada em cartório  
que o sofrimento do povo me deixa  
triste e me incomoda, e que  
– saibam todos – no dia em que eu  
disser o contrário oirártnoc  
nesse dia – por medo – estarei  
mentindo (e por favor não me  
acreditem/creditem)  
ou então  
me terão feito  
uma lavagem cerebral.  
Sou poeta,  
Alcides Pinto, sou poeta,

juro que sou poeta.

### **3ª PARTE**

#### **CANCIONEIRO DA TERRA E DA ÁGUA**

“A poesia é pintura silenciosa e a poesia é pintura que fala.”

*Simônides de Ceos.*

#### **PAISAGEM MARINHA**

Fecho os olhos  
e encosto a concha do búzio  
na concha de minha orelha  
e escuto o ritmo frenético  
do mar  
ou lhe ouço o rouco ronco rolado  
de ondas paradas.

Fecho os olhos e escuto  
a voz do búzio

e de dentro de sua concha  
de cornucópia surgem  
ondas, espumas e areias,  
peixes, corais e caracóis,  
alados cavalos-marinhos  
e estrelas-do-mar e do ar  
em galáxias de a(r)mar.

(Meu coração  
marinho sonha com sereias,  
ilhas, coqueiros e veleiros.)

De dentro  
da concha do búzio  
sai um vento  
recendente de maresia  
que me  
leva/lava/lavra  
como se eu fora um  
fruto do mar.

## MARÍTIMA

Do mar eu trouxe  
o vento que dança  
em torno de meus cabelos.  
Trouxe este meu cheiro  
de sal, mariscos e maresia.  
Vaqueiro fui e fazendeiro  
de estrelas-do-mar que  
subiram ao céu para formar  
constelações e galáxias.  
Nas pontas agudas de meus dedos  
cintilam fogos-de-santelmo.  
Meus olhos têm o brilho  
que roubei das ardentias.  
Os relâmpagos das procelas  
pousaram nas minhas mãos  
e nelas se aninharam.  
Do ritmo do mar eu trouxe  
os meus gestos e o meu jeito de falar.  
Num lance de búzios  
joguei minha cartada final  
em que fui anjo terminal.  
Do mar eu trouxe a cantiga  
do vento na voz dos búzios.  
Sobre o dorso de alados cavalos-marinhos  
pesquei sereias malévolas que me  
encantaram e depois fugiram.  
No vai-e-vem das ondas  
busquei o meu gesto de  
posse e devolução.

Trouxe o meu beijo temperado  
no salamargo de suas águas.  
Trouxe tesouros sepultos  
nas covas do coração.  
Com o mar aprendi meu modo  
de caravela: meus dedos  
são filamentos que machucam  
sem querer, que ferem  
sem ter por quê.  
Trouxe caracóis que se (con)fundiram  
com os caminhos labirínticos que trilhei.  
Louros, nunca os tive,  
exceto algas em meus cabelos.  
Arrebatado por navios fantasmas  
conheci várias e inefáveis dimensões.  
Nadei contra as correntes marinhas,  
mas a elas cansado me entreguei,  
despojado da púrpura e do cetro  
com que havia lutado.  
Trouxe do mar as conchas ilusórias  
– multiformes e multicores –  
com que minha vida enfeitei.  
Mas sobretudo trouxe a vida  
na alegria das chegadas  
e na tristeza das despedidas.

## **PERDIÇÃO**

Por mares de sargaços e enganos  
perdi-me na rota  
de estranhos portulanos  
feitos por arcanos d'antanho.  
Por causa de lábios  
que falavam de amor  
seguindo incertos astrolábios  
soçobrei nas tormentas  
de algum cabo Bojador.  
Egresso de Sagres  
dancei a Dança dos Sabres  
no mapa de meu destino.  
Nas garras da ventania  
joguei um jogo de morte  
em que tudo se perdia.  
No derradeiro naufrágio  
encontrei enigmas e presságios  
nos búzios que no abismo havia.  
E tudo se findou  
num veleiro encalhado  
em mar de absoluta calma.

Te. Dom. 07.10.90 – 03h

## **PARNAÍBA REVISITADA**

Pelos labirintos  
de antigas ruas perdidas  
caminho sem destino

e mergulho no temporal  
das cavernas inescrutáveis  
do deus Cronos  
e o que se chama passado  
intacto resgato  
num pequeno pedaço de um  
velho azulejo desbotado.

### **MAR(ULHO) NO TABOCAL**

Manhosa  
manhã de domingo.  
Sorvendo  
solvendo uma cerveja  
estupidamente gelada  
sob a sombra redonda  
redoma levemente  
verde-transparente  
o sol ruiva  
o vento uiva  
    ondula e marulha  
nas afiadas espadas e agulhas  
    do tabocal  
e me emerge um mar  
    imerso no temporal  
quebrado nos arrecifes  
    esvaído no tempo  
e nas distâncias esquecidas.

Te. 23.06.91

## **VENTO NA ALMA E NOS CABELOS**

De Parnaíba jamais esquecerei  
o vento dedilhando a harpa eólia  
da palma dos coqueiros  
e uma música divina destilando.  
Jamais esquecerei a ventagonia fiando  
e desfiando os novelos de meus cabelos  
encrespados em espumas e salsugens  
e arrastando minha alma  
– veleiro de aventureiros e corsários  
    bandoleiros e libertários –  
pelo largo mar onde  
    onda após onda  
o sonho vai quebrar.

Pba. 29.07.89

## **LABIRINTO TINTO DE SANGUE**

Faço um poema  
com o sangue ardente  
das nascentes de meus dedos:  
vertentes de medos e degredos.  
Os versos são fios de esperança

que saem de palpos de estranhas aranhas  
construindo labirintos em arabescos  
tintos de sangue nos afrescos.  
Ariadne recolhe o fio  
e Teseu surge intacto  
com a espada embebida  
do sangue do Minotauro que traz  
no peito a rosa sangrenta da ferida.  
Com esse fio  
Penélope tece e destece  
um longo manto ensopado  
de pranto e quebranto  
e se amortalha das dores  
de amor de que padece  
– amor que lhe pasta e apetece.  
O que conclui desfaz peça por peça  
e interminavelmente recomeça.

## **PAULICEIA**

Do apartamento  
assistia sitiado  
a antipanaceia destrambelhada  
da Pauliceia Desvairada  
escaramuçando e rugindo  
lá em cima  
                    lá embaixo  
para todos os lados,  
pela boca fumarenta fedorenta

das chaminés e dos canos de descarga,  
pela boca nojenta gosmenta dos esgotos  
que escarram e vomitam no Tietê,  
pela boca de morte  
das sereias angustiadas que gritavam,  
pela boca fedida  
da namorada que brigava,  
pela boca ferida  
do namorado que revidava,  
pelos braços apressados  
que bracejavam elétricos,  
pelos passos ansiosos  
que esperneavam frenéticos  
no dinamismo maluco  
da vida fremente premente  
que me assustava e angustiava  
fechado e fugitivo  
no apartormento.

## **RECIFE**

(Fragmento de um poema perdido,  
escrito no Recife, início de 1975.)

teus lampadários  
multicores  
ilusórios e utópicos  
como os primeiros amores  
cheios de mágoas

parecem peixes fosfóreos  
em tuas águas:  
caleidoscópicos  
aquários.

(versão modificada)

---

tuas luzes multicores  
ilusórias como os primeiros amores  
cheios de mágoas  
parecem peixes fosfóreos  
em tuas águas.

(versão original)

## **FLAGRANTES DE BELÉM**

(Reconstituição minimal  
de um poema perdido.)

No lusco-fusco da chuva  
intermitente de Belém  
um guarda impaciente  
envolto na capa e na solidão  
aguarda um outro  
guarda que não vem  
para o ato de rendição.

Um impudente  
fauno de pedra de pé mijava.

Uma imprudente  
ninfa de cócoras  
o cântaro emborcava:  
água na água  
chuva chovendo no molhado.

## **FLAGRANTES DE TERESINA**

### **I**

À meia-noite  
percorria a praça.  
A noite era silente e fria  
e nenhuma estrela luzia ...  
O manto escuro tudo  
envolvia e ninguém existia.  
Apenas o olhar cego  
do Conselheiro, ao longe,  
indiferente, me via.

### **II**

Em criança  
a carranca do Barão  
em seu assombro me fascinava.  
Seu bigode recurvo espetava o ar  
a ceifar a brisa como às nuvens  
e ao céu o alfanje lunar.  
Um besouro inoportuno  
bolinou o bigode do Barão

e o bigode de bronze  
imperceptivelmente se moveu.

### III

Na praça Saraiva  
uma flor fez-se borboleta  
e desferiu um voo rasante  
sobre a cabeça do Conselheiro  
que permaneceu  
impassivo e contemplativo  
em sua dura  
postura de escultura:  
hierático e estático.

## 3 POSTAIS DE TERESINA

### POSTAL I

Na Paissandu e adjacências bêbados passeiam  
equilibrados sobre a corda-bamba dos pés.  
Velhas meretrizes sem freguesia  
conversam e cospem na calçada.  
Nas noites serenas de serenatas  
as luzes mortiças dos postes  
espiam de pálpebras cansadas  
os amores camuflados clandestinos (in)decentes.  
Os amores puros, sem rotas e rótulos.

A lua, velha safada, espreita a intimidade  
das alcovas dos casais.

## **POSTAL II**

No Morro do Querosene  
– sem quero, sem querosene e sem gás –  
a miséria mora em cada casa  
sem água e sem luz.

Um bolero ou tango  
tange o tédio.

De repente, um tiro na noite.  
Assassinato ou suicídio?  
Último ato: cai o pano do silêncio  
sobre o silêncio do morto.

## **POSTAL III**

O Morro do Urubu  
se muito foi terá sido  
morro do urubu chumbado, morro do  
urubu chagado, sifilítico e faminto.

O Morro do Urubu  
hoje é Morro da Esperança.  
Esperança de quem?  
Daqueles que nada esperam  
em sua ab/so/luta miséria.

Morro da Esperança?  
Morro dos bastardos da vida,  
dos pobres, dos desvalidos.  
Morro da morte matada,

morro da morte morrida,  
morro da morte em vida:  
morro da (des)Esperança.

## **NOTURNO DE OEIRAS**

Meia-noite.  
Metade silêncio,  
metade solidão.

Atravesso a praça das Vitórias  
na hora dolorosa das doze badaladas  
punhaladas que também me atravessam.

Da casa de doze janelas  
doze donzelas me espiam com olhares  
que são setas de medo que  
assustam e extasiam.

Passadas pesadas  
nos assoalhos de tábuas  
dos rugosos sobrados se confundem  
com o batuque tuc-tuc e  
com o atabaque tac-tac  
de meu desengrenado coração.

A lua se esgueira e espreita

das frestas das nuvens.

Os fantasmas caminham  
solenes, devagar,  
visíveis e invisíveis,  
seres que são e não são.

No horto do Pé de Deus  
visagens rezam contritas.  
No horto do Pé do Diabo  
assombrações assombram  
bichos e visitas.

À distância a casa da pólvora  
vigia em sua solidez de pedra bruta.

Nos campanários de antigas igrejas  
algum falecido sineiro repica  
os sinos para si mesmo.

Uma sonata se evola  
de piano que já não existe.  
E persiste por pura teimosia.

O suicida se insinua  
no vão da escada de vetusto sobrado.  
Uma taça de prata tilinta e se despedaça ...

O relógio da catedral  
parou no tempo que continua:  
a pátina róí as bordas

da ferida do mostrador e  
mostra a dor das doze badaladas.

Negros ainda esperam abolição  
absolvição nas cercanias do Rosário  
pelos pecados que não pecaram.

As pedras antigas do calçamento  
são percorridas por sombras  
feitas somente de alumbramento.

O vento que passa  
não é vento: é fru-fru  
de saia de pessoa morta  
ou hálito de porta  
de casa já demolida.

Da Madona lágrimas escorrem  
e chovem sobre os telhados ...

Oeiras navega na noite  
de um tempo que não termina.  
De um tempo sem medida, fugitivo  
de ampulhetas e relógios.

## NOTURNO DO CEMITÉRIO VELHO DE OEIRAS

Cemitério

misteriosamente sem mistério

etéreo

em sua clareza

– mais que clareza, certeza –

de cemitério.

Campo Santo

onde o fogo-fátuo

e o pirilampo

cintilam – destilam suas luzes mortas

nas alamedas sem (en)canto

nas veredas do que é somente

pranto

onde poetas

egressos de outra vida

recitam versos enternecidos

para a imortal amada

inesquecida

onde músicos falecidos

acordam sons delicados

doces como alfenim

das cordas sensíveis

e pulsantes do bandolim.

Ó som de lamentações e de ais,

de lamúrias passionais,

de réquiem e miserere

que dilacera e fere  
como não se ouvirá  
nunca mais!

Horto sagrado  
do que é morto  
e é lembrado;  
do que é apenas esquecimento  
(do que não é nem será  
sequer pensamento).

Cemitério  
de lápides indecifradas  
pelas dentadas do tempo.

De cruces mutiladas  
e braços pensos.

De chumbados anjos sem voo  
e de asas decepadas.

De correntes arrastadas  
na via crúcis das  
almas penadas.

De vultos  
queridos da História.

De vultos  
diluídos, sem memória ...

De túmulos caiados, caídos,  
encardidos pelo tempo.

Cemitério de abandono:  
fantasmas sem sono  
abrem os portões  
de gonzos gementes, enferrujados,

e vagam pelas  
ruas adormecidas  
– sombras tênues, diáfanas,  
esquecidas.  
Cemitério  
de uma morte  
absoluta e sem fim  
como uma música  
sublime de bandolim  
tangido por dedos mágicos  
de Arcanjo ou Serafim ...

Te. 13/14.10.94

### **ELEGIA A CAMPO MAIOR**

Na paisagem plana do tabuleiro  
campeava sozinha a solidão.  
Ao longe, nas manhãs de inverno,  
a serra cachimbava suas névoas.  
As névoas se misturavam com as nuvens  
que rondavam sobre o cume.  
As águas mortas do açude  
tudo viam e tudo refletiam.  
À tarde o aboio dolente do vaqueiro  
partia a solidão que tudo presidia.  
E o aboio sem resposta  
– eco de si mesmo – repetia-se e se extinguia.  
O canto rascante e áspero de grilos e cigarras

arranhava o veludo macio do silêncio.  
Os cupins espalhados pelo tabuleiro  
eram pedras de um jogo em que a  
tristeza jogava paciência com a solidão.  
E a palma da carnaúba acenava  
para viva alma que nunca partia ou  
para um fantasma que jamais chegava.  
O menino em seu cavalo de talo de carnaúba  
campeava seu rebanho de nada  
pela fazenda do não-ser.  
Campeava seu rebanho de bois de jatobá  
por entre manadas de formigas  
que pastavam tapetes de babugens  
por entre cupins que erigiam moradas  
de solidão na solidão da chapada.  
E a serra se erguia do plano descampado  
cachimbando suas névoas  
para um céu que sequer olhava.  
Cachimbando suas brumas  
como um Sinai que fumegasse.  
Diz a lenda que a serra é uma cidade  
encantada. Diz o povo que em suas encostas  
vagam fantasmas penados em busca de furnas  
de ouro. Mas nas cavernas apenas a onça  
faz morada.  
Mas o menino ainda assim esperava pelo  
desencantamento da serra em vão esperado.  
Porque o menino era um poeta  
que campeava pelo campo do sem fim  
o seu rebanho de sonho e solidão.

## CROMOS DE CAMPO MAIOR

### I

Açude Grande

apenas no nome, mas pequeno  
na paisagem ampla dos descampados.

Tuas águas cinzentas  
azularam-se em minha saudade.

Tuas águas barrentas  
são tingidas de azul pelo  
azul do céu que se espelha  
em tuas águas de chumbo.

Em ti os pobres lavam  
coisas e se lavam,  
apesar das placas, dos guardas  
e da postura municipal.

### II

Serra Grande  
de Campo Maior.

De longe parece  
uma dobra do céu.

Nela eu menino fui  
buscar uma pedra azul.

Ledo engano, triste decepção:  
minha serra era da cor da terra.

Dizem que nela vagam os

fantasmas de uns padres que em  
suas entranhas enterraram ouro.  
É por isso que nas noites negras em  
suas encostas acendem-se fogueiras:  
é meu povo pobre procurando  
o (tes)ouro vigiado pelos  
fantasmas dos padres.

### III

A catedral de  
Santo Antônio do Surubim  
é bonita e imponente.  
Sua torre faz  
côcegas nas nuvens:  
dir-se-ia uma espada de  
Santo Antônio a brincar  
com as nuvens e com as estrelas  
ou uma escada em demanda do céu.

### IV

O rio Surubim cheio de  
outros peixes e de surubim  
não se parece nem com  
peixe nem com cobra prateados:  
no inverno é uma corrente de água viva.  
É nele que as lavadeiras ganham a vida,  
que os afoitos perdem a vida,  
que os meninos pobres brincam de ser  
apenas meninos – nem ricos, nem pobres.

Rio Surubim  
onde os pe(s)cadores pe(s)cam  
peixes e sereias de coxas grossas  
e sem escamas  
na doçura de suas margens  
na maciez de suas moitas mornas.

## V

O Monumento aos Heróis da Batalha do Jenipapo  
recorte de concreto contra a seda azul do céu  
em pleno e plano tabuleiro dos grandes campos  
de Campo Maior  
não obstante bonito é apenas um símbolo da  
coragem dos filhos da Terra dos Caraubais  
e de outras terras  
porque ela já fora indelevelmente  
(de)marcada a ferro e fogo  
em nossa memória e na  
p'alma de leque das carnaubeiras e na  
p'alma de nossa mão e de nossa alma.

## VI

Festejo de  
Santo Antônio do Surubim:  
sob as estrelas do céu  
sob as estrelas de lágrimas da pirotécnica  
foguetes estilhaçam ruídos e silêncios  
enquanto a bandinha do Antônio Músico  
ataca com o (dobrado) Capitão Caçula

a fil(h)armônica do Antônio Músico  
toca a valsa Coração Magoadado  
da autoria de seu pai  
– Major Honório Bona Neto.  
A bandinha do Antônio Músico  
deflagra lentas valsas  
lânguidos boleros  
lépidas marchas  
sob a batuta batuta  
do seu filho Antônio Francisco  
– maestro excepcional –  
em sua cadei(a)ra de rodas.

## VII

Na casa grande da fazenda  
o brasão é uma grande  
caveira de boi erado  
de chifres enormes  
às vezes descrevendo  
curvas  
como obra de arte.  
O vaqueiro e o cavalo  
se fundem e se confundem na desabalada  
alada  
carreira quase voo  
campeando gado pelos campos  
de Campo Maior.  
A perneira e o gibão  
dependurados na parede  
como se vestissem invisível corpo

são a lembrança palpável do vaqueiro  
morto na desobriga.

O vaqueiro em seu terno de couro  
– segunda pele áspera de seu corpo –  
solta seu canto de guerra  
e paz: o aboio – eeeeei! boooooi!  
O eco é o aboio de  
outro vaqueiro: – eeeeei! boooooi!

## **EL PACIFICADOR**

Não tanto herói das Conquistas  
muito menos El Matador  
muito mais El Pacificador.

Bernardo de Carvalho e Aguiar  
seu nome honrado  
ainda vibra no ar,  
nas cidades, nos currais  
e nas igrejas que semeou.  
Os dedos longos dos campanários ainda  
apontam as etéreas campinas celestiais.  
Da fazenda Bitorocara,  
plantada nas margens do Surubim,  
rebentou a cidade encantada  
dos planos campos maiores,  
dos carnaubais vastamente dilatados.  
Valoroso na guerra,  
amante e pacífico na paz,  
seu braço guerreiro

curava e amparava  
no final dos combates.  
Por isto  
sua bondade e justiça  
os índios por justiça respeitavam.

Te. 02.09.95

## **FAZENDA TOMBADOR**

Em vez de tombamento  
a protegê-la da usura,  
sem limites e sem pudor,  
e das mordidas vorazes  
do tempo e do vento,  
literalmente tombaram  
a Fazenda Tombador.

Lançaram ao desabrigo,  
em eterno e impiedoso castigo,  
os históricos fantasmas  
do tempo da Batalha,  
que ficaram ao relento,  
expostos à chuva e ao vento,  
sem vestes e sem mortalha.

Quando literalmente tombaram  
a Fazenda Tombador,  
nenhuma voz se levantou,

nem mesmo a voz de alguém,  
que clamasse no deserto, clamou.  
E a Fazenda Tombador  
literalmente tombou.

Pela ânsia bruta da ganância,  
da Fazenda Tombador, rediviva,  
em nossa repetível retentiva,  
restou apenas o retrato da saudade  
numa redoma de dor.

Te. 13.04.97

### **3 POSTAIS DE PARNAÍBA**

#### **POSTAL I**

As águas podres  
da vala da Quarenta  
tomam banho nas águas puras do Igaraçu,  
nas imediações da Munguba,  
onde bêbados pobres de dentes podres  
dizem coisas doces por entre  
o bafo azedo de vômito e de cachaça.  
Um bolero, o tilintar de copos, os ruídos  
da noite e os gemidos de camas e casais  
completam as cenas e o cenário.

#### **POSTAL II**

No cais da beira-rio  
lavadeiras sem roupas  
lavam as roupas dos ricos.

O vento brinca de pegar  
parelha com o Igarauçu  
e venta vadio no ventre  
das velas dos veleiros e  
verga suas vigas entre  
vagidos e volatas.

À noite filhos-de-papais  
tomam cerveja e Coca-Cola  
encostados nos carrões,  
enquanto as lavadeiras  
passam as roupas lavadas.

A noite passa. Passa o vento.  
Passa o rio, o riso/rosa  
rápido passa.

### **POSTAL III**

Hoje o Porto Salgado  
sal'do nominal  
do naufrágio  
de uma barcaça de sal  
é salamargo na lembrança  
dos vareiros e embarcações.  
E a água do Igarauçu  
é uma lágrima de saudade  
(ou sal'dade?)  
do fastígio de outrora.

Os parques barcos são  
poemas de chegadas e partidas  
e símbolos da decadência.

## **ÁGUAS E PEDRAS: TRIBUTO A LUZ I(S)LÂNDIA**

Ao poeta e amigo Ivanildo Di Deus

As águas que rolam  
pelas lombadas do morro  
(bem) vindas das cercanias alvadias da igreja  
lavam os resíduos da cidade  
levam os rejeitos da saudade  
e se afogam e se renovam  
nas águas remansosas em novelo  
do cotovelo recurvo do Parnaíba  
bem ali onde as pedras  
foram sufocadas  
no manto cinzento do cimento  
que lhes decepou a beleza  
bem ali onde outrora  
as lavadeiras estendiam  
suas brutas labutas e canseiras  
e tudo se fazia um encantado multicolor  
como se as roupas fossem  
belas velas arriadas  
enxaguadas e secando  
sobre o lombo duro das pedras – agora  
submersas na argamassa,

mas prenhes de lembranças  
e saudades.

## **BARRAS DAS SETE BARRAS**

Ao historiador e amigo  
Dr. Wilson Carvalho Gonçalves

Barras ...  
Barras do Marataoan ...  
Dos cânticos de pássaros  
e cântaros e címbalos de águas  
em cantatas e cascatas  
no rocio róseo-violáceo da manhã.  
Barras das sete barras  
– candelabro de sete braços de prata  
líquida a escorregar macia  
no dorso duro das pedras.  
Barras do Longá alongando-se  
e se estilhaçando em rondas de lãs  
em rendas de espumas  
nos bilros das pedras tecelãs.  
Terra dos Governadores,  
do desgoverno das dores  
das ciliciadas paixões  
deliciadas na Ilha dos Amores.  
Terra de uns olhos fluidos,  
feitos de mágoas, magia e garrice,  
embebidos na ciganice das águas.

Terra dos milagres da Alda,  
a que morreu virgem,  
na vertigem de um sonho  
que num átimo se fez e desfez.  
Barras da barragem  
– miragem verdoenga  
de minha origem/aragem avoenga.  
Barras de risos e de ais  
de sempre e de jamais.  
Barras das sete barras  
Barras dos sete punhais  
de rios que se tecem pavios  
e desvarios de réquiens  
e exaltações, lembranças  
e exalações ...

## **AMARANTE**

doce amaro  
pródigo  
avaro amarante  
ante-amar-te  
anti-amar-te  
antes sempre após  
agora  
sem agouro sem demora  
sem pressa e sem presságio  
pé ante pé  
perante tuas casas sonolentas

diante das fráguas das serras  
que descerras em cortinas de azuis  
descortinas neblinas  
na paisagem – plumagem/brumagem fixada  
na retina retentiva redentora do poeta  
amarante  
amaranto de  
memórias atávicas de catimbós  
murmúrios ancestrais de urucongos  
requebros lascivos de velhos congos  
resquícios longínquos de quilombos  
encravados em abissais cafundós  
dos antepassados cativos altivos dos mimbós  
perante ti  
amarante  
a água escorre lacrimal  
pela sinuosidade do morro da saudade  
deságua na desembargador amaral  
e de val em val  
de sal em sal  
boceja nas bocas de lobo dos esgotos  
gargareja nas gargantas gosmentas dos gargalos  
mergulha e deriva singular  
nas águas plurais do parnaíba  
amarante  
perante ti  
imperante  
o vento verdeja agreste nos ciprestes  
rumoreja aguado nos aguapés  
sacoleja sem leste oeste  
a copa fagueira das faveiras

tuas tardes tardas dolentes amaras  
abres das janelas  
debruçadas em melancolias  
e alicias e (re)velas  
as moças nas modorras mormacentas macilentas  
em que delicias cilicias e acalentas ...

### **LAGOA DO PORTINHO**

As dunas de alva areia  
parecem um encantamento  
onde encantada sereia  
viesse seu (en)canto soltar.  
Na beira da lagoa  
uma trigueira lara  
no espelho de água clara  
fica a se pentear,  
desfiando longa mágoa  
de rainha e de mãe d'água.  
O sol joalheiro arranca  
das filigranas da água  
cintilações de jóias e de  
estrelas nas noitescuras  
sem lua lua luar,  
enquanto em canto  
a brisa dedilha  
na lira lírica  
das palmas dos coqueirais  
músicas de (a)mar e (sonh)ar.

Veleiros de velas aladas deflagradas  
hibridoanfibiamente passam  
em elegante navevoar.  
A lagoa e as dunas de areia  
têm curvas caprichosas  
como a geografia das lindas mulheres fatais.

Meu  
sonho/nave navega  
nave na vaga do vento  
no descaminho  
do alumbramento  
e da magia da  
Lagoa do Portinho.

## **NATUREZA VIVA**

Contemplo meu presente de Natal:  
dunas, veleiros, coqueiros e um mar  
entranhados num frasco de água mineral.  
Ah! vontade de me ir pelo ar ...

Resta-me esta ressaca. Marulhos de Sonrisal ...

## **LIVRAMENTO: PEDRA E ABSTRAÇÃO**

(roteiro sentimental de José de Freitas)

Que é Livramento?

## Livramento

é uma revoada de santos,  
anjos e meninos sobre um morro  
que também voa.

Onde, agora, o morro?

O morro continua lá  
e em minha memória incessante,  
escalado por

meninos que são anjos  
do além do bem e do mal.

No morro as quedas  
ficaram suspensas  
entre o cair e o voo  
por milagre ou magia,  
ou simples brincadeira  
de algum anjo travesso.

O visgo que visgava  
os vim-vins de minha infância  
ainda me visgam àquele  
sítio de sonho  
mais que sonho:

sonho acordado.

Os santos ainda estão lá,  
em pleno voo de pedra e abstração  
e de prodígio que não assombra  
em seu enigma desvendado.

Em mim permanece

mais forte que nunca  
o gosto mais que gostoso  
das frutas que furtei  
dos quintais franqueados  
em pródiga dádiva.

Sinto ainda sempre e agora  
uma ampulheta derramar sobre mim  
o frescor macio da areia e a sombra  
verdoenga da mangueira,  
e me trazer intacta e completa  
a minha mais feliz meninice.

Recordo o açude  
em que fui tão menino  
como não mais pude  
ser, desde então.  
E do açude  
os criolis ainda me chegam  
em seu sabor agridocetravoso  
de infância e recordação ...

As partidas de futebol  
ainda se repetem em minha memória:  
videoteipe que não se cansa  
de se repercutir  
em seu interminável repeteco.

No chalé, medrosos,  
os fantasmas ainda se abrigam  
e se escondem dos vivos.

Antigos, baratas passeiam  
e ratos rondam por entre  
os móveis do nunca mais.

A cidade continua a mesma,  
eu continuo o mesmo  
e no entanto ambos mudamos  
e continuamos os mesmos  
no eterno retorno de nós mesmos.

## **SETE CIDADES**

### **roteiro de um passeio poético e sentimental**

(Em memória do saudoso Gen. João Evangelista Mendes da Rocha,  
que escreveu sobre este poema e o publicou no seu livro “**E o Sonho Continua**”.)

#### **I – Pórtico Triunfal**

Sete Cidades  
de sete vezes sete  
véus de encantamento.  
Cidade encantada  
sempre desencantada  
para novos e mais  
deslumbrantes encantos.

Cidade de pedras amaciadas  
pelos toques  
e retoques

dos dedos  
delicados diáfanos  
e abstratos do vento  
e da eternidade.

Cidade esculpida  
pela carícia suave  
do vento e do tempo.  
E das forjas do vento e do tempo  
emergem as esculturas  
de inefáveis linhas  
e tessituras.

Sete Cidades:  
sonho feito  
de pedra  
pedra feita  
de sonho  
sonho que se fez sonho  
na concretude da pedra.

Ó formas sinuosas  
de góticas catedrais,  
barrocas formas suntuosas  
que se excedem e se superam  
no além e no demais.  
Formas de pétalas pétreas  
em volteios e volutas sem iguais.

## **II – Figuras e Mistérios**

### A **Serra Negra**

celestialmente  
se azula nos longes  
do tempo e da distância.

### A **Biblioteca** imersa

em silêncio e mistério  
misteriosamente abre  
suas páginas de pedra.

Ondas cavalgantes e truncadas  
em pedras bordadas  
na memória imortal  
de um mar que naufragou,  
de fenícios encalhados  
nos roteiros e mapas  
de esotéricas astronomias  
sobrevivem nos arenitos  
das marés petrificadas.

### A **Gruta do Pajé**

deserta de tudo  
deserta até das lembranças  
das antigas pajelanças.

Vale dos Penitentes.

Vale de abandono e solidão.

Vale de lágrimas secas, esturricadas.

Vale de desolação.

Vale de lágrimas abortadas.

Vale de um deus sem coração.

### No **Forte**

um **Guarda** de pedra na guarita  
em rigidez mortuária  
debalde aguarda  
um outro guarda  
para o ato de rendição.

### Um **Canhão**

aponta a mira  
de **Telescópio**  
para uma outra  
desconhecida dimensão.

### A **Tartaruga**

passeia parada  
no tempo e no espaço  
com seu casco construído  
de brisa e eternidade,  
abrigando macambiras  
de espinhentas espadas desfolhadas.

### Do alto do **Vale dos Lagartos**

a pré-história nos contempla  
dos olhos pedrados  
dos dinossauros.

### **Serra da Descoberta:**

em cada passo uma surpresa  
em cada olhar uma nova  
e surpreendente descoberta.  
De suas gretas agres, agressivas e agrestes

a cabeça tosada de coroas-de-frade  
se perdem em êxtase e contemplação.

Os líquens são impíngens  
e manchas que se derramam  
na epiderme macia  
ou áspera das pedras.

No **Arco do Triunfo**

passam e perpassam  
a Vitória e a Glória  
desse reino de pedras.

A pedra se faz carne  
na beleza humana  
da **Mulher Reclinada**.

Imemoriais mistérios e arcanos  
ainda persistem impregnados  
na **Furna do Índio**,  
povoada de pávidos fantasmas  
desgarrados.

A insustentável leveza  
da pedra se sustenta  
no **Jardim Suspenso**  
da pétrea Babilônia,  
onde os segredos e sortilégios  
espiam da **Janela**  
e escorrem por veias, vênulas,  
túneis e túmulos.

### No **Portal das Almas**

os fantasmas passam  
e sussurram disfarçados  
no corpo e na voz do vento.

Inscrições rupestres  
são o vestígio e a denúncia  
de um povo espoliado,  
trucidado, dizimado.

Em pedra  
um grito continua  
entalado na garganta  
da efígie/esfinge  
de **Dom Pedro I**.

Os **Três Reis Magos** esperam  
extáticos e estáticos  
na perenidade paciente da pedra  
o advento do rei  
desse reinado de pedra.

Ó glória,  
ó deslumbramento  
de sonho, de fastígio,  
de alumbramento e encantamento  
desse reino encantado,  
desse reino em pedra emparedado.

Piracuruca, 20 de janeiro de 1998

---

### **OBRAS CONSULTADAS**

Geologia de Sete Cidades – Fernando Fortes

Fenícios no Brasil – Antiga História do Brasil de 1100 a. C. a 1500 d. C. – Ludwig Schwennhagen

Roteiro das Sete Cidades – Vítor Gonçalves Neto

Enigmas de Sete Cidades – Reinaldo Coutinho

### **4ª PARTE**

#### **CANCIONEIRO DOS VENTOS GERAIS**

“A poesia é uma coisa mais filosófica e mais séria do que a história. Pois a poesia refere verdades universais e a história ocorrências particulares.”

*Aristóteles*

## **DESIDERATA (\*)**

(colagens)

Bebe teu vinho,

come teu pão,

agradece pelos amigos

e apazigua teu coração.

Nada temerás,

pois o Senhor é teu pastor

e nada te faltará.

Nas mãos de Deus deposita

teu coração e descansa.

Sem o sal sutil e sublime do amor

os mais sagrados sentimentos serão

simples sinos de latão.

Muitas pessoas, assim como as estrelas,

precisam apenas ser percebidas.

Dá-lhes um pouco de atenção.

Mesmo as mais longas e heróicas jornadas

começam com o pequenino passo inicial.

Começa, pois, tua missão.

Observa a beleza das coisas e sê belo,

ao menos em espírito ou no desejo de ser.  
Distribui prodigamente o teu sorriso  
e a tua palavra amiga, que nada te custam,  
e no entanto têm valor incalculável.  
Vive o tempo presente,  
da melhor forma que puderes.  
Não te perturbe o passado,  
fantasma que não virá, nem o futuro, espectro  
das coisas que ainda virão, se é que virão.  
Sê bom e caridoso contigo mesmo:  
lança o bumerangue da bondade e da caridade,  
que te há de retornar maior e melhor.  
A ninguém te compares,  
para que não fiques vaidoso ou amargurado,  
porque hão de existir  
maiores e menores,  
melhores e piores do que tu.  
Diz a tua verdade e a dos outros escuta:  
todos têm a sua verdade, mesmo os tolos e insensatos.  
Foge do ruído e da pressa e mergulha na paz do silêncio.  
Evita os barulhentos e agressivos,  
para o bem de teu espírito.  
Sem deixares de ser tu mesmo,  
mantém boas relações com todas as pessoas.  
Desfruta de teus êxitos e de teus projetos.  
Por mais humilde que seja,  
mantém o interesse em tua profissão,  
pois ela é a tua dádiva e a tua fortuna.  
Por causa dos enganos e armadilhas, sê cauto,  
mas não esqueças que a virtude existe e predomina.  
Em todo lugar existe bondade e heroísmo.

Não enganes a ti mesmo e não finjas afeto,  
mas não sejas cínico no amor.  
Malgrado as asperezas e desenganos,  
o amor é perene como o próprio tempo  
e nenhum dom é maior do que ele.  
Segue o conselho dos anos, e altiva  
e docilmente abandona as coisas da juventude.  
Aprimora e cultiva a força de espírito,  
para não fraquejares na adversidade.  
Muitos temores são filhos da fadiga e da solidão.  
Sobre uma benéfica disciplina,  
sê tolerante contigo mesmo e com os outros.  
Assim como as plantas e as estrelas,  
és uma criatura do Universo  
e mereces estar aqui.  
Ainda que te pareça errado,  
o Universo se desenvolve como deveria.  
Mantém a paz com Deus,  
como quer que o concebas.  
Não obstante todos os percalços  
e acidentes de percurso,  
mantém a paz com tua alma.  
Apesar das ruínas  
e dos sonhos malogrados,  
este é um mundo maravilhoso.  
Sê prudente e esforça-te  
para ser feliz.

---

(\*) Poema baseado na Bíblia, na Desiderata de Max Ehrmann e em outros textos.

## A ZONA PLANETÁRIA

*Poema épico moderno, inspirado no meretrício Zona Planetária, de Campo Maior, em que procurei mesclar a mitologia greco-romana, a astronomia e a sociologia dos cabarés. Na Zona Planetária cada um dos lupanares ostentava na fachada o nome e a imagem de seu planeta correspondente, entre os quais Saturno e seus anéis. Irei, no blog, publicando cada uma das dez unidades desse relativamente longo poema. Fui instigado/intimado a escrevê-lo por Walter e Silva Mendes, meu colega na SUNAB/DEPI e que fora amigo de meu pai.*

### O SISTEMA PLANETÁRIO

Anfion percorre os sulcos  
dos discos das vitrolas e as  
emoções são alinhadas pedra a pedra.  
Apolo é qualquer moço feio  
que nos vitrais Narciso se julga.  
De repente, Átropos corta o fio da vida  
que era tecido pelas Parcas lentamente  
pelos golpes de facas, adagas ou estiletos  
nas mãos de um velho Pã embriagado.  
Baco e suas bacantes celebram suas  
lúbricas bacanais e bebem vinho  
e sangue em frágeis taças de cristais.  
Nas calçadas altas da Zona Planetária  
meretrizes expõem suas carnes  
em varais de açougues imaginários  
aos transeuntes ou faunos eventuais,  
nas horas em que Hélios esboça a Aurora.  
Ali, os desejos são Ícaros leves que sobem  
nas asas de cera do pensamento, quando  
Nyx, filha do Caos, com seu negromanto

lantejoulado de estrelas e sua  
coroa de dormideiras, a noite,  
o sonho e a orgia instaura.  
Cupido passa com seu  
séqüito de sátiros e de ninfas  
pelas calçadas e salões da Zona Planetária  
e Eros proclama seu reinado  
de orgia, prazeres, orgasmos e pecados.

## **MERCÚRIO**

Deus, dos deuses mensageiro  
e moleque de recado do Olimpo.  
De baixa rotação em torno de seu eixo,  
mas de alta velocidade ao redor de Hélio  
e de alta rotatividade em suas  
camas redondas e antecâmaras ardentes.  
Profissional do amor e da malandragem  
surrupiou a aljava de Cupido  
usando o tridente roubado de Netuno.  
Usurpador de trono, de Júpiter, seu  
pai, o cetro ferétreo furtou.  
Proscrito do céu pelos seus crimes  
a ele retornou forçando suas barras.  
Arauto predileto dos editos de Eros e de Baco,  
pregoeiro primeiro do “é proibido proibir”,  
instituiu as grandes orgias  
e as gigantescas bacanais.  
Detentor do mágico caduceu em que  
duas serpentes abraçadas nele se enroscavam,

em sinal de cura e reconciliação,  
sob cujo poder legião de sádicos e masoquistas  
da fúria fremente do sexo se apaziguavam.  
Sob seu poder as hostes dos sátiros e das ninfas  
e dos sacerdotes e das vestais  
dos rituais de Masoch e de Sade  
nos turbilhões do sexo se exauriam  
e, novas Fênix, da exaustão o sexo retomavam.

## VÊNUS

Calipígia, a de belas nádegas,  
envolta em véus diáfanos  
de calor em seu azul,  
nas camas nebulosas Cupido concebeu.  
As Graças, cheias de graças mil,  
formosas, pródigas em amabilidades  
aos Risos, entravam no salão,  
flechadas por Cupido no coração.  
Himeneu às vezes retirava uma  
das mulheres da vida do planetário  
e às núpcias a conduzia  
sob o brado das que ficavam:  
Himeneu! Himeneu! Himeneu!  
Calipígia, de belas nádegas navegantes,  
de bela bunda popozuda e rebundolantemente ondulante,  
de ondulantes ancas e colos coleantes  
por mares bravios de cios,  
com seu séquito de Graças e de Risos  
imersa em seu manto azul

estampado de nuvens de espumas,  
faz as honras do salão.  
Bela deusa do amor,  
fugiu do amor do  
horrendo Vulcano e de  
sua forja de relâmpagos e trovões  
por órbitas nunca  
dantes devassadas,  
e ao amor de Adônis se entregou,  
a quem morto muito muito pranteou,  
a quem à vida, como anêmona  
embora, à vida o retornou.  
Sacerdotisa suprema do amor  
– de todos os seus ritos e mistérios –  
ao amor por inteiro se consagrou.

## **TERRA**

Pela teogonia dos mitos concebida,  
do Caos a Terra foi erguida  
e Urano gerou, o firmamento,  
que filho e marido se tornou.  
Rainha de mingüado reinado  
e de cortejo mais escasso: apenas  
Diana, a lua, caçadora  
e caçada multifária  
com suas quatro fases/faces,  
a casta chamada, a fugir de Orion  
por entre os juncos dos nevoeiros esgarçados  
que entremostam sua nudez.

Lua, amada e desejada, mas  
por si mesma sempre negada.  
Amante dos dementes e pródigos, no plenilúnio,  
dos avaros quando nova,  
teu crescente e minguante  
são foices que não cortam não.  
Em teu colo materno  
mesmo as Fúrias se aplacavam.  
De teu ventre irado  
lavas e maldições são vomitadas  
pelas bocas de fogo dos vulcões.  
Azul planeta dos astronautas,  
já devassado e sem segredo,  
em que os faunos e as ninfas  
do sexo conhecem todo mistério  
e por isso, bocejando de tédio,  
tomam novas posições jamais tomadas.

## **MARTE**

Ó sangrento e sanguinário  
planeta, tua cor esvaiu-se  
do mênstruo das mulheres.  
Deus guerreiro, deus do belo amor  
do bélico  
furor das Ninfas maníacas mordedoras  
dos sádicos dráculas desdentados,  
mas de hábeis ventosas sugadoras.  
Planeta das Valquírias  
das guerras do amor,

da busca ansiosa e incessante  
do paraíso do sexorgasmodorrento  
do hidromel emanado dos fluidos da libido.  
As armas são espadas fálicas desfolhadas  
e triangulares escudos escamados e retentores.  
Teu rugido da grande  
explosão da gênese e do caos  
repercute nos gritos, nos fungados  
e gemidos dos embates sexuais.  
Os satélites Fobos e Deimos,  
filhos de Marte e Vênus,  
amantes do amor (em)bebido em sangue  
em suas fatídicas rondas orbitais  
espalham o Medo e o Terror.  
Marte dos amores lav(r)ados  
no sangue das Fúrias e do Terror  
dos romanescos crimes passionais  
dos sexos decepados pelas guilhotinas  
ou cortados pelas espadas  
dos homens e mulheres ciumentos.  
Marte dos mártires  
dos grandes amores matadores.  
Planeta das amáveis  
das afáveis amazonas  
a cavalgarem sequiosas  
o enlouquecido cavalo alado  
do sexo – Pégaso pegajoso  
de esperma e mucosa de vagina.

## JÚPITER

As espirais vaporosas da nicotina  
do éter das libações embriagantes  
e dos vapores de rosas das mulheres  
enovelam-se pelas amplas alcovas  
onde o sexo ardia  
    na pira sagrada  
    na pira pirada  
dos amores lascivos  
de espasmos e gemidos  
grunhidos e rugidos  
e deixavam entrever  
os vultos lânguidos e lascivos  
onde as grandes luas de Júpiter  
descreviam suas órbitas  
nos colos aconchegantes  
das mulheres afagadas  
afogadas em desejos despertados.  
Grande Júpiter tonante  
a rugir nos alaridos  
das tempestades do sexo  
das paixões desenfreadas.  
Quando a irmã Juno  
ao incesto arrebatava,  
o reinado da desordem  
sem fronteiras dos malditos  
aos quatro ventos proclamava.  
Então, ao revés do antigo Mito,  
a Quimera nascia das patas  
e asas de Pégaso – pelos pélagos

cavalgado pelas Musas –  
cavalo alado do sonho que  
sonhava, do sonho de que  
jorrava a fonte de Hipocrene.

## **SATURNO**

Devorador voraz de pedras  
e de filhos, Saturno, o tempo,  
tudo consome e consumia,  
e esculpe as volutas das rugas  
nos vulneráveis rostos dos mortais.  
Devorador do que (filhos) produzia  
é usina que se retroalimenta  
de sua própria (filhos) produção.  
Saturno sim, soturno não, nas  
saturnais de venturas e alegrias se esbaldou  
e a bandeira do gozo e do riso desfraldou.  
Os tímidos seios de Ceres, sua filha,  
são maçãs e laranjas e suas  
orelhas são conchas ou cornucópias  
de onde os frutos da terra se espalham.  
Do céu expulso, o Lácio habitou,  
e na acolhida de Janus e em  
seus múltiplos rostos se encontrou.  
Nas várias sendas que o báculo  
de Janus apontou, os caminhos da  
vida palmilhou, e com a chave  
de rei e inventor de portas  
as muralhas do tédio destrancou.

Na Zona Planetária, Saturno levita  
– leviatã imenso e pouco denso –  
com sua cortina de nuvens  
e de substâncias vaporosas  
– vapores de rosas das mulheres  
que dependurados nos dedos  
os anéis de Saturno conduziam  
os anéis que cintos as  
cinturas delgadas abraçavam  
os anéis que brincos nas orelhas dependurados  
eram aros, eram elos, eram Eros.  
Por vezes o anel de crepe de Saturno  
é dois anéis nos dedos dos viúvos e das viúvas.  
Nos anéis de Saturno os elos são rompidos  
no simbolismo redundante da falha de Cassini.  
A volúpia e a beleza habitam  
as tetas tesudas e a popa polpuda  
popozuda da potranca deusa Tétis,  
satélite de fero/belo/ero movimento.  
A subversão e o inconformismo se insurgem  
no retrógrado movimento de Febo,  
lua rebelada contra as normas do Planetário.  
E Saturno, o tempo, a tudo  
devora, deteriora e desafia.

## **URANO**

Filho do Caos, Urano, o firmamento,  
com seu longo manto de  
estrelas, jóias falsas e ilusão

uniu-se a Gaia, a Terra, também  
concebida pela gênese do Caos,  
de cuja união nasceram os filhos  
que Urano prendia novamente  
no quente ventre da Terra.

Mutilado por Saturno  
a brandir a harpe  
ceifadora da lascívia  
pendurou as chuteiras  
nas tetas caídas das Harpias.

A velhice também é harpe  
nos velhinhos de libido carcomida.

Urano, pai dos Titãs,  
dos desejos tão temidos, tão terríveis,  
dos Ciclopes cegos das paixões,  
dos ciclones dos desvarios.

Pela atmosfera azulada de Urano,  
das neblinas opacas, opalas pálidas,  
das inclinações perigosas  
do eixo das paixões,  
as cortesãs desencaminham  
os castos hierofantes do passado.

Desvendar as Esfinges  
de luzes frígidas e de  
sombras cálidas somente  
nos labirintos das circunvoluções  
dos cérebros dos amantes  
ou compartimentos secretos  
dos corações desenganados  
desengrenados  
pelas paixões desgovernadas.

Suas pequenas luas pastoras  
– entrelaçando –  
com as suas as órbitas  
dos anéis, fazem amor em  
suas rondas – rotas de  
diligente trottoir  
de cortesãs se(x)quiosas  
de cortesãs do sexo ciosas.  
Por um buraco negro a  
esquisita Miranda espia Umbriel,  
escuro satélite – mundo morto  
espremido em menage troir entre  
as frenéticas Titânia e Ariel.  
Nas alcovas de luzes negras  
o amor é um mistério de sexos  
que se amam e se querem devorar.

## **NETUNO**

Nas profundezas do mar Egeu  
Netuno subjuga e cria seus indomáveis corcéis  
e emerge do oceano em seu  
carro – concha puxada pelos hipocampos  
a campear o rebanho  
das verdes ondas do mar.  
As Náiades, ninfas das águas doces,  
dos doces amores tediosos,  
nas embocaduras dos rios observam  
as Nereidas a cavalgarem  
seus cavalos-marinhos  
pelas águas salgadas

dos turbulentos amores de ardentias e procelas.

Netuno, com seus cabelos crespos,

revoltos, de algas marinhas,

busca a ninfa Anfitrite,

filha de Nereu, o deus-mar Egeu,

e a toma por esposa.

Cavalos-marinhos alçam a cabeça

e rincham e relincham no

furor da busca desenfreada.

O tridente de Netuno agita

as ondas e a terra

no ardente chamado do desejo.

Uma Nereida dá o seio

a um leão marinho

que lhe devassa o resguardo

da concha recôndita do prazer.

Tritão em sua órbita retrógrada

apazigua o sexo dos ardentes

e as ondas marinhas se aplacam.

Outro satélite, Nereida,

com sua alongada órbita,

em busca das paixões tangenciadas,

apascenta seu desejo.

Ceres em sua arte/manha de fêmea

– querendo mas negaceando –

em égua se transmuda:

Netuno em cavalo se transforma

e a possui em furiosas e poderosas estocadas.

O triste ciclope Polifemo

contempla o triunfo da Galatéia,

em sua concha arrastada pelos Delfins,

escortada pelos Tritões e pelos Amores,  
e sobre o rochedo soluça em sua flauta  
magoadas elegias.

Os Tritões e as Tritônidas  
com seus suntuosos rabos de peixes  
reciprocamente se enrabam.

Netuno, com seu cortejo de Delfins,  
manda soar a concha espiralada,  
trombeta de som ondulante,  
que se desdobra pelas ondas do sem fim  
a repercutir nos labirintos dos ouvidos  
nos meandros dos átrios e ventrículos  
dos corações sem couraças.

## **PLUTÃO**

Nas densas e tenebrosas trevas  
do Inferno, vasto reinado de Plutão,  
vagam as negras águas do Estige,  
em cujas margens os deuses  
proferem seus espantosos juramentos.

As águas negras pela planície  
silenciosa dão nove vezes a volta  
ao Inferno com seus juncos que  
entremostam a nudez da ninfa Estige.

Pelo enorme e lamacento báratro Aqueronte  
passam as lamurientas sombras que Caronte  
conduz pelas sombras pavorosas  
do Inferno a remar seu barco-fantasma  
iluminado pelos seus olhos de braseiro,  
a retirar o óbolo derradeiro

da boca dos que morreram.  
E ali nos domínios de Plutão  
mergulham as sombras dos mortos  
na água do Letes e dela bebem  
em busca de paz e esquecimento.  
Nos portões do Inferno  
o guardião Cérbero late e rugem  
com suas grandes coleiras de serpentes  
e suas três cabeças de dentes envenenados.  
Hécate invoca as Fúrias vingadoras  
que das sombras culpadas se apoderam,  
e dançam em rondas fúnebres  
e cantam canções funestas em que  
relembra culpas, remorsos e pecados.  
Hécate, a grande mágica, com seu  
préstido de cães infernais, é aquela que  
age de longe e repele – frígida e bela.  
As Mineidas tecem belos tapetes  
para belos amantes que não terão  
e os tapetes em feias asas se transmudam  
para os horrendos morcegos que elas são.  
O mais distante dos planetas, Plutão,  
confinado com Prosérpina no limbo  
do Planetário, cumpre sua órbita  
excêntrica, talvez astro desgarrado  
da tirania de Netuno, enfim dono  
de sua própria rota do destino.

## DALILÍADA

(poema épico inspirado na vida e na obra de Dalí)

### I

Com seu recurvo bigode surreal

– chifre e agulhão –

Dalí touro e toureiro

toureia consigo mesmo.

Dali            Daqui            Dacolá

Daquém                            Dalém

de toda p'arte

de toda arte'manha manhosa

de toda ante-manhã maviosa

onde arde uma tarde

dentro da noite/dia surreal

que não é feita de preto e branco

mas de cores (b)errantes

e nunca de pusilânimes

cores cambiantes.

### II

Ó mulher amada

de tristes olhos perdidos parados

que o rito de tua gênese divina sublima

de busto transparentemente dissolvido

na neblina de agreste solidão

que toma a forma de teus seios

de teus seios que tomo em minhas mãos

de teus seios que são laranjas e maçãs.

E teus seios se fazem vales  
pelas vertentes das nádegas.

### III

No “Canibalismo dos Objetos”  
degluti o teu sapato  
como se fora teu pé.

### IV

A cúpula recôncava  
se transmuda em cabeça  
de mulher picassiana  
e a paranóia continua  
noutra cabeça deitada.

### V

A decomposição compõe  
esculturas nas órbitas  
vazias das caveiras  
e um balé antropofágico se inicia  
no verme que esculpe as duras  
arquiteturas das ossadas.

### VI

As circunvoluções cerebrais  
rompem os crânios  
que depois se recompõem  
em espiraladas evoluções.

## VII

Um velho crepuscular  
se apóia em decrépitas ruínas  
que no velho buscam amparo  
e anteparo contra as borrascas do tempo.

## VIII

A sala onde uma velha  
cose o tempo com suas meadas  
é uma janela que se abre  
em outra janela onde  
veleiros navegam. . .  
A velha navega no tempo  
pelos fios nevados da meada.

## IX

A tela estava intacta  
porque o pintor pintava  
o nada de sua vida vazia  
onde o oceano jazia no abismo  
de uma órbita que sequer existia.

## X

O retrato circunspecto  
escuta os acordes do violoncelo  
de um outro quadro em que

o artista toca para uma  
janela vazia.

## **XI**

Dalí da tela se enxerga  
a pintar o auto-retrato  
que pensativo lhe espia.

## **XII**

Na paisagem de pedra dura  
a carne tenra de Vênus  
atiça as setas agudas de Cupido.

## **XIII**

A deusa  
da janela via o mar  
mas eu só via as partes glúteas da deusa  
que da janela via o mar.

## **XIV**

A vela dilacerada do veleiro esvaído  
naquela pintura esvaída  
era um sinal já perdido  
da esperança perdida.  
(Impressionismo é uma mancha diluída  
na desbotada tela da memória.)

## XV

Meu pai me olha circunspecto  
do retrato que não pintei;  
me olha austero  
do que jamais pintarei.  
(Os retratos têm pupilas,  
os bustos não.)  
Mas quanta bondade  
nas pupilas de seu busto  
que jamais esculpirão.

## XVI

Ao pé das rochas duras, quadradas,  
a mulher sentada,  
de carne macia, delicada,  
com suas curvas e coleios,  
envolta na grande solidão  
de um céu duro, quadrado,  
sem nuvens e da cor de chumbo,  
bela e humildemente contrastava.

## XVII

Menina e moça  
estavas entre serras,  
vales, montanhas e vertentes,  
mas eu apenas via  
as serras, vales, montanhas e vertentes

em que teu corpo se transformava.

### **XVIII**

A mulher dominava o fantoche  
que lhe dominava, porque  
o fantoche tinha as riquezas  
de que a mulher gostava.

### **XIX**

Um a um recolhi os estilhaços  
em que te despedaçavas  
e te recompus mais bela  
que a beldade que eras.

### **XX**

Quem diz estas minhas palavras  
não sou eu, mas Paul Éluard,  
mas o busto pesado de Paul,  
pesado mas que levitava.  
O busto enigmático de Paul  
sou eu, que me decifrava.

### **XXI**

Nos primeiros dias da primavera  
o espectro da tarde me rondava,  
enquanto a vertigem da torre  
era o vestígio da mulher

que eu amava (e que me amava)  
disfarçada em sombra de fantasma  
e cabeça de Grifo decepada.

## **XXII**

O tempo se disfarça  
de relógio gelatinoso  
e lava os sulcos das rugas  
na fina tessitura da  
epiderme das mulheres.

## **XXIII**

Na paisagem desolada  
duas sombras humanas  
na sombra das ruínas  
se abraçavam e uma  
sombra única teciam.

## **XXIV**

A alucinação dançava  
sobre o teclado de onde  
uma música fluida se evolava  
tangida por invisíveis  
dedos de fantasmas.

## **XXV**

Ao som de sua música dorida

o instrumento masoquista  
se torturava e em gestos  
retorcidos se dilacerava nas mãos  
atormentadas de quem tocava.

## **XXVI**

O homem é um navio fantasma  
algemado por velas e cordames  
de promessas vãs  
na praia inóspita em  
que se acha encajado.

## **XXVII**

As postas de carne se revolviam  
em bruscos gestos torturados  
– espadas por si mesmas decepadas –  
e revolviam a terra que  
era uma mão mutilada.

## **XXVIII**

Os amantes comiam objetos  
e se comiam entre gestos  
obscenos em que se perdiam.

## **XXIX**

Cabeça torturada suspensa  
por estacas que mais torturavam. . .

Girafa incendiada sem poder pastar  
na terra calcinada que ela própria queimava. . .  
Imenso prato vazio  
que um famélico morcego agourava. . .  
Apenas os seios de mulher  
eram pêras, laranjas e maçãs  
para a mão estendida do indigente.

### **XXX**

Leões rajados eram jorrados  
do peixe alado que queria  
a mulher desnuda que sonhava  
com leões rajados jorrados  
do peixe alado que voava.

### **XXXI**

No fundo negro  
o pão na cesta era um convite  
irresistível à fome que rondava.

### **XXXII**

As circunvoluções gelatinosas do cérebro  
eram um sorvete artisticamente  
trabalhado pela fome que  
esculpia as espirais  
de vermes, lombrigas e inanição.

### **XXXIII**

Dalí menino,  
transmudado em menina,  
levanta a orla do mar  
e contempla o cão adormecido  
à sombra das águas.  
Dalí adulto  
suspendeu a borda do mar,  
as fúrias das ondas aplacou,  
a contemplar o ritmo das esferas  
que o rosto da amada desenhavam.  
O cão sonolento ainda dormia  
sob o tapete das águas.

#### **XXXIV**

A cabeça de Rafael é  
uma cúpula de catedral  
estalando em fragmentos  
com os quais seu gênio  
construía as obras em  
que seu crânio se refazia.

#### **XXXV**

Nos justapostos cubos suspensos  
em forma de cruz, um Cristo  
dolorido retorcido pelos séculos  
ainda sente as mesmas dores  
dos cravos, da lança e da maldade  
humanamente desumana.

Uma Madona solitária contempla  
triste rainha em xeque –  
mate no chão de xadrez  
a agonia do “corpus hypercubicus”.

### **XXXVI**

Na natureza morta de Dalí  
a morte ganhou vida  
na rosa ceifada que levitava.

### **XXXVII**

O discóbolo do cosmo  
em vigorosa e rigorosa torção  
arremessa o disco do Sol  
para uma outra desconhecida dimensão.

### **XXXVIII**

A sede de infinito foi tão grande  
que as asas dos anjos cresceram tanto  
e tanto pesaram que esses entes alados  
não mais voaram.

### **XXXIX**

Galamante!	Galamada!	Galáxia!
Galáctica!	Galharda!	Galatéia!
Gala!	Gala!	Gala!
	Galante galardão de	

galáxias de pérolas de conchas bivalves  
extraídas dos cornos dos unicórnios.  
Triunfo de Gala(téia) de novo mito  
em teu trono de peças justapostas  
–intocáveis entre si –  
te sentas nuamente recatada  
– mas todavia suspensa –  
em teu gesto delicado de mulher.

## **XL**

Evoé Baco e bacantes!  
Os vinhos mais finos  
emanam do bigode de Dalí  
onde os relâmpagos do gênio  
são paridos – onde os raios  
celestes são (a)colhidos por  
Salvador Felipe Jacinto Dalí.

## **ÁLBUM DE FIGURINHAS**

– Papai, que bicho é esse?  
– É uma vaca, filho.  
(A vaca havia minguado,  
seus dois chifres  
em um se transformado  
e esse mesmo retorcido e desbotado,  
estilhaçado, pendido e fendido.)  
– Que pássaro é esse?

– Um papagaio.

(A ave amadurecera:

suas penas verdes

havam amarelado

e ela própria de madura

definhara e morrera.

Era apenas escultura

no museu de cera.)

– E esses, quem são?

– Somos nós.

(Eram nossos avós.)

## **DESASTRE ECOLÓGICO**

O homem andava de dois.

Tornou-se frágil

e arrimou-se na bengala.

Tornou-se fraco ainda mais

e anda de quatro

como os outros animais

de que ninguém mais fala:

os animais não mais existem

e o homem já não fala.

O homem é o enigma da Esfinge

por ele mesmo reinventado,

mas indecifrado.

## ÚLTIMA CARTADA

O homem pediu  
ao pombo-correio  
que partisse e lhe trouxesse  
um ramo verde de esperança.  
O pombo retornou  
apenas cansado.  
A última árvore  
o homem havia cortado  
para fazer o esquife  
em que seria enterrado.

## DEUS, DEUSES E O NADA

*(“- Não seja curioso a respeito de Deus, / pois eu sou curioso sobre todas as coisas/ e não sou curioso a respeito de Deus.” – Walt Whitman)*

*(“E só de nós se esconde o Pai Onipotente/ para ser meritória e nobre a fé do crente/ e não ser tão culpada a negação do ateu”. – Alarico da Cunha)*

I – Ainda que pensássemos  
numa seqüência de deuses  
criados um pelo outro  
o mais recente pelo  
mais antigo e assim  
sucessiva e infinitamente

ainda assim chegaríamos

até o Deus dos deuses

ou até o caos do nada.

Na última hipótese

o nada seria um deus

criador de mitos e de mundos

e teria que ser reverenciado.

E a esse deus-nada

eu tiraria meu chapéu

que sequer tenho mas tiraria.

**II** – Mas o nada não cria nada

porque o nada é nada e nada

somado com nada é nada

e multiplicado por nada é nada.

**III** – Se acreditássemos

na seqüência de deuses criados

um pelo imediatamente anterior

até chegar ao Deus original

– o Deus dos deuses –

por que não acreditaríamos

no Deus único sem limites

espacial e temporal?

Se o Deus da

Gênese criou o penúltimo

Deus da cadeia de deuses

poderia criar tudo sem

deuses intermediários.

**IV** – Num blefe descomunal

poderia até afirmar  
que esta realidade não existe.  
Que tudo não passa do sonho  
de um deus e que esse  
deus sou eu.  
Mas o Eterno existe  
e esta realidade existe  
e quando descobriremos  
o Mistério da Gênese de Deus  
a humanidade será perfeita e fará  
parte do Corpo Místico de Deus.  
Mas então recomeçará um  
novo ciclo senão haveria  
o grande tédio de Deus.

## **POEMITOS DA PARNAÍBA**

### **1. Alain Delon**

Situava-se entre o feio e o horrível  
mas se dizia BG: bonito e gostoso.  
Metido a conquistador de mulheres  
conseguiu o inverso efeito:  
as mulheres – lebres assustadas –  
de Alain Delon fugiam.  
Se Alain Delon muito fosse  
Alain Delonge seria.

## **2. Derocy**

Derocy, Ofélia da Parnaíba,  
não era um orador oral:  
era um orador boçal  
em seus discursos bestialógicos,  
ilógicos, escatológicos. Tirava  
do sério o homem sério quando  
disparava seus disparates.

## **3. Meio-Quilo**

Se bem pesado não dava  
sequer meio-quilo. Pai de  
Cotinha, mulher bonita e  
namoradeira nos escuros  
do velho Cine-Teatro Éden – paraíso  
de estripulias estrambóticas e eróticas.  
O pequenino Meio-Quilo, de lanterna em  
punho, a roubar Cotinha dos braços  
do namorado, era um filme  
à parte.

## **4. Alarico da Cunha**

Poeta. Espírita. Espírito  
da carne e do osso, a roer  
o osso duro do ofício de poeta.  
Quixótico, exótico: misto de poeta  
e de espírita. Via espíritos no

ar. Nunca estava sozinho:  
quando a poesia lhe faltava  
os espíritos surgiam e  
se insurgiam contra a solidão.  
Cavalheiro de fino trato:  
tirava o chapéu para os  
espíritos que só ele via.

## **5. Lobaia**

Animal trípode da  
família dos primatas.  
Animal não monstruoso:  
animal mastruoso.  
Pé de mesa mais famoso  
da Parnaíba, Lobaia  
só cavalgava cobaia,  
em única experiência,  
através da armadilha  
das lâmpadas apagadas.

## **6. Parassi**

Vai bola com Parassi.  
Parassi pára. Parassi para  
Moacir. Era o velho  
Parnaíba de Parassi,  
Irmãos & Futebol Clube.  
Hoje é apenas Parnaíba Clube.

## **7. Mestre Ageu**

Mestre Ageu

mago das artes escultóricas,  
novo rei Midas do antigo mito  
a transformar em estátuas  
troncos toscos de madeira  
com os toques de suas mãos.

Mestre Ageu

Pigmalião dos mágicos toques  
faz mais uma escultura:  
ninguém se espantaria  
se ela gesticulando  
lhe desse “bom dia”.

Mestre Ageu

de arte tão exata  
que lhe força fabricar  
o seu cinzel de cortar.

Mestre Ageu

em sua agrura  
agora chora ora e deplora  
afagando/abraçando/agarrando  
a escultura, sua cria/tura:  
o compra/dor a veio buscar.

## **8. Simplicção**

Não o Dias da Silva,  
mas o Long John da Parnaíba,  
o terror da mulherada,

pé de cana e pé de mesa,  
concorrente de jumento e garanhão.  
Só pegava mulher novata,  
desconhedora da fama de seu  
alopramento descomunal.  
A cama se transformava  
no altar do sacrifício da mundana,  
segura a pulso como uma potra bravia.  
Processado pela noiva descartada  
após quarenta anos de noivado.  
(A noiva não sabe a sina  
de que terá escapado.)

## **9. Xigau**

Assim como há  
o espírito de porco  
o espírito de gato há.  
Xigaaaau... Xigaaaaau...  
Não articulava palavras,  
apenas miados e miados  
e a semiótica linguagem  
de seus gestos de gato.

## **10. Jibóia**

Trazia a lembrança viva  
de um passado morto e sepulto  
dos Bailes Azuis e do  
burburinho dos porcos d'água  
e das meretrizes do cais.

Reinava na boite Rio-Chic  
e desfilava pelo grande salão  
cheio de espelhos e de sonhos  
e de risadas esparsas  
como num reino encantado.  
A imagem de Jibóia morta  
reproduzia-se pelos quatro  
cantos do salão através das  
pupilas perplexas dos espelhos.  
(As velas do velório  
lágrimas de cera choravam,  
enquanto as mulheres, entre soluços,  
rezavam contritas.)

## **11. Hosana**

Hosana nas alturas!  
Hosana nas alturas  
de sua vida sofrida  
de pobre e alienada.  
Interventora dos gabinetes  
(cediam-lhe os pequenos tronos  
de burocratas para rirem  
o riso fácil e gratuito).  
Cobradora de impostos e taxas  
(davam-lhe ínfima moeda em  
troca do riso rasgado).  
Andava sempre com sua  
roupa branca de marinheiro –  
primeira e única almirante:  
alma mirante

alma errante  
alma navegante.

Sempre de  
branco como as nuvens  
que alvejavam em sua  
cabeça de nefelibata.

## **12. Boa Idéia**

Um dia  
ou melhor uma noite  
Boa Idéia teve a idéia  
de construir um telescópio  
para sonhar/sondar aqueles pontinhos  
cheios de pontinhas chamados estrelas.  
Galileu Galilei da Parnaíba  
construiu sua luneta  
desvendou estrelas e planetas e cometas  
e perscrutou os umbrais do infinito.  
Autodidata da astronomia  
com seu telescópio passeava  
pelos “mares” da lua  
dizendo coisa com coisa  
que ninguém sabia.  
Brincava de bambolê  
com os anéis de Saturno.  
Jogou bola de gude  
com as luas de Júpiter.  
Morfeu o levou para ser  
centurião de galáxias. Mas  
voltará não num rabo de foguete

mas na caudabundante flamejante -  
mente reluzente do cometa de Halley.

### **13.       Rodrigão**

Que dizer do Rodrigão?  
Que ele era um novo Atlas  
a sustentar em suas costas  
a esfera azul do sonho?  
Não. Era um atlas de carne e osso  
porque sua cara vista de perfil  
era um mapa da América do Sul.

### **14.       Maria das Cabras**

Passava com seu passo leve  
– quase voo de pássaro –  
com a suave elegância  
de uma cabra montês.  
Rápida cortava as  
avenidas e as praças  
até que a molecada gritava:  
– Maria das Cabras!...  
Maria subia a saia:  
– Taqui o chifre da cabra!...  
Os moleques com as cabeças  
cheias de idéias e fantasias  
em suas alcovas ou banheiros  
se escondiam: Maria das Cabras  
surgia como uma fada encantada

entre véus diáfanos que se  
es~~~~gar~~~~ça~~~~vam.

## **15. Marechal**

Maluco, se dizia alta  
autoridade do planalto.  
Ficava fulo da vida quando  
chamado de soldado ou de  
Madame de Chaval.  
Não andava: marchava  
de farda e botas.  
Davam-lhe plaquetas e selos  
e pequenas chapas de metal:  
eram as condecorações e os  
distintivos com os quais desfilava  
entre continências de  
risos e zombarias.

## **16. João Orlando**

Surdo, surdo como um surdo,  
aprendeu com Bilac a ouvir estrelas.  
E as ouvia nas lindas noites estreladas  
de Parnaíba.  
Em sua surdez de pau  
ouvia o bater dos corações das pedras.  
Ouvia o bang-bang dos colts  
em suas leituras de faroeste.  
Com sua morte silente  
aprendeu a ouvir o silêncio

absoluto da morte.

## **17. Pacamão**

– Eu sou um monumento  
anatômico e biotônico  
onde a lenda se mistura com a realidade;  
onde o homem se confunde com o mito.  
E neste instante, sinto-me  
forte como um elefante!  
– Cadê a tromba? – perguntou um gaiato.  
– Está aqui – retrucou Paca/mão na braguilha.  
Pacamão: pacamônicos folclores  
de ditos repetidos pela boca  
do povo – arma de repetição  
deflagrando gargalhadas.

## **18. Expedito Maciel**

Enchia galões de gasolina  
até a borda de cerveja  
para beber e banhar.  
Comprava defuntos frescos  
para fazer o enterro.  
O caixão seguia de carroça,  
enquanto a banda tocava  
por entre goles de aguardente.  
Acendia charutos cubanos  
com cédulas de cinco mil réis.  
Dirigia carro importado dos EUA  
vestido com roupa de estopa

de saco de açúcar.

Expedito Maciel,  
Howard Hughes da Parnaíba,  
milionário e excêntrico,  
perdulário e esquizofrênico,  
filho pródigo de si mesmo.

## **19. Luse**

Sua saia rodada  
sua saia rodando  
era uma festa de  
cores e folhas e flores  
nas festas de que gostava.  
Das pontas estelares de seus dedos  
saltavam saltitantes valsas  
pelos tec-tec teclados do piano.  
Hoje ela estendeu um arame  
nas pontas da lua nova,  
colocou uma estrela e toc-toc  
toca berimbau.

## **20. Mário Reis**

Vulgo Mário Bola, tinha  
a graça de um tatu bola.  
Orfeu de novos carnavais  
carregava o encantamento  
dos sopros (marítimos) que  
transformava em música em  
sua gaita – caixa de mágico som.

Entre a música e a fofoca  
uma piada de recheio.

## **21. Bernardo Carranca**

Bernardo Carranca  
com sua carranca de artesanato  
artefato – mas não  
arte de fato – de cantor/ator/à toa  
atropela uma música  
com seus gemidos e grunhidos e ganidos.  
E canta: “De noite eu rolo  
na cama...” E sai rolando, se enrolando  
se contorcendo e se retorcendo pelo salão  
por entre mesas e pelo chão  
– bailarino de mola  
sem molejo de cintura –  
criador e criatura  
de sua própria loucura.

## **22. Zé Bispo**

O “milionário” Paulo Afonso  
coiceou com um seco não  
o boêmio e compositor Zé Bispo,  
quando este lhe foi dar  
um filho como afilhado.  
Bispo, numa música em que dizia  
que o Deus do “milionário” era  
o mesmo seu e que o ouro  
dele não o levaria ao céu,

sua branda mágoa de protesto  
nas placas de bronze do tempo lavrou.  
O ouro de Paulo Afonso  
como o orgulho e a soberba  
pelo ralo da vida se foi.  
A música de Zé Bispo  
cantando na boca do povo  
é folha verde/viva que a voragem  
do vento do tempo não levou.

### **23. Conde Falido**

AristorRatos  
AristocraRia de  
ba(r)rão falido  
de (es)conde de (ex)conde  
de (vil)conde de (vis)condes  
de barrão/barrado/borrado  
conde falido = falo k ido  
conde falado = falo alado mas depenado  
conde falecido = falo de morto  
conde falingus = falo da língua

### **24. Maria Onça**

– Maria Onça!  
– Onça é a tua mãe,  
filho de uma égua.  
A cara feia de Maria  
transformava-se na  
carranca de uma onça.

Não de uma onça pintada,  
não de uma onça rajada,  
mas de uma onça  
pobre, feia e desbotada.

E Maria Onça seguia  
como um bicho acuado  
por entre os apupos  
da molecada.

E Maria Onça chorava  
no meio da molecada.

## **25. Cego Bento**

Não morrerás,  
meu quimérico e homérico cego.  
Um mito não morre:  
um mito se encanta e permanece.  
Teus dois percursionistas  
são dois anjos da guarda  
de asas dissimuladas.  
Um te abriga com a sombra  
de seus olhos também sem luz.  
O outro é tua estrela guia,  
que te conduz em tua noite sem dia,  
pelas trevas espessas de teus olhos,  
como um Virgílio da nova mitologia.  
Não morrerás,  
não por seres Bento,  
mas por teu talento.  
A música escorre de teus dedos,  
saltita sobre os teclados,

palpita e resfolega no fole,  
cabriola no molejo moleque  
do leque da sanfona,  
evola-se pelos ares,  
remexe as ondas dos mares,  
sacoleja as folhas dos palmares,  
se quebra e se requebra pelos bares  
e remelexe no chamego e aconchego dos pares.  
Não morrerás, cego Bento.

## **AUTOENTREVISTA**

“Eu sou aquele  
que jogou roleta  
russa com o tambor  
cheio de balas e  
apostou contra a  
sorte”

*(As respostas são montagens de textos da autoria de Elmar Carvalho, entrevistado/entrevistador.)*

### **P – Quem é Elmar Carvalho?**

R – Eu sou um homem, diante do qual, curvo como um servo capacho eu tiro meu chapéu, que sequer tenho. Eu sou um homem que rema no seco contra a corrente das águas; um homem que usa a gravata como se fora um barão; um homem que escreve certo por linhas tortas; um homem que sobe e teima contra a lei da gravidade. Sou aquele que aprendeu a pecar para ter a humildade de não ter uma virtude e jogou roleta russa com o tambor cheio de balas e apostou contra a sorte. Eu sou aquele que lutou para não ser.

### **P – Qual o seu signo?**

R – Sou do signo de Carneiro, mas meu coração é um Touro indomável. No meu sangue corre a fúria de Leão. Entre uma Virgem e duas Gêmeas meu coração bala Balança. Sou um Câncer nos chifres de Capricórnio. Sou Peixes libertário sem o cárcere de um Aquário. Sou Sagitário armado de arco e flecha. A flecha é uma cauda de Escorpião.

### **P – Que temos a ver com os anjos?**

R – Pergunto eu: que temos a ver com o sexo antisséptico dos inatingíveis e intangíveis anjos das hostes celestiais? Que temos a ver com os anjos machos e fêmeas de falos decepados e de vaginas obturadas? A ânsia por asas e a sede de infinito.

**P – Como você se sente na qualidade de poeta?**

R – Sinto-me um lobo solitário e maldito das estepes, nas quais nunca estive, açoitado pelos estiletos do vento e do frio, uivando para a lua que jamais verei, porque para não a ver meus próprios olhos ceguei. Sinto-me um cão danado, condenado por si mesmo a uma eternidade de trabalho forçado. Sou um judeu errante e sem remissão, fugindo sempre de si mesmo, por sobre desertos de areia e de gelo. Sou um poeta maldito até a infinita geração e um cosmopolita proscrito das fronteiras do tudo e do nada.

**P – Para você o que é um verdadeiro poeta?**

R – É um Prometeu acorrentado, dilacerado pelas aves agourentas e de rapinas, que saíram de seu cérebro, caldeirão vulcânico, em contínua erupção, a vomitar monstros e fantasmas de milhares de membros e cabeças.

**P – Como é o coração de um poeta?**

R – É uma moeda de várias faces, mas de um só sentimento, o amor. É uma moenda por onde escorrem sentimentos e emoções. Pedra mó, pedra moenda, pedra moendo e remoendo dores e angústias em seu batuque, puro silêncio. É uma catedral cheia de colunas e fantasmas, onde os sinos repicam sem sineiros, no triste chamado sem resposta. É um saco de pancadas e é um tapete persa,

muitas vezes pisoteado e tripudiado por frívolas mulheres. É uma bomba-incendiária, mas muitas vezes serve de bobo da corte para os fúteis e vulgares.

**P – Como você sente o tempo passado?**

R – O tempo perdido inverte a rota da ampulheta e retorna intacto, como se jamais deixasse de ter existido. O tempo se embaralha sem passado, sem futuro e sem presente, e as recordações comovem tanto, que a própria alma de tanto sentir não se sente e evola para um tempo sepulto pela areia da ampulheta. A memória é uma lâmina de desassossego, cornucópia insana e insaciável, a jorrar o passado, que não morre nunca, sempre ressuscitado no eterno regresso a nós mesmos. O passado, poderoso e renitente, retorna e continua vívido e presente, se contorcendo, se retorcendo e se recontecendo. Ah, as carnes pulsantes de um passado sempre lembrado...

**P – Você é um ególatra?**

R – Não sei. Talvez. Talvez, não. Eu, vendo a minha imagem refletida no espelho não mágico de meu quarto, curvo-me a mim mesmo, como um eunuco do harém perante o sultão. E aquela imagem, curva ante mim, é a minha maior homenagem, que me presto. Eu me aproximo do espelho, até que a minha imagem egocêntrica seja projetada no infinito.

**P – Como você se sente no mundo?**

R – Preso no ventre estreito do universo tenho um acesso de claustrofobia. Teimoso como um João-teimoso, nasci prematuramente e morrerei depois da hora. Guiado por cego e conversando com surdo-mudo, fui tachado de débil mental. Mas isto é um eufemismo, eu sou mesmo é um doido varrido, por força da necessidade. Além de tudo, sou triste. Mas eu vejo a tristeza como lágrimas nos olhos do diabo.

**P – Quais são os seus mais constantes sentimentos?**

R – Só o tédio absoluto, o vazio total, a negação completa eu sinto sempre. Sempre a falta de algo. Sempre o algo inalcançável. Sempre a louca procura do tesouro perdido, da pedra filosofal inexistente. Sempre a eterna falta de inspiração para a eterna poesia nunca feita. Sempre a mesma falta de amor. Sempre o mesmo amor, velho e tedioso. Sempre o mesmo tédio cansado. Sempre, sempre, sempre o mesmo sempre de desilusão.

**P – Você se sente limitado pelo tempo e pelo espaço?**

R – Superando a relatividade do tempo e do espaço, quero não estar ao mesmo tempo no tempo e no espaço. Indo além da barreira do tempo e do espaço, eu galghei o infinito ao ficar infinitamente pequeno. Projetando-me além do tempo e do espaço, eu vi o caos do nada. Perdido no tempo parado e no espaço desfeito, vi sangue azuis, cobras multicores, lagartas de fogo e outras alucinações girando vertiginosamente em apocalíptica coreografia. E eu para sempre fiquei perdido no tempo e no espaço perdidos em vão.

**P – Poeta, você se sente limitado pela carne, pelo seu corpo?**

R – Sua pergunta me deixa duas lágrimas de pedra nos olhos de vidro e uma tristeza infinita na alma de cristal. O pensamento voa além do infinito e o corpo inerte fica querendo voar, com a vontade imensa de alcançar a realização total de não ter desejos. A matemática me enlouquece: por isto meu pensamento salta de mais infinito a menos infinito e explora as amplitudes do universo, enquanto meus olhos vidrados fitam a álgebra sem vê-la. E a minha abstração me leva ao infinito que meu corpo me nega.

**P – Qual o seu objetivo maior, na arte e na vida?**

R – Eu busco as mais loucas sinestésias em minha mente alucinada, onde as cores aromáticas se agregam a sons macios, misturados com aromas térmicos.

**P – Um bom poeta é um pouco louco, ou não?**

R – A loucura vem do cosmo, em taças de cristal com sangue, em aortas com água, na alucinação total de um homem que se diz lúcido. Na loucura, de repente, eu levito e me deixo transportar em êxtase ao país dos mortos-vivos e lá eu vejo todos os mortos e todos os vivos como simples mortos-vivos. Depois, eu me sinto preso em todos os extremos do universo e sinto que conquistei a liberdade cósmica, pregado no infinito e na loucura, na loucura que me adoece e me cura.

**P – Você já buscou o transcendentalismo e o poder?**

R – No desejo louco de ser transcendental eu abri minha alma para o cosmo e absorvi suas forças com a ânsia de um asmático. Sem ter uma cova onde cair morto, eu me tornei o rei falido desta província global.

**P – Como tem sido a sua trajetória e a sua estrada poética?**

R – Minha estrada é a esteira de luz que o sol traça no mar. Meu arco-do-triunfo é o arco-íris que o sol pinta no céu. Meu louro é o pentelho dourado que cobre a nudez das louras bonitas. Então eu, laureado com a pubescência de ouro, percorro a estrada de luz do sol no mar, passo por baixo do arco-íris do triunfo, poeta predestinado que se venceu a si mesmo, nos desafios e nos “repentes” que travei comigo mesmo.

**P – Como você desejaria projetar uma poesia?**

R – Abrindo meu ventre como uma rosa de carne e de suas vísceras multicores projetar uma poesia feita de flores e de fezes. Desejo cortar meu corpo e retalhar minha alma, para fazer uma poesia de matéria e de espírito e morrer na última palavra do último verso por nascer. Quero drenar minhas veias e com meu sangue regar um poema canibal que não fale de morte, e escrever a obra-prima com o sangue da alma.

**P – Você se sente um vencedor ou um perdedor?**

R – Náufrago de uma tempestade em copo d'água, escuto o canto da desgraça como um chamado de sereia. Pregado numa cruz invisível, de cabeça para baixo, tenho os braços fechados em sinal de protesto. Herói morto de um sonho desfeito, tenho como epitáfio a solidão e o esquecimento.

**P – Você se considera um anjo ou demônio?**

R – Cheio de ódio e de amor, a sorver taças e mais taças de bebida balsâmica e malsã, nos bordéis de Eros, nos templos de Pã e nos palácios dourados de Mefisto, onde sucumbo e resisto, no meio de mentira e desengano, fui Satã, fui Cristo, fui Humano.

**P – Você ainda procura mais alguma coisa ou anda à procura de coisa nenhuma?**

R – Eu nada procuro porque meus olhos foram jogados ao acaso como pedaços de espelho quebrado; meus cabelos arrancados flutuam como cabelos do vento; minhas mãos decepada acenam em vão e em vão apertam coisa nenhuma; minha cabeça foi atirada numa lata de lixo onde o lixo era ela; minhas células foram espalhadas por uma tempestade que partiu de mim. Por fim, o meu corpo sem cabeça, como o farmacêutico de Ampurdan, anda à procura de coisa nenhuma.

**P – Você almeja o infinitamente grande ou o infinitamente pequeno?**

R – O infinitamente grande tende ao tudo. O infinitamente pequeno tende ao nada. Estes dois extremos se tocam. Em Deus.

**P – O nada ou o tudo?**

R – Se o tudo veio do nada, o nada então seria o tudo, e a esse deus-nada eu tiraria o meu chapéu, que não tenho, mas tiraria. Mas o nada não cria nada, porque o nada é nada e nada somado com nada é nada e multiplicado por nada é nada.

**P – A ambição demasiada pode virar carvão?**

R – A sede de poder e de infinito foi tão grande que as asas dos anjos cresceram tanto e tanto pesaram que esses entes alados não mais voaram.

**P – Você tem muitas recordações?**

R – As recordações dão e são vida. Recordações de becos escuros, sem saída, de amores, hoje boleros, bolores em flores. Ilusões perdidas, que se fazem dores na florida ferida da saudade. Lembranças de dribble esquecido, de gol frustrado e acontecido, de um jogo que nunca termina, numa malsinada sina sinuosa. Evocações de lágrimas caudalosas, incontidas, vertidas das vertentes do peito, porto sem tino e sem destino, feito somente de desatino. Recordações de fantasmas que já nos abandonaram, de amigos mortos que nos acompanham cada vez mais vivos, tudo oriundo dos porões escavados nos subterrâneos dos sobrados – subterfúgios e refúgios da memória.

**P – Você ainda tem ilusões?**

R – Desmanchei com minhas mãos que os criara os deuses em que cria.

**P – Como é a sua luta com as palavras?**

R – As meadas e as palavras são labirintos e teias. Nelas os poetas se elevam; nelas as moscas se enleiam e se debatem em vão. Os poetas são. As moscas, não.

**FORTUNA CRÍTICA**  
**(alguns textos selecionados)**

“Os grandes poetas são aqueles cuja obra, desde a época em que foi composta, proporcionou o maior prazer ao maior número de leitores, e os mais diversos.”

*T. S. Eliot*

**PALAVRA DE LEITORA (\*)**

Teresinha Queiroz

Paul Veyne, ao tratar da elegia erótica romana, registra interessante distinção entre a alma do poeta e a dos mortais comuns. Segundo sua afirmação, a alma do poeta é mobiliada por um certo número de sentimentos, assim como a dos outros homens; além disso, nessa mobília há também um espelho, que reflete o resto do mobiliário. Dessa sorte, a alma que contém este móvel de Narciso não é igual a outra que tivesse o mesmo mobiliário, e não tivesse o espelho.

Esse móvel narcísico e seus reflexos têm sido objeto de especulação permanente no âmbito dos estudos literários. Aqui o que nos interessa não é adicionar algo a essa questão, muito menos sumariá-la, porém, tão somente expressar em rápidas pinceladas nossa visão de como o poeta Elmar Carvalho, em sua obra síntese **A Rosa dos Ventos Gerais** produz, através da criação poética, o seu mundo e revela, no seu espelho interior, o nosso mundo.

A vigorosa poesia de Elmar Carvalho desvenda com força extraordinária alguns dos mais profundos *ismos* de nossa cultura: o narcisismo (do poeta), o erotismo e o lirismo. Marcas indubitavelmente modernas, mas ao mesmo tempo classicamente antigas.

Se não sou capaz de decodificar as estéticas, devo enfatizar as temáticas. Nesse sentido, o fulcro da modernidade é a tomada da própria poesia, do amor e da paixão, em suas diferentes modalidades, e da política, como objetos de elaboração poética. Todos esses objetos, agressivamente presentes na poesia de Elmar, trazem como expressão comum uma espécie de estética da intensidade. A comunicação dos sentimentos, no mundo moderno, tem sido feita a marteladas, de forma a provocar a dor e, no caso dos registros literários, a agredir da maneira mais íntima a emoção.

Nesse aspecto, a poesia de Elmar se apropria da emoção do leitor, através de um lirismo intenso, como na “Lírica 2222” e em “Trabalho de Cestaria e Renda”, de contundente crítica política, como está posto em todo o Cancioneiro do Fogo e de um erotismo basilar, que é toda a força vital da natureza, criada poeticamente, porém, no limite, “quase” desveladora das amarras culturais face à

potência da vida. Essa força impetuosa, primordial, está expressa com a maior qualidade artística no notável conjunto poético que é o “A Zona Planetária”.

Aliás, é através de “A Zona Planetária” que Elmar leva às calendas gregas e nos religa à mais clássica e milenar tradição poética ocidental. Ao atrever-se a resgatar esse universo literário por excelência que é o da Mitologia, associando-se à Astronomia – saber que já teve seus momentos de ser levada a sério, tendo importância similar à da Psicanálise hoje e que continua, apesar de tudo, a ser um dos nossos fundos mentais – e a uma disciplina que o próprio autor denominou “Sociologia dos cabarés”, terminou por realizar trabalho de inusitada audácia criadora. Nesse poema exemplar se encontram aqueles traços já evidenciados do lirismo, da paixão contundente e arrebatadora, do erotismo visceral, sem dúvida traços do sentir moderno. O clássico, e na historiografia a tradição clássica é a greco-romana, é inegável na escolha dos temas, no requinte das imagens, na natureza e teor dos recursos metafóricos.

A aludida estética da intensidade, que conduz à busca incessante da emoção mais adormecida e resguardada do leitor, neste livro, ganha a forma da comunicação mais forte, mais direta, às vezes até despudorada, mas de um despudor que se explicita quase sempre por um jogo de sentimentos conflitantes, excludentes. Esse jogo de intensidade, que trabalha emoções diferentes, está em vários pontos do livro e a transparente em “Rompimento”, mescla a asco e sublimidade, com passagens rapidíssimas do sujo ao etéreo, ao quase evanescente.

O jogo especular entre o poeta e o leitor é feito de imagens ricas, poderosas, exemplares. Essa comunicabilidade pode ser conferida na temática do amor e da paixão, em que a simbiose autor-leitor revela-se, a partir do espelho da alma do poeta, em flagrantes quase cotidianos, como em “Encontro”, em “Musa Medusa” e em “Amor”. Deve-se destacar que em quase todos os seus poemas de amor está presente aquele vezo literário que demarca a poesia ocidental moderna – que é o tema do interdito, do proibido, da paixão irrealizada, não consumada. É sabido que o desencontro amoroso, que a frustração dos amantes tem sido a tônica da

criação ficcional dos últimos séculos. Exemplo nesse sentido é o “Elegia do Amor Final”, que se conclui com a belíssima imagem:

*“E teus cabelos  
à brisa eram lenço  
acenando em despedida.”*

A grande densidade lírica de **A Rosa dos Ventos Gerais** é também em grande medida associada ao erotismo, o que explica e justifica a igualmente forte presença feminina neste livro. Em seu ato de criar e recriar a mulher, o poeta a evidencia como um completo-complexo objeto amoroso. Eis que emergem de seu livro “Olhos”, de lã e de lâminas, de céu e inferno, verdes musgosos, azuis fuzilantes; cabelos de lenço e de loiras algas; mãos que acariciam e esmurram; bocas sequiosas e bocas mudas; curvas femininas que transcendem as curvas da terra e do mar, meras projeções da “poesia selvagem de teu corpo”. Tomando as próprias palavras do poeta, a mulher aqui é retratada “a leste, a oeste, ao vento e ao mar, com a mesma paixão incontida de um gesto feito de raiva.” Devo dizer como leitora, que o poeta sucumbe, se submete, capitula e que apesar da resistência, este livro é de entrega.

Não creio ser necessário destacar as poesias marcantes do autor e já sobejamente realçadas pelos seus críticos e leitores. É óbvio que também acho encantadoras “Noturno de Oeiras” e “Amarante”, de suave melancolia. “Elegia a Campo Maior”, de versos tão sublimes, sempre me fazem lembrar o Neruda das paixões adolescentes, especialmente dos 20 poemas de amor e uma canção desesperada e não apenas pela singular humanização da natureza, como pelas belas imagens construídas e pelo campear melancólico do sonho e da solidão. A mesma sensação me persegue quando leio os diversos poemas marítimos, tão narcisicamente coletivos, de que destaco a quase camoniana “Perdição”.

Por fim, ler a poesia de Elmar Carvalho, para esta sua leitora circunstancial, tem sido sempre um suave mergulho não só em nossa sensibilidade coletiva, mas igualmente nos arcanos de nossa tradição cultural.

---

(\*) Texto publicado no **Almanaque da Parnaíba**, nº 64, 1997. A autora foi professora da Universidade Federal do Piauí. Altamente respeitada, tem mestrado e doutorado em História.

## **A ROSA DOS VENTOS GERAIS**

Alcenor Candeira Filho (\*)

### **O AUTOR**

Para nós é motivo de alegria fazer a apresentação do livro A ROSA DOS VENTOS GERAIS, do poeta piauiense Elmar Carvalho.

Embora o autor dispense apresentação, porque residiu durante vários anos em Parnaíba, onde se formou em Administração de Empresas e publicou poemas em jornais e em antologias, – desejamos registrar alguns fatos ligados à sua atividade cultural, no Estado:

Membro da Academia Parnaibana de Letras;

Presidente da União Brasileira de Escritores do Piauí;

Presidente do Diretório Acadêmico “3 de Março”;

Editor de literatura do jornal “Inovação”;

Coordenador da página literária “Textos e Pretextos”, do Suplemento do Diário Oficial do Estado;

Coordenador de literatura e editoração da Fundação Cultural Monsenhor Chaves, que publica uma das mais importantes revistas do Nordeste: “Cadernos de Teresina”;

Participação nas seguintes antologias poéticas: **“Galopando”**, **“Poesia do Campus”**, **“Salada Seleta”**, **“Em Três Tempos”**, **“Poemágico”**, **“Poemarít(i)mos”**, **“Poesia Teresinense Hoje”**, **“Postais da Cidade Verde”**, **“A Poesia Piauiense no Século XX”**.

Na qualidade de homem de letras, Elmar Carvalho é mais conhecido como poeta, mas não devemos deixar de lembrar sua vocação para a crítica literária. Mesmo não sendo ainda autor de livro no gênero, Elmar já publicou em jornais e revistas vários textos críticos, voltados especialmente para a análise de obras piauienses.

O trabalho que Elmar Carvalho vem realizando se afasta da velha crítica historicista, que realça os elementos extrínsecos (biográficos, históricos e sociológicos) da obra literária. Ciente de que literatura é acima de tudo “monumento estético”, o escritor tem optado pela chamada “nova crítica”, que valoriza os elementos intrínsecos da obra. Se literatura é a arte da palavra, o texto e a sua interpretação estético-literária é que importa.

### **A Rosa dos Ventos Gerais**

Elmar Carvalho é um dos melhores poetas piauienses da Geração de 1970, como atesta o livro ora lançado em Parnaíba.

Como obra que abrange toda produção do poeta até agora, é natural que “A Rosa dos Ventos Gerais” ofereça apreciável diversidade temática, variedade que se percebe também em termos de gêneros literários, com versos para todas as preferências e gostos: líricos, sociais, épicos, satíricos.

A partir dessa diversidade, o poeta dividiu a coletânea em quatro partes, que passaremos a comentar.

#### **1ª PARTE: Cancioneiro do Ar**

Os poemas da 1ª parte são líricos. Falam de amores devastadores, como no “Poema da Mulher Amada”, e de amores idos e vividos, como na “Elegia do Amor

Final”. Aliás, as coisas idas, vividas e revividas predominam na parte inicial do livro.

O passado não é uma pedra, não é uma campa, por isso nele o poeta mergulha como que em busca do tempo perdido *“com seus gemidos/ de fantasmas que/ arrastam correntes/ por entre ais doloridos”*.

Conforme está dito em “Eterno Retorno”, o passado são *“emoções redivivas/ e ampliadas/ das sensações/ de nervos expostos/ nas carnes pulsantes.”* Na esteira da teoria do tempo circular, o poeta lembra que *“o passado poderoso e renitente/ retorna e continua vívido e presente/ se contorcendo se retorcendo/ e se reacontecendo.”*

Já o poema que abre a coletânea – “Autobiografia Zodiacal” – enuncia uma das características marcantes do poeta Elmar Carvalho: sua vinculação com o concretismo, vanguarda que propõe o aproveitamento de recursos espaciais e geométricos como elementos orgânicos do poema, aproximando-o, assim, das artes plásticas.

Não obstante a predominância de poemas de forma livre, deparamo-nos nessa parte inaugural do livro com alguns poemas de forma fixa, exatamente seis haicais (nenhum com os rigores métricos do haikai japonês, cujos versos, não mais do que três, correspondem a dezessete sílabas, o primeiro e o terceiro com cinco e o segundo com sete) e um soneto, o único em toda obra do poeta. A propósito, tal soneto nada acrescenta à excelente poesia de Elmar Carvalho, porque não passa de fastidiosos gemidos românticos, com os arrulhos de arapongas nos espinheiros, adornando a solidão enluarada das desertas chapadas.

## **2ª PARTE: Cancioneiro do Fogo**

A miséria humana, observada numa das regiões mais carentes do país, lateja nos versos que compõem o “Cancioneiro do Fogo.”

Certamente não são versos incendiários, porque não incitam a rebelião. São versos utilitários, isto sim, que servem para tornar o ouvido um órgão capaz de ouvir, por exemplo, o ronco sinistro de vísceras famintas:

“a fome  
que come  
e consome  
o “home”  
mora  
em sua víscera sonora  
e o devora  
como uma flora  
cancerosa  
rosa carnívora  
que aflora e o deflora  
de dentro para fora.”

O poeta, sempre interessado na sua época, assume a posição de receptáculo do sofrimento humano, de caixa acústica por meio da qual as pessoas possam tomar conhecimento dos males que as afligem, como neste minúsculo poema “O Favelado”:

“O favelado, qual filósofo meditava:  
sua miséria era tamanha  
que tudo enchia e ainda sobrava.”

O teor público da poética de Elmar Carvalho já foi ressaltado pela crítica. No prefácio que figura na antologia “Poemágico”, declarou Assis Brasil, um dos grandes críticos do país:

“Elmar Carvalho (...) canta uníssono a consciência da vida e dos compromissos humanos. Canta as desigualdades sociais, numa forma (poética), como já acentuamos, muito mais contundente do que uma catilinária oca de deputado. O lado emblemático e realista da sua linguagem se unem para que a poesia, mais uma vez, seja o corte profundo e quente e afiado da denúncia.”

Os poemas do “Cancioneiro do Fogo” são compostos normalmente por versos curtos em que notamos a ausência quase total de pontuação, e uma linguagem sempre solta, leve, livre, direta. Até irreverente e contestatória, às vezes. Tudo porque a preocupação maior é com a mensagem, que se impõe por si mesma.

### **3ª PARTE: Cancioneiro da Terra e da Água**

A terceira parte do livro celebra o Piauí. São versos líricos através dos quais o poeta empreende um passeio sentimental por ruas, rios, praças, praias, campos, casas, catedrais e cidades piauienses. Nesse bloco de composições telúricas, destacavam-se, como os mais inspirados e de melhor solução formal, os poemas “Noturno de Oeiras” – resultado de uma viagem física e psicológica que o poeta realizou pelo reino mágico da antiga capital de inúmeras tradições históricas, religiosas e artísticas – , e “Marítimas”, escrito no ritmo oceânico do mar, em cujas ondas o poeta assimilou os gestos e o jeito de falar e de ser:

“Do mar eu trouxe  
o vento que dança  
em torno de meus cabelos.  
Trouxe este meu cheiro  
de sal, mariscos e maresia.  
.....  
Meus olhos têm o brilho  
que roubei das ardentias.

Os relâmpagos das procelas  
pousaram nas minhas mãos  
e nelas se aninharam.  
Do ritmo do mar eu trouxe  
os meus gestos e o meu jeito de falar.

.....

Mas sobretudo trouxe a vida  
na alegria das chegadas  
e na tristeza das despedidas.”

Empregando a técnica do despojamento da linguagem, Elmar Carvalho nos dá em rápidas pinceladas a síntese do Piauí, a partir da região litorânea (“Paisagem Marinha”, “Marítima”, “Lagoa do Portinho”, “Mar(rulho) no Tabocal”, “3 Postais de Parnaíba”, “Vento na Alma e nos Cabelos”), passando pela capital (“Flagrantes de Teresina”), e cidades interioranas (“Noturno de Oeiras”, “Cromos de Campo Maior”, “Elegia a Campo Maior”, “Amarante”, “Livramento: Pedra e Abstração”).

A linguagem desses poemas da terra contém efeitos fônicos que decorrem principalmente das aliterações. A expediente acústico – ora sutis, ora ostensivos – recorre aliás o poeta ao longo de toda obra. Afinal, como ensina Ezra Pound, poesia é imagem e conceito (fanopéia e logopéia), mas também ritmo (melopéia).

#### **4ª PARTE: Cancioneiro dos Ventos Gerais**

A vida, respirada, repisada, repensada e/ou reinventada nos ares do Piauí neste final de século, mas sempre a mesma em qualquer lugar e época, – eis a matéria-prima da poesia reunida na derradeira parte do livro.

A vida em Parnaíba, que o poeta já exaltara em vários poemas inseridos no “Cancioneiro da Terra e da Água”, está sempre presente na série denominada

“Poemitos da Parnaíba”, que retratam tipos curiosos, malucos, miseráveis, humanos.

Dois poemas se destacam, a nosso ver, na parte final do livro, ambos de natureza épica na classificação do próprio autor: “Dalilíada”, baseado na vida e na obra do pintor espanhol Salvador Dalí, e “A Zona Planetária”, inspirado num cabaré de Campo Maior.

Embora o excesso de alusões mitológicas no último poema transmita um clima de exotismo e passadismo, o poeta em verdade está interessado é na vida presente, no Piauí e seus angustiantes problemas sociais, representados no caso por prostíbulos existentes em Campo Maior.

Num total de 382 versos, distribuídos em dez segmentos, o poeta focaliza a prostituição através de um processo criativo em que mistura a mitologia clássica, a astronomia e a sociologia dos lupanares.

O início do poema já nos fornece uma visão geral da promiscuidade reinante no ambiente, onde as emoções são alinhadas pedra a pedra ao som de vitrola que embala os *“que bebem vinho/ e sangue em frágeis taças de cristal.”*

Há versos admiráveis neste moderno poema épico, seja pela magia musical, seja pela beleza das imagens. Se a linguagem às vezes ganha sabor classicisante para ajustar-se ao referencial mitológico, assume quase sempre expressividade moderna e contundente, como nestes versos de “Marte”, cujo ritmo de rudo açoite parece querer varrer as impurezas da vida instintiva e sublinhar a sublime alvura dos lençóis lavados em lágrimas vertidas nas ressacas das “tempestades do sexo”:

“Os satélites Fobos e Deimos,  
filhos de Marte e Vênus,  
amantes do amor (em)bebido em sangue  
em suas fatídicas rondas orbitais  
espalham o medo e o terror.  
Marte dos amores lav(r)ados  
no sangue das Fúrias e do Terror

dos romanescos crimes passionais  
dos sexos decepados pelas guilhotinas  
ou cortados pelas espadas  
dos homens e mulheres ciumentos.  
Marte dos mártires  
dos grandes amores matadores.  
Planetas das amáveis  
das afáveis amazonas  
a cavalgarem sequiosas  
o enlouquecido cavalo alado  
do sexo – Pégaso pegajoso  
de esperma e mucosa de vagina.”

## **CONCLUSÃO**

Os comentários ora feitos sobre A Rosa dos Ventos Gerais destinam-se apenas a chamar a atenção do leitor para alguns aspectos dos versos de Elmar Carvalho. Versos a serem digeridos por todos os que ainda crêem na poesia como produto artístico capaz de alimentar o espírito como a chuva amamenta a terra.

---

(\*) O autor é procurador federal (aposentado), professor de literatura e membro da Academia Piauiense de Letras e da Academia Parnaibana de Letras. Tem vários livros publicados. Participou de várias antologias.

## **A POÉTICA DE ELMAR CARVALHO**

M. Paulo Nunes (\*)

O celebrado poeta italiano Eugénio Montale, ao ser-lhe concedido o Prêmio Nobel de Literatura, proferiu um famoso discurso a que intitulou “É ainda possível a poesia?”, que traz oportunas considerações sobre o nosso fazer poético. Montale se pergunta sobre o lugar que pode ter “a mais discreta das artes” num mundo em que o “homem civilizado chegou ao ponto de ter horror de si”. Não obstante a presença do “universo das comunicações linguística e cultural”, para essa poesia “não há morte possível”.

O maior atestado da permanência dessa poesia é esta reunião de arte, em que homenageamos três poetas – H. Dobal, Hermes Vieira e Elmar Carvalho, aos dois primeiros concedendo-lhes uma placa de prata, como a significar-lhes um prêmio pelo notável trabalho poético realizado, e ao último, com o relançamento de seu último e apreciado livro Rosa dos Ventos Gerais, que será objeto de um breve comentário.

O que se nota na atual geração de poetas, após a profunda experiência temático-formal do modernismo de 22 e o da 2ª fase, a partir de 1930, passando pela volta aos modelos formais do neoclassicismo, com o retorno aos poemas de forma fixa, com o pós-modernismo ou a chamada geração de 45, é uma acentuada preocupação com a renovação da palavra como instrumento de novas experimentações no universo poético, de que é exemplo este sugestivo livro de Elmar Carvalho, ao adotar em sua metalinguagem novas formas de expressão poética.

Na geração de 22 – a de Mário e Oswald de Andrade, Cassiano Ricardo e, após 1930, Carlos Drummond de Andrade, com a sua poesia pública que se contém, de modo especial, em A Rosa do Povo, de 1945, verificou-se uma acentuada preocupação com os temas sociais, enquanto os novos poetas de que falamos, e Elmar é um deles, foram mais contidos nessa tendência. No entanto, vez por outra, ela também reponta, porquanto a renovação poética é indissociável do drama social de nosso tempo e os poetas, desde os antigos aos atuais – Homero, Virgílio, Dante, Camões, Garrett, Antero de Quental, Antônio Nobre, Fernando Pessoa ou, entre os nossos, Gregório de Matos, Tomaz Antônio Gonzaga, Gonçalves Dias, Castro Alves, Olavo Bilac, Bandeira, Drummond,

Vinicius de Moraes, H. Dobal, os poetas sempre souberam unir aquele universo do seu sentir pessoal, ou seja, o da poesia lírica e elegíaca, ao da rajada incontida dos ventos da desgraçada condição humana, em todos os tempos e lugares.

Em Elmar Carvalho, que é um poeta essencialmente lírico, estão presentes essas duas faces do fazer poético. Se em “Encontro” ele é mais derramado e barroco, afastando-se um pouco do ideário dessa nova estética, em “Metapoema” e “A ero moça” que integram com o anterior, a 1ª parte do livro “Cancioneiro do Ar”, utiliza o máximo de contenção em expressar o seu lirismo feito de emoções, desencantos e tensões. Em “Metapoema” há toda uma teoria do poema expressa em poucas palavras.

Vejamos os poemas citados:

### **Encontro**

Em teus olhos mergulhei  
para rever  
    reviver o já vivido.  
Neles me embebi  
    embevecido  
ao arrebatado do esquecido  
“o que não foi  
e que poderia ter sido”.  
Colhi nas minhas  
o perfume de tuas narinas.  
A essência de tuas crinas e resinas  
às minhas misturei.  
Com os meus, colhi-te  
os lábios, entreabertos  
em suave espera e ânsia.  
Beije-te os olhos  
– fechados para que visses e sentisses

plenamente a magia do momento –  
e deles vertias o céu e o mel. (Op. cit. p. 50)

### **Metapoema**

As meadas e as palavras  
são labirintos e teias.  
Nelas os poetas se elevam;  
nelas as moscas se enleiam  
e se debatem em vão.  
Os poetas são.  
As moscas não. (Op. cit. p. 51)

### **A ero moça**

A aeromoça  
abre os braços  
e mostra as saídas  
de emergência...

E eu a sonhar  
que ela abrisse  
as pernas e mostrasse  
as entradas de quintessência. (Op. cit. p. 29)

Por outro lado, em “Cancioneiro do Fogo”, 2ª parte do livro que ora comentamos, estão contidos os poemas de conteúdo acentuadamente social, com o que se contempla aquela outra vertente a que atrás nos referimos, presente em poemas como “Galo Magro”, “Cidade Grande”, “Alegoria da Fome”, “Sonata em Dor Maior”, “Moisés” e “A Fome” e todos os subtemas que o completam, e ainda “7 de Setembro” I e II atos.

Em “Cancioneiro da Terra e da Água”, 3ª parte do livro, releve salientar os poemas de caráter evocativo, como a lembrar o Bandeira de “Evocação do Recife”, a exemplo de “Parnaíba Revisitada”, “Vento na Alma e nos Cabelos”, “Noturno de Oeiras”, já anteriormente publicado, “Flagrantes de Teresina”, “Cromos de Campo Maior”, “Noturno do Cemitério Velho de Oeiras” e sobretudo o belo poema “Amarante”, que aqui transcrevo em homenagem à minha mulher, Clara, que é amarantina e se acha presente a esta festa da poesia.

### **Amarante**

doce amaro

pródigo

avaro amarante

ante-amar-te

anti-amar-te

antes sempre após

agora

sem agouro sem demora

sem pressa e sem presságio

pé ante pé

perante tuas casas sonolentas

diante das fráguas das serras

que descerras em cortinas de azuis

descortinas neblinas

na paisagem – plumagem/brumagem fixada

na retina retentiva redentora do poeta

amarante

amaranto de

memórias atávicas de catimbós

murmúrios ancestrais de urucongos

requebros lascivos de velhos congos

resquícios longínquos de quilombos  
encravados em abissais cafundós  
dos antepassados cativos altivos dos mimbós  
    perante ti  
    amarante  
a água escorre lacrimal  
pela sinuosidade do morro da saudade  
deságua na desembargador amaral  
    e de val em val  
    de sal em sal  
boceja nas bocas de lobo dos esgotos  
gargareja nas gargantas gosmentas dos gargalos  
    mergulha e deriva singular  
nas águas plurais do parnaíba  
    amarante  
    perante ti  
    imperante  
o vento verdeja agreste nos ciprestes  
rumoreja aguado nos aguapés  
sacoleja sem leste oeste  
a copa fagueira das faveiras  
    tuas tardes tardas dolentes amaras  
    abres das janelas  
    debruçadas em melancolias  
    e alicias e (re)velas  
as moças nas modorras mormacentas macilentas  
em que delicias cilicias e acalentas... (Conf. op. cit. p. 93)

Finalmente, na última parte do livro “Cancioneiro dos Ventos Gerais”, a exemplo de Drummond em “A Máquina do Mundo”, de seu livro Claro Enigma, reconstrói o universo conhecido para redefini-lo poética e sensualmente, numa

visão ecumênica, através da qual ganha universalidade a sua rica poesia. Encerra-a com os “Poemitos da Parnaíba”, uma saga dos tipos populares daquela cidade por ele tão amada, seguindo a mesma rota de H. Dobal em A Serra das Confusões.

Que mais dizer do meu caro poeta Elmar Carvalho, pessoa distinta, sensível e fina, senão que é ele também um devotado produtor cultural no mais alto sentido, partícipe dos mais destacados movimentos intelectuais de sua geração, integrante das instituições culturais representativas de nosso meio e detentor de várias distinções honoríficas por relevantes serviços prestados à comunidade piauiense, no campo das artes e das letras?

A ele, por quem tenho o maior apreço e a mais viva admiração, e ao seu belo livro, cuja publicação estimorei e ora aplaudo ao vê-lo impresso, a homenagem da minha simpatia cordial e permanente, fazendo votos para que renove sempre os valores da cultura como o vem fazendo em sua poesia e em seu labor intelectual, porque são estes, em realidade, os altos valores do espírito, aqueles que dão efetivamente significação e dignidade à vida de cada um de nós.

---

(\*) O autor é membro da Academia Piauiense de Letras, da qual foi presidente, e preside o Conselho Estadual de Cultura, tendo sido Secretário de Cultura do Estado do Piauí.

## UM FÁCIL PREFÁCIO

Hardi Filho (\*)

Fora das lições e dos exercícios de literatura e letras dos cursos acadêmicos, no Piauí praticamente não existe crítica literária. Quase sempre solicitados, tópicos e comentários sobre livros e autores geralmente trazem a marca da condescendência, dirigidos que são a todo custo, no rumo da boa aceitação da obra pelo público. Criou-se até, entre nós, a mítica dos “opinantes de plantão” os quais, de tão assediados, seriam obrigados a ter já grafado ou de memória o que dizer de um que sirva para muitos; se o trabalho não merece, a pessoa do autor recebe elogios e fica contente. Porque é escassa a crítica espontânea, rara é também a autocrítica que, **a priori**, evita o grosso do problema. Nós, escritores do Piauí, nadamos no alto mar sem pontos de apoio senão aqueles criados ou imaginados pela inteligência e capacidade de cada qual; porisso, ainda, muitos de nós nos perdemos no caminho.

Literatura não se faz assim à margem da verdade crítica. Carecemos de referências com fundamento paramétrico, contendo indicadores do positivo e do negativo, e que soem como grito de alerta a todos os afoitos.

Às vezes me acontecem incompreensões porque recuso as oportunidades de desempenho nesse sentido, preferindo permanecer apenasmente como

produtor, observador e interessado cultural. Tirante a incompetência, nesse particular talvez eu seja o mais egoísta dos homens, pois nunca faço alguma coisa só para agradar o outro. Primeiro eu me agrado.

Mas vamos ao que interessa. Do que foi dito acima pode-se inferir que este comentário não serve de orientação para o leitor; e muito menos para o autor em face, que dela não necessita porque afeito à lide das letras dentro e fora das universidades. Vai daí que, conhecendo a produção (escrita) de Elmar Carvalho, dou-lhe, a meu gosto, a por si definidora adjetivação de **poética**. Isto para mim já diz muito.

O autor de **Rosa dos Ventos Gerais** é um participante ativo do nosso meio lítero-cultural onde ocupa lugar de destaque merecidamente. Se poesia é imagem, como dizem os entendidos, não há como negar a presença de um poeta criador de belas imagens, como esta lírica a não mais poder:

**“... teus cabelos  
à brisa eram lenço  
acenando em despedida.”**

Desde muito jovem, estudante em Parnaíba, Elmar Carvalho já atuava culturalmente, já era dado à literatura, já o seduziam os mistérios da poesia, já cultivava admiração pelos grandes aedos do passado e do presente. De lá até cá, fez seus poemas sem alarde, movido somente pela sensibilidade exacerbada ante as belezas do céu e da terra, e por que não dizer, também ante as agruras do mundo, tudo ao sabor dos embates, encontros e desencontros do sentir humano. Haveria poesia sem a exacerbação da alma e do sentimento?

Não vou dizer da estrutura deste **Rosa dos Ventos Gerais**, de como foi dividido em partes subtituladas conforme a visão conteudística do poeta. Isto, a correção de linguagem e a beleza da maioria dos poemas, o leitor verá e sentirá. No exíguo espaço deste comentário o que tem de ser afirmado é o mérito indiscutível do trabalho, que, de modo global, é o resultado de pelo menos quinze anos de contubérnio com as vicissitudes, esperanças e momentos felizes do

ambiente piauiense, vivido e sentido no plano íntimo e, sobretudo, no plano que dizem social. O poeta ora se envolve em recordações pessoais; ora passeia pelo passado histórico lembrado por casarões com suas portas e janelas que se abrem e se fecham por mãos invisíveis; ora visita o reino do surreal, espirra na réstia de luz e faz surgir o arco-íris estranho de sua própria alquimia; ora se confessa bebericando em doses pequeninas e letais o amor da mulher amada; ora sobe a escada de Jacó, devassa as vísceras mecânicas da baleia do profeta, e tenta desvendar a gênese do primeiro átomo; ora escuta música longínqua na companhia de um inseto que pousa sobre a mesa, e curte saudades com gosto de maresia; ora perde a fé em tudo, como quem nada perde, e resolve ficar louco. O poeta é assim. Age tal qual um “lobo solitário e maldito”, com “um sonho de malas prontas” para qualquer viagem, mesmo aquelas inspiradas pelo sexo dos anjos.

Estreante em livro individual, posto que sempre marcou presença em publicações coletivas, folhetos, suplementos, jornais, revistas, etc., Elmar Carvalho, moço e consciente como é, sabe das ilimitadas, infinitas possibilidades da poesia, e sabe das suas próprias, que lhe permitirão passos mais largos e ousados na continuidade de sua produção. Estou certo de que, para isso, energia, vocação, inteligência criadora, lhe sobejam. Elmar Carvalho, já foi dito, é um elemento que participa, que se doa, que colabora diuturnamente com a questão cultural. E aí está um ponto importante de diferenciação entre os que atuam participativamente, ouvindo e discutindo, e os que se aprisionam em seus tugúrios privados, sejam masmorras ou torres de marfim. Como bem notou Cunha e Silva Filho, Elmar tem a vantagem de uma “consciência poética atualizada”, isenta dos bolores que se acumulam no tempo e nos cantos de vivência narcisista, ignorante e autólata.

Como se diz vulgarmente, há casos que podem mais do que a lei e diante das quais nos sentimos desafiados como primeiros anunciadores. É o que faço escrevendo este comentário sem requisição e sem método. Acrescente-se o fato de que a experiência de Elmar Carvalho por dois anos como presidente da nossa União Brasileira de Escritores foi boa, extremamente proveitosa para a Entidade, para o Piauí cultural e para nós outros que vimos retribuída com realizações a

confiança nele depositada, e confirmado o conceito em que sempre o tivemos. Poeta, amigo, cidadão – um homem em três faces dispensando adjetivos. Salve, portanto, o que tem olhos para o imagismo do espírito e mãos que laboram em cima de verdades eternas!

---

(\*) O autor é escritor, poeta e membro da Academia Piauiense de Letras. O texto foi publicado como prefácio da 1ª edição.

## FRAGMENTOS DE TEXTOS SOBRE ELMAR CARVALHO

Assis Brasil

Elmar Carvalho (...) canta unísono a consciência da vida e dos compromissos humanos. Canta as desigualdades sociais, numa forma (poética), como já acentuamos, muito mais contundente do que um simples discurso de comício ou uma **catilinária** oca de deputado. Elmar Carvalho é também um hábil poeta. Joga com as formas mais livres, sem modismos. O lado emblemático e realista da sua linguagem se unem, para que a poesia, mais uma vez, seja o corte profundo e quente e afiado da denúncia como neste belo e inventivo **A Fome: a fome/ que come/ e consome/ o “home”/ mora/ em sua víscera sonora/ e o devora/ como uma flora/ cancerosa/ rosa carnívora/ que aflora e o deflora/ de dentro para fora.// a fome é tanta/ e tanto espanta/ que o ex-grevista de fome/ hoje é grevista com fome/ – ou melhor – desempregado / pregado na miséria/ de ser gado sub/ju/gado/ vis/gado/ k/gado.**

Aqui está todo o domínio poético de Elmar Carvalho e toda a contundência do seu verbo, nessa amostragem piauiense da poesia brasileira e do compromisso do homem com os valores e desvalores da sociedade de hoje.

(Assis Brasil, em Teoria e Prática da Crítica Literária)

Nascido na cidade de Campo Maior, no dia 9 de abril de 1956, José Elmar de Mélo Carvalho pertence, estética e cronologicamente, à geração de bons poetas que publicaria seus poemas, em antologias, revistas e outros órgãos culturais, a partir da década de 70. Em Elmar Carvalho a vocação poética surge bem cedo e ainda em Campo Maior, ao lado dos estudos na Escola Valdivino Tito, Ginásio Santo Antônio e Colégio Estadual, publica seus primeiros escritos no jornal A Luta.

(...)

Uma das obras coletivas mais importantes de que fez parte foi a antologia Poemágico / a nova alquimia, onde Elmar Carvalho apresenta alguns de seus melhores poemas, naquela linha de sensibilidade e contenção, linguagem suficiente, com o timbre por vezes contundente da crítica social, no que o poeta se irmana com os pares mais expressivos de sua geração, Alcenor Candeira Filho, Paulo Véras, V. de Araújo, Jorge Carvalho.

(...)

(Assis Brasil, no livro A Poesia Piauiense no Século XX)

## **A SAGA POÉTICA DE ELMAR (\*)**

João Evangelista Mendes da Rocha

*General/Escritor*

*Sem dúvida, é a poesia a mais bela  
expressão dos sentimentos humanos.*  
(Levy Carneiro)

Da sensibilidade lírica, épica e telúrica de Elmar Carvalho, que já nos brindou com tantos poemas da melhor qualidade, sempre estamos na expectativa de mais uma excelente produção literária, não só na condição de poeta, também como crítico, cronista e contista.

Depois de CROMOS DE CAMPO MAIOR, em que ele exalta sua terra natal, a velha Província de Campo Maior das numerosas fazendas de gado de 1669 e onde corre o patriota riacho do Jenipapo – testemunha da batalha que leva seu nome e que inspirou o Monumento aos seus heróis, como “símbolo da coragem dos filhos da Terra dos Carnaubais”.

E, em seguida, presenteando-nos com a excelente plaqueta NOTURNO DE OEIRAS, em que “Negros ainda esperam abolição / absolvição nas cercanias do Rosário / pelos pecados que não pecaram”. Mais comoventemente quando diz: “Atravesso a praça das Vitórias / na hora dolorosa das doze badaladas / punhaladas que também me atravessam”.

Mas, Elmar não se conteve, em sua inspiração poética, apenas, diante de Campo Maior e Oeiras. Sua saga vai muito além, chega à terra de Da Costa e Silva e “perante ti / Amarante / a água escorre lacrimal / pela sinuosidade do morro da saudade”. Sem esquecer sua Parnaíba dos 3 POSTAIS e também Teresina em seus FLAGRANTES e BARRAS DAS SETE BARRAS, a Terra dos Governadores, afinal, o poeta chega nesse seu roteiro sentimental-romântico, ao **Pórtico Triunfal** de SETE CIDADES – uma verdadeira ode que mexe com nossa sensibilidade, poetas ou não, sobretudo, dos piracuruquenses, que têm em Sete Cidades como que seu sonho petrificado. Uma “Cidade encantada / sempre desencantada / para novos e mais / deslumbrantes encantos”, nos versos iniciais de Elmar. “Deslumbrantes encantos” que, em seguida, tomam formas, em **Figuras e Mistérios**, através de estrofes, umas épicas, outras históricas e mais as de cunho religioso – todas frutos da fértil e calorosa imaginação do poeta.

Na impossibilidade de suas citações, pelo exíguo espaço permitido para estes comentários, destacaríamos algumas estrofes, como a do **Forte**: “Um guarda de pedra na guarita / em rigidez mortuária / de balde aguarda / um outro guarda / que nunca chega / para o ato de rendição”. E estas, no **Portal das Almas**, bem de acordo com o espírito patriótico do autor: “Os fantasmas passam / e sussurram disfarçados / no corpo e na voz do vento / inscrições rupestres / são o vestígio e a denúncia / de um povo espoliado, / trucidado, dizimado”.

Está dado o recado emocionante do poeta, através do poema SETE CIDADES, que coloca Piracuruca no centro de sua produção lírica, projetando nossa cidade no cenário literário. Cabe a nós, filhos da Terra, assumirmos o papel de reconhecidos e gratos, diante de tamanha explosão de sensibilidade e, quem sabe?, sua publicação pelas autoridades municipais, de um opúsculo, com fotos, a exemplo de CROMOS?

E, para finalizar, nosso agradecimento público pelo envio do poema, “em primeira mão”, o que revela uma outra face de sua sensibilidade: a gentileza para com um velho amante de sua Terra e de sua Gente; o respeito, que só o enobrece, do jovem pelo idoso.

---

(\*) Texto publicado no jornal O DIA, de 07.02.98, e no livro “Sete Cidades – roteiro de um passeio poético e sentimental”. O autor é herói de guerra na luta contra o nazi-fascismo, tendo comandado uma companhia da FEB, na Itália.

## ELMAR CARVALHO: UM MALABARISTA DO VERSO (\*)

Cunha e Silva Filho

Com **A Rosa dos Ventos Gerais** (Editora Gráfica da UFPI, Teresina, 1996, 139 p.), vejo confirmadas as qualidades da poesia de Elmar Carvalho, sobre a qual já me pronunciei em 1990 quando conheci o autor, em Amarante. Naquele ano ele me presenteara com algumas produções suas. Li seus versos e logo pude nele identificar uma voz jovem e forte da poesia brasileira, não direi piauiense para que não se pense que ele seja um poeta apenas da província, já que o nível de seu trabalho poético se instala em tendências contemporâneas da poesia brasileira, dados os recursos de que dispõe com o instrumental de seus processos de criação literária.

A obra em foco traz Prefácio de Hardi Filho, com título que diz muito dessa estréia em livro de Elmar Carvalho: um fácil prefácio. Ou seja, quem melhor do que um poeta para recepcionar um jovem poeta?

O presente volume é uma espécie de antologia poética de Elmar Carvalho, uma vez que nele estão reunidos poesias publicadas e novos poemas, não sei se já esparsamente publicados recentemente. Pelo menos para este articulista, alguns poemas são inéditos. Irei conferir com o autor. Mas, isso pouco importa diante do evento que é ver consumado um desejo de todo autor, o de editar um livro. Nenhum escritor nasceu para a gaveta. Tampouco julgo uma deficiência de Elmar Carvalho o fato de reunir publicações esparsas e a elas dar o estatuto de livro. Poder-se-ia também alegar que uma obra publicada deva trazer necessariamente embutido um projeto de poesia. Não é bem assim. O projeto poético é resultado de tudo o que antes o escritor publicou esparsamente. Não fez logo em livro porque ao autor não se possibilitou a realização de um desejo. Entretanto, não vejo por que um livro de poesia tenha que ser uno na sua temática e na sua forma. O que permanece para a história literária são os poemas, com a força do talento e da criatividade do artista. Não é a quantidade que pesa sobre a judicatura crítica. Nem todo artista é prolífero, como nem todo crítico tem obra

abundante. Esse é, talvez, um dos mistérios da criação literária ou das artes em geral.

Com a leitura desse volume podemos, agora, nessa reunião de poemas, conhecidos e novos poemas, pelo menos para o resenhista, balizar-lhe a trajetória poética em 18 anos de produção esparsa, o que nos dá também ensejo de vê-lo mais por inteiro, em águas próprias. O analista tem a seu favor o **corpus** delineado de seu processo de criação, e bem assim de seu aprofundamento e tendências. Tanto melhor para o analista porque um poema da importância de “A Zona Planetária” (p. 101) só agora, vejo impresso por inteiro. Antes, o autor já dele estampara apenas 3 das 10 unidades prometidas. Veja-se a obra coletiva **Poemarít(i)mos**, antologia poética, 1ª edição, 2ª tiragem, Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, Teresina, 1988, 254 p., p. 139-144.

Seis anos atrás, observei na poesia de Elmar Carvalho algumas construções temáticas (vide o Posfácio de minha autoria gentilmente incluído pelo poeta em **A Rosa dos Ventos Gerais**, p. 136-137), mas sobretudo a sua habilidade (de resto, antes mencionada por Assis Brasil) com a palavra poética. Esses traços estilístico-temáticos ainda estão presentes em outros poemas que se encontram em **A Rosa dos Ventos Gerais**. Os recursos já conhecidos, tão caros ao Concretismo e às Vanguardas, ainda o seduzem. A sua poesia, todavia, se alimenta mesmo é de uma poderosa carga de emoção e sensibilidade, elementos, a meu ver, indissociáveis da natureza intrínseca da tradição lírica universal.

O livro se compõe de 4 partes sugestivamente denominadas Cancioneiro do Ar (1ª parte), Cancioneiro do Fogo (2ª parte), Cancioneiro da Terra e da Água (3ª parte) e Cancioneiro dos Ventos Gerais (4ª parte). Não atinei, porém, por que o poeta denominou a 2ª parte sob aquele título, pois não consegui ver uma relação entre o título e os temas dos poemas.

Na primeira parte da obra encontramos uma variedade temática, misturando subjetividade amorosa, memorialismo, surrealismo, hai-kais, sensualismo amoroso e erótico e poemas de conteúdo filosófico-existencial.

Na Segunda parte, enfeixam-se os poemas sociais e de protesto, com destaque para “Galo Magro” (p. 57-58), “Cidade Grande” (p. 58-59), “Alegoria da

Fome” (p. 61-62), lembrando bandeirianamente “O Bicho”, “A fome” I e II (p. 61-62), pequeno poema de vigorosa arquitetura sonoro-semântica com um arremate que assusta o leitor menos afeito à poesia de choque, “Guarita” (p. 62-64) e “7 de Setembro” (p. 66-68).

Na terceira parte estão os poemas da natureza, onde canta o mar, os elementos submerso, o vento, e sobretudo as cidades piauienses – Teresina, Campo Maior, Parnaíba, Luzilândia, Barras, Amarante, esta última num lindo poema com ressonâncias dacostianas, num tributo retórico (consciente?) ao recurso da aliteração, que foi largamente utilizado por Da Costa e Silva e que tanto deleite provoca nos leitores do velho bardo amarantino. Vale dizer aqui que Elmar Carvalho – poeta atual – é requintado criador de aliterações. Me chamaram ainda a atenção nesta parte “Lagoa do Portinho” (P. 95-96) e “Livramento: Pedra e Abstração” (p. 96-98). O primeiro é um dos mais belos incluídos no livro, feito de cintilações, da combinação harmoniosa de som e imagem, onde tema e forma unidos pelo tecido literário parecem soltar-se do papel e reverberar diante de nossos olhos deslumbrados: *O sol joalheiro arranca/ das filigranas da água/ cintilações de jóias e de estrelas nas noitescuras/ sem lua lua luar,/ enquanto em canto/ a brisa dedilha/ na lira lírica/ das palmas dos coqueirais/ músicas de (a)mar e sonh(ar)*. O segundo é um mergulho na infância do poeta, força emotiva. também aqui ao ouvido atento do analista e do leitor cuidadoso afloram as ressonâncias da tradição literária, nesse “entrelaçar de vozes” (Alberto da Costa e Silva), que nos levam instintivamente aos páramos dacostianos do “Carrossel Fantasma”, com o tópico do **ubi sunt**, por sua vez, também usado por Manuel Bandeira no poema “Profundamente”. Este poema de Elmar Carvalho é também um dos mais belos no livro: *Sinto ainda sempre e agora/ uma ampulheta derramar sobre mim/ o frescor macio da areia e a sombra/ verdoenga da mangueira/ e me trazer intacta e completa/ a minha mais feliz meninice*.

A grande novidade, ponto alto do presente livro, é o poema “A Zona Planetária”, compreendido na última parte, segundo o autor, “inspirado” numa zona de meretrício de nome homônimo da cidade de Campo Maior, berço natal do poeta. Para a feitura desse poema, conforme palavras do autor, foram convocadas

“a mitologia greco-romana, a astronomia e a sociologia dos cabarés”. Com este poema só podemos reafirmar estarmos diante de um artista do verso, senhor de seu ofício e consciente de sua engenharia poética. Combinando o perfeito conhecimento da história da mitologia greco-romana, Elmar Carvalho procurou realizar, como ele afirma, à maneira épica, um poema moderno tecido nas malhas dos recursos intertextuais, atingindo a meta pretendida: a de fundir a Antigüidade Clássica na mitologia da **modernidade do discurso poético**, num trabalho paciente e sem rebaixar o nível de poeticidade. O que foi retrabalhar o poético canônico, as figuras mitológicas, o tema, o andamento do verso, as ações e funções dos personagens. Porém, do amálgama saiu o sinete do artífice, senhor da sua estratégia, malabarista do verso, timoneiro da sua navegação. Não se perdeu na borrasca e na sua “epopéia”. Saiu ileso da empreitada e conseguiu este feito: introduziu, ainda que em doses mínimas, o elemento da modernidade ao nível morfossintático-semântico na roupagem solene e profana da tradição épica, provocando o estranhamento da gramática poética de dicção moderna, i. e., para o discurso convergiram a palavra sacralizada de mistura com o choque da banalidade da palavra apoética: *Calipígia, de belas nádegas navegantes/ de bela bunda ondulante*.

Um outro ponto alto do volume seria o poema “Dalilíada”, com intenção, segundo o poeta, de realizar um poema épico, formado de 40 estrofes. A caracterização de épico tanto aqui como na “A Zona Planetária”, mereceria uma análise à parte. Aqui também dá mostras de ousadia e experimentalismo, porque o poeta incursiona pelo surrealismo, através ainda do suporte da intertextualidade, desta vez não oriunda da matéria literária mas da pictórica e da biografia do pintor Salvador Dali. É mais um salto qualitativo na trajetória de Elmar Carvalho. O poema me parece irrepreensível formal e tematicamente. A sua natureza cerebral, dadas as implicações com o movimento de Vanguarda, mereceria estudo à parte.

Entre o poema “A zona planetária” e “Dalilíada”, há um poema de título “Sexo” (p. 111) que nos prende a atenção. Reúne perícia artesanal discursiva com potencialidade de temática erótica. Jogando com os campos visual e espacial, o poeta consegue um efeito de excelência num entrecruzamento de antíteses,

aliterações, paranomásias, onde as alternâncias vocálicas e consonantais, num ludismo morfossintático-semântico-sonoro (traços detectados também em outros poemas do livro), dão um banho de retórica a serviço de estuante modernidade. No final do poema, um achado imagético de fino efeito humorístico: *vira e mexe/ mexe e vira/ sobe e cai/ cai e pira/ tira delira/ pinto pinga/ ping pong*.

Merecem atenção os poemas sob o título “Álbum de Figurinhas” (p. 121-122), “Desastre Ecológico” (p. 122), “Última Cartada” (p. 122-123), “Insônia” (p. 124-125), todos da 4ª parte.

Os poemas sob o título **Poemitos da Parnaíba** (p. 125-135) são, contudo, de alcance menor. Reúnem um microcosmo de figuras populares da cidade de Parnaíba, personagens de carne e osso que inspiram risos, lágrimas ou respeito – criaturas marginais, excêntricas ou mesmo de importância cultural ou memorialística. Entretanto, o grupo que daí nos chama mais a atenção é o daquelas figuras caricatas, frutos das deformidades físicas ou morais – mundo de seres que, em qualquer parte, compõem a galeria das (nossas) misérias humanas.

Com esta obra julgo que Elmar Carvalho tem já reservada uma posição proeminente nos quadros da poesia piauiense da atualidade. Tem repertório próprio e inconfundível. Conhece seu percurso. Só lhe resta multiplicá-lo em novas obras que só enriquecerão a lírica brasileira contemporânea.

Em edição futura espero que o livro traga um sumário ou índice, para facilidade na localização dos poemas.

Rio de Janeiro, junho de 1996

---

(\*) Texto publicado na revista **Cadernos de Teresina**, ano X, nº 23, agosto de 1996. O autor é professor universitário de literatura, no Rio de Janeiro - RJ, poliglota, crítico literário, e faz doutorado em sua disciplina.

## A IMAGEM POÉTICA EM ELMAR CARVALHO

José Ribamar Neres Costa

(Professor- Especialista em Literatura Brasileira)

Ezra Pound, em seu livro **ABC of Reading**, diz que poesia “é a mais condensada forma de expressão verbal” e que “usamos uma palavra para lançar uma imagem visual na imaginação do leitor ou a saturamos de um som ou usamos grupos de palavras para obter esse efeito”. Alfredo Bosi, em seu ensaio *Imagem, Discurso*, enfeixado no volume intitulado **O ser e o Tempo da Poesia**, deixa claro que “a experiência da imagem, anterior à da palavra, vem enraizar-se no corpo”, acrescentando que “toda imagem pode fascinar como uma aparição capaz de perseguir”. Lendo as palavras dos mestres supracitados, podemos perceber a importância do jogo imagístico para o poeta que deseja dar a seus textos uma aura de sublimação poética.

O que parece ser lógico, no entanto, não encontra ressonância na produção literária da maioria dos homens de letras da atualidade. Aos poucos, a poesia foi perdendo seu poder formador de imagens e começou a assumir um papel burocrático, tornando-se, às vezes, meras descrições ou narrações descaracterizadas pelo uso constante de chavões. No entanto, felizmente, há ainda alguns poetas que fogem ao estilo padronizado e buscam tirar imagens de palavras que poderiam cair em um vazio contudístico ou apresentar apenas seu sentido mais usual. Entre tais poetas, podemos citar Elmar Carvalho, escritor piauiense nascido em Campo Maior e autor de **A Rosa dos Ventos Gerais** (Teresina: EDUFPI, 1996).

Em sua busca de imagens, mas sem esquecer-se da economia verbal, uma das bases da boa poesia, Elmar Carvalho, ao longo do livro supracitado, abusa do uso dos parênteses, utilizando-os como recurso que visa à plurissignificação de algumas palavras, dando-lhes novas conotações de acordo com o contexto. Conforme podemos perceber no exemplo abaixo:

*tramas e tramóias*

*arma(dilha) a(r)mada*

*a(r)mada arma(dilha)*

*entocadas nas tocaias*

*(...)*

*faz uma teia de renda*

*em forma de rede de pe(s)car*

*e me amor(tece) e me amor(daça) (Pág. 25-26)*

Notar que nos fragmentos acima os jogos de palavras (arma/armadilha, armada/amada, pecar/pescar, amor/amortece/amordaça) servem para dar à leitura um tom de dubiedade. A palavra “arma” tanto pode ser substantivo como verbo, assim como há o entrelaçamento de termos que imitam a arte anunciada no título – Trabalho de Cestaria e Renda. O mostrar-esconder dos vocábulos remete imediatamente ao próprio ato de tecer cestas e de fazer rendas.

A metáforização é um outro recurso muito utilizado pelo escritor para passar ao leitor algumas imagens de extrema densidade lírica e de forte poder pictórico. É o caso, por exemplo, do poema Egocentrismo (pág. 25), em que temos novamente o jogo de palavras que, associado a dados históricos e a um trabalho de linguagem, traz um ritmo mesclado de alegoria e introspecção:

*espirrei*

*na réstia de luz*

*da janela do meu quarto*

*e fiz surgir um*

*arco-íris*  
*arco-do-triunfo*  
*sob o qual*  
*napoleonicamente passei*  
*sobre o qual caminhei*  
*em busca do*  
*velocino de ouro*  
*coroadado com o*  
*l'ouro*  
*de minha própria*  
*alquimia*

Muitas outras metáforas também chamam a atenção do leitor, como os seguintes versos de Sal Sol Solidão (pág. 19), em que diz que “A solidão é uma aranha/ tecendo teias de saudade/ onde ela própria se enleia”. Ou ainda esses versos de A Ponte na Memória: “Meu sonho de malas prontas/ é passageiro e tripulação/ do casario – navio que navega/ ao se deixar navegar” (pág. 12).

Dentre as tantas imagens encontradas no livro, duas merecem um destaque especial. A primeira é a do pequeno poema O Favelado (pág. 62). Em apenas três versos podemos encontrar crítica social, lirismo, angústia e um certo humor contido. Vale a pena ler essas três linhas que são a síntese de uma realidade que não deveria existir:

*O favelado, qual filósofo meditava:*  
*sua miséria era tamanha*  
*que tudo enchia e ainda sobrava.*

O outro texto a ser destacado é Dalilíada – poema épico inspirado na vida e na obra de Dali (pág. 112-121). Um longo poema que abraça alguns pontos surrealistas, numa reprodução da própria arte do genial pintor espanhol, um verdadeiro poeta das linhas e das cores. Os primeiros versos já deixam antever

parte (“toda arte’manha manhosa”) do que, aos poucos, ao longo do texto, torna-se comum ao pintor homenageado e ao poeta que executa fragmentariamente uma tela com palavras. A primeira parte do poema (de um total de 40) traz uma “pintura” vocabular e uma idéia geral das características básicas da obra do artista europeu.

*Com seu recurvo bigode surreal*

*– chifre e agulhão –*

*Dali touro e toureiro*

*toureia consigo mesmo.*

*Dali      Daqui      Dacolá*

*Daquém              Dalém*

*de toda p’arte*

*de toda arte’manha manhosa*

*de toda antemanhã maviosa*

*onde arde uma tarde*

*dentro da noite/dia surreal*

*que não é feita de preto e branco*

*mas de cores (b)errantes*

*e nunca de pusilânimes*

*cores cambiantes*

Um outro recurso também muito utilizado por Elmar Carvalho é o artifício de separar palavra em pontos estratégicos, fazendo com que a leitura assuma um duplo sentido. Isso faz com que o leitor tenha de frear a leitura para perceber as diversas nuances exploradas nos textos. O efeito de tal recurso estilístico é semelhante ao do uso dos parênteses, com a vantagem de permitir maior plasticidade ao poema. Como no fragmento a seguir (Noturno em Dor Maior, pág. 24):

*um vaga-*

*lume vaga*  
*sem lume*  
*vaga-*  
*rosa/mente*  
*demente*  
*na noite vaga*

Dezenas de outras belas imagens poéticas povoam as páginas do livro de Elmar Carvalho. O próprio título – **A Rosa dos Ventos Gerais** – já nos remete a um campo semântico de expectativa de poesia multifacetada, de várias direções a serem seguidas e da esperança de chegada a um ponto ainda indefinido e talvez nunca alcançável. Afinal, como deixa claro o autor, vivemos numa eterna (in)definição, pois todo homem é “aquele/ que ateia fogo/ e dança sobre as brasas/ e sobre as cinzas do caos/ e sonha em não ser/ o ser que é/ e não é”.

## O MUNDO POÉTICO DE ELMAR CARVALHO

Cléa Rezende Neves de Melo (\*)

(Da Academia de Letras do Vale do Longá)

A poesia de Elmar Carvalho caracteriza-se pelo predomínio da imaginação e da sensibilidade.

Seja qual for o tema abordado por Elmar, surge a marca da tendência à subjetividade, própria de quem ama, do amor que produz a solidão, a evasão do real pela fantasia e o sonho. Nessas poesias, o autor retrata os aspectos do amor que partem dos desejos sensuais, para conjugar-se através dos sentimentos.

Sua temática romântica se concreta em dois tópicos: o amor e o desengano. Com ele se relacionam a mulher amada, a ilusão, a glória, o fracasso e a mítica dos cabarés.

As composições líricas, lembram, às vezes, o sabor neoclássico; embora românticas, as poesias tendem mais para o “amor-razão”.

Com o espírito também ligado à eloqüência, Elmar, resiste à força maior da sensibilidade.

Utiliza vários recursos românticos, tais como efeitos sonoros, sonhos, passar do tempo, a natureza e estilísticos com metáforas grandiosas.

Nota-se que no temperamento romântico do autor, há uma controlada disciplina formal, um tanto parnasiana, talvez, por influência de Olavo Bilac e do francês, Theophile Gautier, através da recriação do mundo clássico, retirada dos motivos greco-romanos, de imagens aprazíveis, percebidas em alguns poemas do “Cancioneiro dos Ventos Gerais”.

É o gosto do autor pelo exótico e o diferente.

O poeta faz um brilhante passeio pelo surrealismo espanhol, no poema épico, “Dalilíada”, inspirado no artista plástico Salvador Dalí, que com Federico García Lorca e Luís Buñuel, formou a trindade do movimento poético, literário e artístico, na Espanha. Lançado em 1924, por André Breton, pregava o renascimento de todos os valores, inclusive, os morais, políticos, científicos e filosóficos.

Homem do seu tempo, Elmar, de inspiração variada, enfoca, também, as mazelas modernas, os amores fugazes, a sensualidade da mulher, revelando-lhe a beleza física, a perda irreparável da irmã, os flagrantes cotidianos e, principalmente, os anseios da juventude ainda tão próxima de sua etapa de vida.

Passear pelo mundo poético de Elmar, foi retornar ao Piauí das minhas lembranças eternas, no talento do jovem vate conterrâneo.

Brasília, abril/1997.

---

(\*) A autora é professora universitária em Brasília, autora de vários livros e colaboradora de vários periódicos. Membro da diretoria da Associação Nacional de Escritores – ANE.

## **ANÉIS DE SATURNO**

Oswaldo Monteiro

(Da UBE-PI)

Comemorando com amigos o aniversário de um amigo que completara quarenta e um anos, José Saramago registrou a data como – “uma mocidade” – e recitou o seu poema “Lugar comum do quadragenário”:

Quinze mil dias secos são passados,

Quinze mil ocasiões que se perderam,  
Quinze mil sóis inúteis que nasceram,  
Hora a hora contados  
Neste solene, mas grotesco gesto  
De dar corda a relógios inventados  
Para buscar, nos anos que esqueceram,  
A paciência de ir vivendo o resto.

E o escritor e poeta se pergunta, e se responde: “Como vejo isto, trinta anos depois? – Sorrio, encolho os ombros, e penso: que coisas não dizemos aos quarenta anos...” Registro aqui Saramago lembrando o nosso poeta Elmar Carvalho que acaba de lançar o seu furacão “A Rosa dos Ventos Gerais”, gráfica da UFPI, Teresina, 1996. Elmar é quadragenário, e fico a perguntar-me, se após trinta anos, lá pelos idos de 2.027, Elmar repetiria Saramago: - “que coisas não escrevemos aos quarenta anos!” Talvez não, talvez fosse o contrário, a sensação de que valeu a pena. A obra de Elmar Carvalho me parece madura, cerebral, emocional, com muito de transpiração e inspiração. Deixemos que os poetas e críticos digam, sou um pobre cronista, mudo na lira, mas não surdo. De Elmar falaram e bem, Cunha e Silva Filho, crítico da mais alta cepa; Hardi Filho, farol poético, olho clínico a vislumbrar talentos, guru por excelência a apresentar quasares (quase astros); Alcenor Candeira Filho, poeta e crítico visceral; e Teresinha Queiroz. Ah! Teresinha Queiroz, pequeno frasco de grandes essências, talento incontestável; considerando-se leitora circunstancial, atinge o âmago e o ego do poeta, quando afirma: “Elmar sucumbe, se submete, capitula e que apesar da resistência, este livro é de entrega”. Calem-se com estas palavras, para sempre, os críticos de Elmar Carvalho. Elmar perscruta a rica memória elaboradíssima da sua juventude em Campo Maior. Engaja-se e lamenta o descaso para com o patrimônio público, parte cruel e irresponsavelmente aniquilado. O erotismo vem à tona, “explosão da gênese e do caos/ repercute nos gritos, nos fungados/ e gemidos dos embates sexuais”. “Nas calçadas altas da Zona Planetária/ meretrizes expõem suas carnes/ em varais de açougues

imaginários"... Vai ao sexo dos anjos para encontrar seres alados de falos decepados e vaginas obturadas. O épico "A Zona Planetária" merece destaque em negrito e em neon. Fica na última parte do livro e diz Cunha e Silva Filho ser o ponto alto da obra. Para sua elaboração o poeta com certeza foi em busca funda a subsídios da mitologia greco-romana, astronomia e na sociologia dos cabarés. Evitando linguagem rasteira que o tema poderia suscitar em bocas profanas, o poeta utiliza instrumental de imagens, metáforas, aliteraões, rimas toantes e consoantes. Liquidificando a astronomia, a mitologia e a sociologia dos lupanares, Elmar Carvalho nos serviu coquetel literário do mais fino e adocicado sabor. Orgasmo literário. A zona existiu mesmo. Zona meretrícia onde cada cabaré recebia batismo de fogo com desenho à fachada, do planeta e nome correspondente. Assim, Saturno e seus anéis, lá estava, nome e desenho à fachada. O jovem poeta de então, instigado pelo amigo Walter e Silva Mendes, que lhe conhecia dotes e talentos, concebeu o poema. E deu no que deu.

Revelou—nos o poeta Elmar Carvalho que a outrora pujante "Zona Planetária" ficou resumida aos decadentes cabarés da rua Santo Antônio, última resistência da cidadela dos velhos tempos. O poético nome de "zona planetária" é atribuído ao major e músico Honório Bona Neto, cujo histórico sobrado residencial ainda se encontra de pé, embora bambo, inclinado qual torre de Pisa, ameaçando desabar caso o descaso persista. Um detalhe: num perímetro de poucos metros, a moçada limpava os pecados na missa da Matriz, depois se excitava nos namoros da praça Bona Primo, para em seguida descarregar e se apaziguar na Zona Planetária. Um sexo sem medo e sem pavor, carne na carne, exceto pela ciladas ocasionais dos treponemas, das gonorréias da belle époque, das mulas insidiosas e dos árdegos cavalos com e sem crista.

COMENTÁRIOS

sobre

**ROSA DOS VENTOS GERAIS**

e excertos a patentear figuras e tropos

que lhe exornam o texto,

elaborados os primeiros e seleccionados os segundos

por

JOSÉ DE RIBAMAR FREITAS

RESUMO: I. Considerações iniciais. II. Termos, cujo uso, segundo a Poética, não é permitido. III. Fatores de ANOMIA. IV. Caráter da poesia do autor. V. Análise de trechos escolhidos. VI. Algumas figuras de palavras, de pensamentos, e tropos que exornam as composições do autor.

I. Que é poesia? É a manifestação de um talento de feição particular, alteada com a concepção e o estilo.

Dessarte, pode dizer-se que há versos sem poesia e poesia sem versos.

II. Relevante é a questão do uso poético dos termos. Até o começo deste século, vigia pacificamente a regra, segundo a qual não havia idioma que não possuísse termos reservados à poesia, bem como outros termos, que dela eram proscritos. Seriam os últimos os que exprimissem objetos ou idéias desagradáveis, indecorosas ou, ainda, indiferentes para a imaginação, quais, p. ex., termos científicos ou técnicos, e os que se empregam no fluir prosaico dos dias ou nos afazeres vulgares da vida.

Incidiram nesse anátema AUGUSTO DOS ANJOS, no Brasil, por abusar de termos científicos, e JAKOB VON HODDIS, na Alemanha, por predileção para com termos cediços e idéias triviais.

ELMAR CARVALHO, doravante, por antonomásia, O POETA, qual o é da nova geração, acomete aquelas normas e, altaneiro, versa:

Dedo em riste,  
muito feroz e muito triste,  
o homem grosso e imundo falou:

Deixo ao leitor a curiosidade de cientificar-se do que disse o homem grosso e imundo.

III. Ora, é universalmente aceito (e continua a o ser) que poesia é “voo de sublime ideia”.

Que motivos animaram O POETA a contravir, às vezes, à substância dessa metáfora?

A explicação de tal rebeldia se fundamenta nisto: O POETA, vero e franco, num teor realista próprio destes tempos, descreve cenas vis com a liberdade e simpleza que lhe conferem:

a) a lesão do sentimento de justiça, hoje contínua e cumuladamente a recair na base da pirâmide social;

b) a pressão econômica, geradora de pobreza, que esmaga os excluídos;

c) o cansaço de estar a cumprir um mar imenso de normas, dentro das quais queda mergulhado o homem moderno, e por elas agrilhado; desse cansaço há de advir a desobediência a algumas delas;

d) ao contrário de antigamente, a geral e iterada satisfação imediata do prazer do momento, prazer que todos anelam, à fina força, lograr;

e) os desejos artificiais oriundos da constante propaganda e as novas ondas de necessidades que o vezo de consumo suscita;

f) as sucessivas mudanças e o envelhecimento precoce das novidades;

g) os vazios preenchidos pela sensualidade desenfreada, abertos os diques que a Moral havia erguido e desde muitos séculos conservara, tudo por conta de fatores demográficos e de urbanização, e também da assombrosa e incoercível influência da **mídia**, na qual interesses econômicos aconselham assoalhar tudo o que é violento, espúrio, danoso, ao cabo, disseminar nas casas de famílias, a vasa e as fezes da sociedade. Repare-se: dada essa pedagogia malsã, há até juízes, presentemente, que já não condenam a ninguém que

transgrida o preceito do art. 242 do Código Penal (sedução) e o do 264 do mesmo Código (adultério) – **fenômeno de descriminalização**.

Por outro lado, as manifestações de ira desabusada, de furor incontido, constituem o efeito necessário do **rebaixamento (ou declinação) da capacidade de tolerância** do homem, reação inconsciente contra o excesso de humilhação, de exploração, de injustiça, tudo curtido em silêncio, e donde, qual válvula de escape, há de aflorar, no homem esmagado, uma torrente de imprecações chulas e de palavrões desabridos, a liberar a pressão interior, que alcançou um extremo de tensão, já insuportável.

Tais são, todos – fatores de ANOMIA. Eis por que, freqüentemente, se violam normas jurídicas, especialmente normas penais, se traspassam normas morais, se transgridem, ainda, normas religiosas, e se contravêm, demais a mais, a normas artísticas! Aqui é que bate o ponto!

Diante disso, fica O POETA plenamente justificado, no que tange a termos e conceitos que **dantes** não tinham guarida em composições poéticas.

Na verdade, a sua poesia reflete o **autêntico, o veraz**, e traduz, em todo o espectro de circunstâncias, de dependências, de conjunturas, a realidade do meio e os anseios da comunidade, além das aspirações legítimas de sua alma forte, ousada, que carrega, também, como toda a gente, sobre os ombros, aqueles **ônera**, ante os quais PAPINI ousou escrever um livro, cujo título “O homem desorientado” se me figura extremamente sugestivo.

IV. Pois bem! A obra d’O POETA contém, na quase totalidade, rasgos de sentimentos nobres. Muito para notar é o ideal da sensibilidade, da compreensão, das ações, dos caracteres, isto é, da natureza mesma, despojada pela imaginação, nalgumas de suas composições, de toda a mistura de elementos diversos, nocivos à unidade da impressão poética.

V. Outrossim, na poesia, de que se trata, não há frigidez, nem indiferença. Nisso, por um atavismo louvável e misterioso, O POETA se compraz de consonar com a lição de BOILEAU:

*La passion émue*

*Aille chercher le coeur, l' échauffe et le remue.*

Aproposita-se-me citar, aqui, alguns trechos significativos das composições do POETA.

Por exemplo:

Sou Sagitário

armado de arco e flecha

p. 11

Ainda quando alguns valores estejam em crise, começam eles, num **fieri** constante, a gerar nova luz; nos desvãos, já há reflexos menos cinéreos. Já há uma vereda clara, trilhada por essa juventude impávida, que se não submete a grilhões. Por isso, está o poeta armado de arco e flecha, a afrontar verdugos. E O POETA o confirma:

Sou a

força que arrebenta

correntes

e abre cadeados e prisões.

p. 68 e 69

(A ânsia por asas e

a sede de infinito.)

p.13

Eis a eterna inquietude d'O POETA, que porfia em subir ao etéreo páramo tal, qual MARTINS NAPOLEÃO, em concisos versos, confessa aspirar a desligar-se dos laços da família, da profissão, da pátria, para librar-se ao infinito.

O POETA tanto se insurge, nesse dístico, contra a aspereza da vida e a indiferença dos homens, quanto não se corre de ser

Judeu errante  
e sem remissão

.....

fugindo sempre  
de si mesmo

p.13

Sabe O POETA que DEUS nunca deu asas a ninguém para fugir ao sofrimento. Não obstante, firma ele um símbolo de radiação universal e contágio inexcedível, porque a sua voz se há de ouvir como um hino à liberdade e como razão suficiente do constante pelear (“a vida é combate”) que ao homem enobrece e ao espírito edifica. Nesse símbolo, O POETA mede o próprio valor interior para pôr em relevo o anelo do seu coração.

Na parada de 7 de setembro

.....

criancinhas pobres,  
cheias de vermes  
e vazias de esperanças,  
desfilam famintas,

.....

mas o olhar é triste.

.....

nada sabem  
do heroísmo,  
do patriotismo,  
do civismo  
dos “patriopanças”

Grande parte do povo brasileiro vegeta enfermiço, faminto, miserável. O POETA denuncia, altivo, essa monstruosidade. O homem é a maior riqueza, e não há de sofrer (sem opor-se-lhe um protesto) a exploração que lhe inflige o próprio homem. E O POETA avulta o talhe e se rebela inteiro contra essa injúria, a brandir a adaga açacalada de suas objurgatórias, que abraça mais intensamente que o fogo.

Preconiza O POETA, nas entrelinhas dos seus versos, saídos da pena sem estudo nem premeditação, uma como nova ordem, na qual se hão de dilatar os espíritos no desejo veemente de cumprir a sua vocação, não só para uma vida feliz, senão também para um ritmo humano concorde com os anseios do coração, qual num coro de tonalidade profunda, que faz repousar a alma na suavidade final de um acorde perfeito.

Poderia eu, indefinidamente, continuar a análise do opúsculo d'O POETA, mas os limites de um **Comentário**, como este, m'o impedem.

Para concluir, aponto algumas figuras de palavras, figuras de pensamento, e tropos, que, de passagem, sem nenhum empenho de pesquisa, mas à medida que incidentemente se me deparavam, fui anotando. Muitos tropos e figuras omiti, e também omiti bastos exemplos dos que inicialmente registrei. Meu parabém ao POETA, por ornar, assim, os seus versos.

## **FIGURAS E TROPOS**

### **EPÍNOME**

Um homem segue  
pela rua gelada  
e a sua alma está  
mais gelada engelhada,

que a rua deserta

.....

Nesgas de luz geladas  
conspiram das caladas  
dos calabouços

.....

É triste como  
o canto/pranto  
do galo (...)  
alçado dos alçapões  
pelas madrugadas geladas  
cheias de neves e geadas.

.....

p. 18 e 19

### **EPIZEUXE**

(Ai! Dalí, Dalí, Dalí ...  
O meu corpo sem cabeça,  
como o Farmacêutico de Ampurdán,  
anda à procura de coisa nenhuma.)

p. 48

### **ANTANÁCLASE**

a fome é tanta  
e tanto espanta  
que o ex-grevista de fome  
hoje é grevista com fome

.....

p.62

## **ANADIPLOSE**

Que é Livramento?

Livramento

é uma revoada de santos,

.....

p. 96

## **ANÁFORA**

fui Satã,

fui Cristo,

fui Humano.

p. 54

As águas que rolam

pelas lombadas do morro

.....

lavam os resíduos da cidade,

levam os rejeitos da saudade.

.....

p. 92

## **DIÁCOPE**

Também sou poeta,

Alcides Pinto,

sou poeta.

.....

Sou poeta, Alcides Pinto,

nunca neguei, sou poeta.

p. 69

Escravo,



Superando a relatividade  
do tempo e do espaço,  
quero não estar ao mesmo tempo  
no tempo e no espaço.

.....  
p. 40

### **ELIPSE**

Em noites de névoas e luares  
sofri e cantei perdido nos lupanares.

.....  
p. 53

### **ANÁSTROFE**

Hécate invoca as Fúrias vingadoras  
que das sombras culpadas se apoderam,

.....  
p. 111

### **ENÁLAGE**

Se bem pesado não dava  
sequer meio quilo.

.....  
p. 125

### **HIPÁLAGE**

Na praça Saraiva  
uma flor fez-se borboleta  
e desferiu um voo rasante  
sobre a cabeça do Conselheiro,  
que permaneceu

impassivo e contemplativo  
em sua dura  
postura de escultura:  
hierático e estático.

p. 82 e 83

### **SÍMILE**

Cemitério  
de uma morte  
absoluta e sem fim  
como uma música  
sublime de bandolim  
tangido por dedos mágicos  
de Arcanjo ou Serafim...

p. 91

### **AUXESE**

evocações  
.....  
de lágrimas caudalosas  
.....

p. 34

Eu sou aquele  
que lutou para  
não ser.

p. 33

### **HIPÉRBATON**

Só o tédio absoluto,  
o vazio total,

a negação completa,  
eu sinto sempre.

.....

p. 39

### **PALINÓDIA**

Foi quando eu saía  
para o trabalho.  
O menino, ou antes, um  
bicho assustado correu.

.....

p. 59

### **METÁFORA**

De repente, Átropos corta o fio da vida  
que era tecido pelas Parcas lentamente

.....

p. 101

A sala onde uma velha  
cose o tempo com suas meadas  
é uma janela que se abre  
em outra janela onde  
veleiros navegam ...

.....

p. 114

Olhos de antítese:  
eram bálsamo  
e me fizeram mal.

p. 17

A casa é um navio fantasma  
que navega no tempo e na memória

.....

p. 16

Meu coração  
é uma catedral  
cheia de colunas e fantasmas

.....

p. 17

**Observação:** A composição PALAVRAS DA LIBERDADE, p. 68 e 69, é toda calcada em **METÁFORAS**.

### **METONÍMIA e COMPARAÇÃO**

Uma da tarde. O apito da Moraes  
estridula no ar. Emocionado,  
sinto como se o tempo houvesse parado

.....

p. 21

### Construção afeiçoada de **PERSONIFICAÇÃO** ou **PROSOPOPÉIA**

A lua se esgueira e espreita  
das frestas das nuvens.

.....

p. 80

Do mar eu trouxe  
o vento que dança  
em torno de meus cabelos.

.....  
p. 75

Do mar eu trouxe a cantiga  
do vento na voz dos búzios.

.....  
p. 76

### Construção afeiçoada de **SINÉDOQUE**

Mestre Ageu  
mago das artes escultóricas,  
novo rei Midas do antigo mito  
a transformar em estátuas  
trancos toscos de madeira

.....  
Mestre Ageu,  
Pigmalião dos mágicos toques

.....  
p. 127

### Construção afeiçoada de **SINESTESIA**

mora  
em sua víscera sonora  
e o devora

.....

p. 61

e Teseu surge intacto  
com a espada embebida  
do sangue do Minotauro que traz  
no peito a rosa sangrenta da ferida.

.....  
p. 79

### **DUBITAÇÃO**

Não sei de  
física,  
não sei de  
metafísica.

.....  
Sei que  
existem pássaro e flor

.....  
p. 70

### **OXÍMORON e ASSÍNDETON**

doce amaro  
pródigo  
avaro amarante

.....  
antes sempre após  
agora  
sem agouro sem demora

.....  
p. 93

## **EXERGÁSIA**

Sim, senhores, porque Galo Magro  
era apenas o apelido  
de um menino pobre,  
de um menino feio,  
de um menino com fome,  
de um menino sem nome,

.....  
p. 57

minha estrada  
é a esteira de luz  
que o sol traça no mar.  
Meu arco-do-triunfo  
é o arco-íris  
que o Sol pinta no céu.

.....  
Então eu:

.....  
percorro a estrada de luz do sol no mar,  
passo por baixo do arco-íris do triunfo:

.....  
p. 45

## **PARADOXO**

Minhas células espalhadas  
por uma tempestade que  
partiu de mim.

.....  
p. 48

### **ANTÍTESE**

Eu sou aquele  
que aprendeu  
a pecar para  
ter a humildade  
de não ter uma  
virtude

.....  
p. 33

Sei que  
alguma coisa está errada  
porque o povo era pra ser  
tudo  
e agora não é nada.

.....  
p. 70

### **OBRAS CONSULTADAS**

**PEIXOTO**, Afrânio. Autos e Loas. Rio, Jackson, 1947, p. 277 a 283.

**RIBEIRO**, João. Cartas Devolvidas. Rio, Livr. São José, 1960, p. 5 a 10.

**TAVARES**, Hênio. Teoria Literária. Belo Horizonte, Bernardo Álvares, 1967, p. 333 a 395.

**Diversos Autores**. Humanismo Pluri-dimensional. São Paulo, Loyola, 1974, vol. I, p. 57 a 68.

**PIMENTEL**, M. Pedro. A Sociedade Criminógena. In Revista de Direito Penal, Rio, Forense, 1982, nº 31, p. 87 a 96.

**Diversos autores**. Dictionnaire Général des Lettres, des Beaux-Arts et des Sciences Morales et Politiques. Paris, Delagrave, 1868, p. 1441 a 1445.

## A CONSCIÊNCIA POÉTICA ATUALIZADA

Cunha e Silva Filho

A consciência poética atualizada não é mais privilégio do eixo Rio-São Paulo. Com a chegada das universidades pelo país afora, com as facilidades abertas pelos meios de comunicação e aprimoramento do editorialismo brasileiro, o país se tornou pequeno, os centros culturais recém-instalados descentralizaram o monopólio intelectual, criaram ambientação própria e não mais representaram apenas ecos das metrópoles. Por isso, não me tem surpreendido a circunstância feliz de que no meu estado, o Piauí, a vida intelectual se nos mostra com todo o seu potencial criativo e, o que é mais significativo, com toda essa força atualizadora do fazer poético.

Jovens poetas do Piauí, como é o caso do Elmar Carvalho, 34 anos, é um exemplo inequívoco de uma voz poética atenta e lúcida da poesia brasileira contemporânea, como facilmente podemos julgar a partir das (re)leituras que fiz de poemas dele reunidos na antologia **Poemágico**, com apresentação elogiosa e insuspeita de Assis Brasil. Infelizmente, a antologia não cheguei a ler, pois foi graças à gentileza do Elmar que seus poemas chegaram a mim em cópia xerox separadamente.

São trinta e um poemas de extensão variada e de temática recorrente: subjetivismo, amor, fome, injustiça, nostalgia, sátira, ironia, natureza, morte, solidão.

Elmar Carvalho é um poeta que canta seus temas com uma elevada consciência de seu labor poético. Não é poeta intuitivo apenas, sua poesia se faz através da habilidade artesanal, do suor do ofício, como é dever de todo artista da palavra. Há nele quase sempre aquela consciência do exercício da arte no sentido de criação pelas palavras, sempre atento ao signo lingüístico nas suas camadas

significantes e significativas. Aliás, essa é uma virtude dele como artista que preza a sua lira e a construção dos seus versos. Se ele paga tributo ao experimentalismo concretista ou até mesmo nele sentimos ressonâncias dos primeiros modernistas, não é menos verdade que o seu veio poético tem pé firme na saudável modernidade da poesia brasileira. O que se deve destacar na sua mensagem poética é esse sentido de atualidade, de querer fazer a poesia da contemporaneidade, em que tanto se empenhou Drummond entre outros, embora também haja em sua temática e postura poética algo de Bandeira. Nem mesmo sei quais são os poetas de sua preferência, ou quais poetas lhe influenciaram a poesia.

Sua temática dominante não se dirige apenas a um ângulo da vida. Elmar Carvalho é poeta cujo **lirismo** mal disfarça o lado **sujo** da poesia da modernidade. Mas esse choque de modernidade nele não chega a ferir o leitor, antes o leva à cumplicidade e à revelação da injustiça dos homens. Sem fazer arte engajada, ele antes se compromete como um criador em revolta contra as mazelas do mundo. Poesia feita da dor própria e alheia, poesia crítica, denunciadora, poesia que faz do amor gorado e da comunicabilidade que se faz solidão. Poesia, pois, de natureza cósmica, agônica, inserida no universo do caos e da iniquidade. Poesia, enfim, criadora de imagens e metáforas belíssimas. Vejam-se-lhe os poemas Autobiografia Zodiacal, Paisagem Marinha, Lagoa do Portinho, Trabalho de Cestaria e Renda, assim como este exemplo de metáfora de grande beleza com que fala da solidão:

“A solidão é uma aranha/tecendo teias de saudade/onde ela própria se enleia”. /

Elmar Carvalho trabalha a palavra poética ou a poética da palavra. Vai fundo nos recursos estilísticos-fônicos-semânticos. Por isso, aprecia o uso das aliterações, da desintegração dos vocábulos, da ambivalência dos vocábulos, mas sem gratuidade, sem forçar os malabarismos fônicos-semânticos, antes valorizando intenções significativas e ampliando os campos semânticos a critério do leitor, num trabalho de co-participação metalingüística. Aliás, nunca se fez tanto uso da metalinguagem quanto na poesia contemporânea. Entretanto, não sei se

esse é o caminho correto que deve nortear sua poesia para o futuro, pois dela esperamos ainda obras poéticas de mais fôlego, uma vez que tais recursos poéticos podem com o tempo desgastar-se, sobretudo porque a poesia levada ao hermetismo, ao cerebralismo, e não estou falando da poesia de Elmar, não há de dominar o futuro da criação poética. O que ele deve, a meu ver, é superar a utilização de aspectos concretistas ou de vanguardismo que já tiveram época e, ao contrário, partir para uma dicção poética que não descure o lirismo humano, esse “canal de humanismo na atribulada consciência da modernidade” (José Guilherme Melquior), emoção que represente a síntese do discurso poético atualizado, amálgama da boa tradição de todos os tempos sem as limitações efêmeras dos ismo datados.

Rio de Janeiro, 1990

### **SÍNTESE BIOGRÁFICA DE ELMAR CARVALHO**

José **Elmar** de Mélo **Carvalho** nasceu em Campo Maior, em 09.04.56. Residiu por vários anos em Parnaíba, onde se formou em Administração de Empresas (UFPI). Reside em Teresina, desde 1982, onde se bacharelou em Direito (UFPI). Exerceu o cargo de Fiscal de Abastecimento e Preços, por concurso público. Filho de Miguel Arcângelo de Deus Carvalho e Rosália Maria de Mélo Carvalho. Casado com Fátima, com quem tem dois filhos: João Miguel e Elmara Cristina.

Colaborou com os seguintes jornais e revistas: A Luta, O Dia, Jornal da Manhã, O Estado, Meio Norte, Folha do Litoral, Norte do Piauí, Inovação, Almanaque da Parnaíba, Presença, Cadernos de Teresina, Suplemento Cultural do Diário Oficial do Estado, revistas do Instituto Histórico de Oeiras e da Academia Piauiense de Letras etc.

Participou das seguintes obras coletivas: Poesia do Campus, Salada Seleta, Em Três Tempos, Galopando, Poemágico, Poemari(t)imos, Poesia Teresinense Hoje, Postais da Cidade Verde, Andarilhos da Palavra (I e II), A Poesia Piauiense no Século XX, de Assis Brasil, Baião de Todos, de Cineas Santos, Nordestes (SESC/SP), Crônicas de Sempre, de Adrião Neto, Antologia dos Poetas Piauienses, de Wilson Carvalho Gonçalves, entre outras. Coautor do livro A Poesia Parnaibana (2001), juntamente com Adrião Neto e Alcenor Candeira Filho.

Autor, entre outros, dos livros Cromos de Campo Maior (1990 e 1995), Noturno de Oeiras (1994), Rosa dos Ventos Gerais (1996 e 2002), Sete Cidades – roteiro de um passeio poético e sentimental (2000), Parnaíba no Coração (2006), Lira dos Cinquentanos (2006), Noturno de Oeiras e outras evocações (2009), Bernardo de Carvalho – o Fundador de Bitorocara (2012), Amar Amarante (2013), Retrato de minha mãe (2013), Confissões de um juiz (2014) e Retrato de meu pai (2016).

Presidiu o Diretório Acadêmico 3 de Março e a União Brasileira de Escritores do Piauí (UBE/PI). Um dos fundadores do jornal mimeografado Abertura. Coordenador do espaço literário Textos e Pretextos, do suplemento do D.O.E. É mencionado nos seguintes livros: Grande Dicionário Histórico-Biográfico Piauiense, de Wilson Carvalho Gonçalves, Dicionário Biográfico Escritores Piauienses de Todos os Tempos, de Adrião Neto, Dicionário Histórico e Geográfico do Estado do Piauí, de Cláudio Bastos, Geração Campo Maior – anotações para uma enciclopédia, de Reginaldo Gonçalves de Lima, Aspectos da Literatura Piauiense, de Alcenor Candeira Filho, Visão Histórica da Literatura Piauiense, de Herculano Moraes, e Dicionário de Poetas Contemporâneos etc.

Recebeu, entre outras, as seguintes honrarias e distinções: Medalha do Mérito Visconde da Parnaíba (Instituto Histórico de Oeiras), Comenda do Mérito Da Costa e Silva (UBE/PI), Personalidade Cultural (UBE/RJ) e Comenda do Mérito Renascença do Piauí (Governo do Estado). Cidadão honorário de várias cidades.

Foi citado no livro Teoria e Prática da Crítica Literária, de Assis Brasil. Além de poeta, é contista, cronista e crítico literário. Foi membro do Conselho Editorial

da Universidade Federal do Piauí, coordenador de Literatura e Editoração e presidente do Conselho Editorial da Fundação Cultural Monsenhor Chaves.

Membro da Academia Piauiense de Letras, da Academia Parnaibana de Letras – APAL, da Academia de Letras do Vale do Longá, da Academia Maçonica de Letras do Estado do Piauí, da Academia de Letras da Magistratura Piauiense, da Academia de Letras e Belas Artes de Floriano e Vale do Parnaíba, da Academia Campomaiorense de Artes e Letras – ACALE, da Academia de Letras do Médio Parnaíba, da Academia de Ciências, Artes e Letras de Piriipiri e da Associação Nacional de Escritores - ANE. Sócio correspondente do Instituto Histórico de Oeiras e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro. Membro do Conselho Estadual do Grande Oriente do Estado do Piauí.

O seu livro Rosa dos Ventos Gerais (1ª edição) recebeu o Prêmio Ribeiro Couto (obra reunida), conferido pela União Brasileira de Escritores – Rio de Janeiro. Um de seus maiores orgulhos é ter pertencido ao **Movimento Social e Cultural Inovação**, que editava o jornal de mesmo nome, cuja saga gloriosa narrou em ensaio, publicado na revista Cadernos de Teresina e no livro A Poesia Parnaibana. Juiz de Direito.

Ao aposentar-se, no dia 19 de dezembro de 2014, quando fazia exatamente 17 anos de magistratura (e mais de 39 de serviço público), publicou o livro Confissões de um juiz. Tem vários publicados livros na [www.amazon.com.br](http://www.amazon.com.br). Desde janeiro de 2010, é titular do blog [poetaelmar.blogspot.com.br](http://poetaelmar.blogspot.com.br).